

OSWALD DE ANDRADE

TEATRO

A MORTA — O REI DA VELA



Livraria JOSÉ OLYMPIO Editora

MAR MORTO

(dos "Romances da Baía")

DE

JORGE AMADO

"Daí a especialíssima impressão que me causa — única, inconfundível e *trágica*. Trágica no sentido grego da palavra. Na planura da literatura brasileira JORGE AMADO vai ficar como um bloco subitamente de montanha hispida, cheia de alcantás, de caverna, de precipícios, de massas brutas de natureza".

MONTEIRO LOBATO

"A linguagem tem a beleza rara da simplicidade. Ambiente de cais, costumes de homens do mar, suas vidas aventurosas, seus amores violentos, suas crenças, tudo isso está em "Mar Morto" como num longo poema. "Mar Morto" é poesia, da que não morreu e não morrerá, cantando o homem e o mar".

OCTAVIO TARQUINIO DE SOUZA

"...é o tipo do escritor verdadeiro, que fatalmente escritor, e que por isso mesmo foi subindo, foi subindo".

MARIO DE ANDRADE

"E' o poema dos praieiros, o poema épico e amoroso dos homens do mar. Qualquer das suas paginas honra a mais exigente antologia. Repito, estou maravilhado".

JOÃO CORDEIRO

"Um dos maiores romances brasileiros e dos mais notáveis em português".

HENRIQUE CÂNCIO

"Poucas paginas na lingua portuguesa terão atingido á beleza desse romance de JORGE AMADO".

DIAS DA COSTA

"Li o "Mar Morto". A sua prosa é assim como a agua de um rio. Vai levando a gente para o fim, com toda a naturalidade".

JAIR SILVA

"Em "Mar Morto" os instantes condenáveis são realmente esporádicos, pois a atmosfera permanente do romance é a ansiedade, a poesia do amor, do mar, da morte".

TASSO DA SILVEIRA

"Em "Mar Morto, o sr. JORGE AMADO afirma a sua personalidade de escritor de uma maneira admirável. A poesia desse livro é de uma estranha força. E' uma poesia escura, marítima, ondulosa. Uma poesia triste como a musica de certos ventos que veem do mar alto!"

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT

rien

s

eté

(Des livres)

ris

ndlin

OSWALD DE ANDRADE

Para
Teatro Municipal
An
TEATRO

cordelmente
A MORTA

Oswald de Andrade
1937

O REI DA VELA

1937

Livraria JOSE' OLYMPIO Editora

Rio de Janeiro

Le ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

OSWALD DE ANDRADE

Para
An
Rio Mendonca
TEATRO

cordelamente
A MORTA

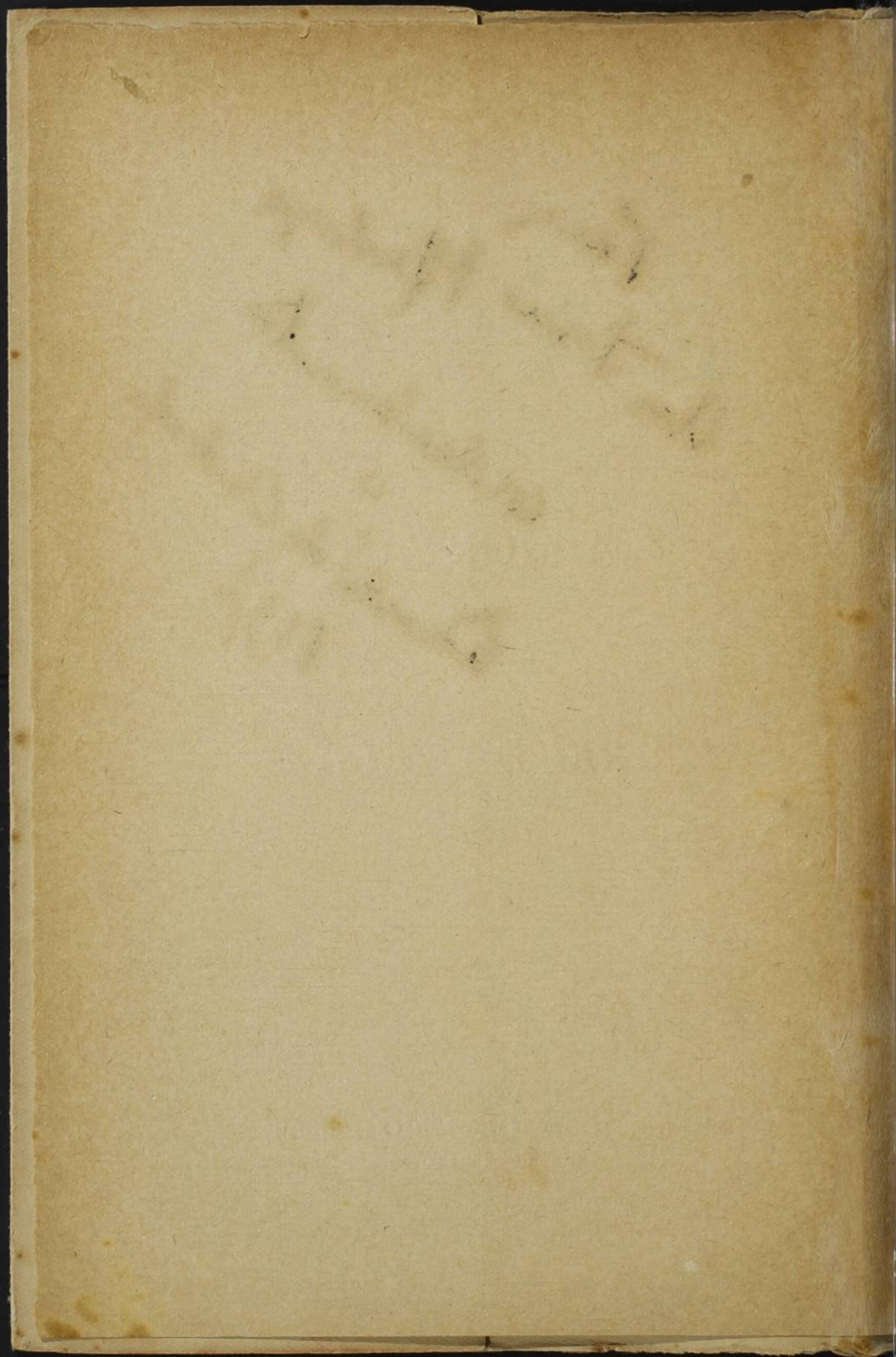
de Andrade
1937

O REI DA VELA

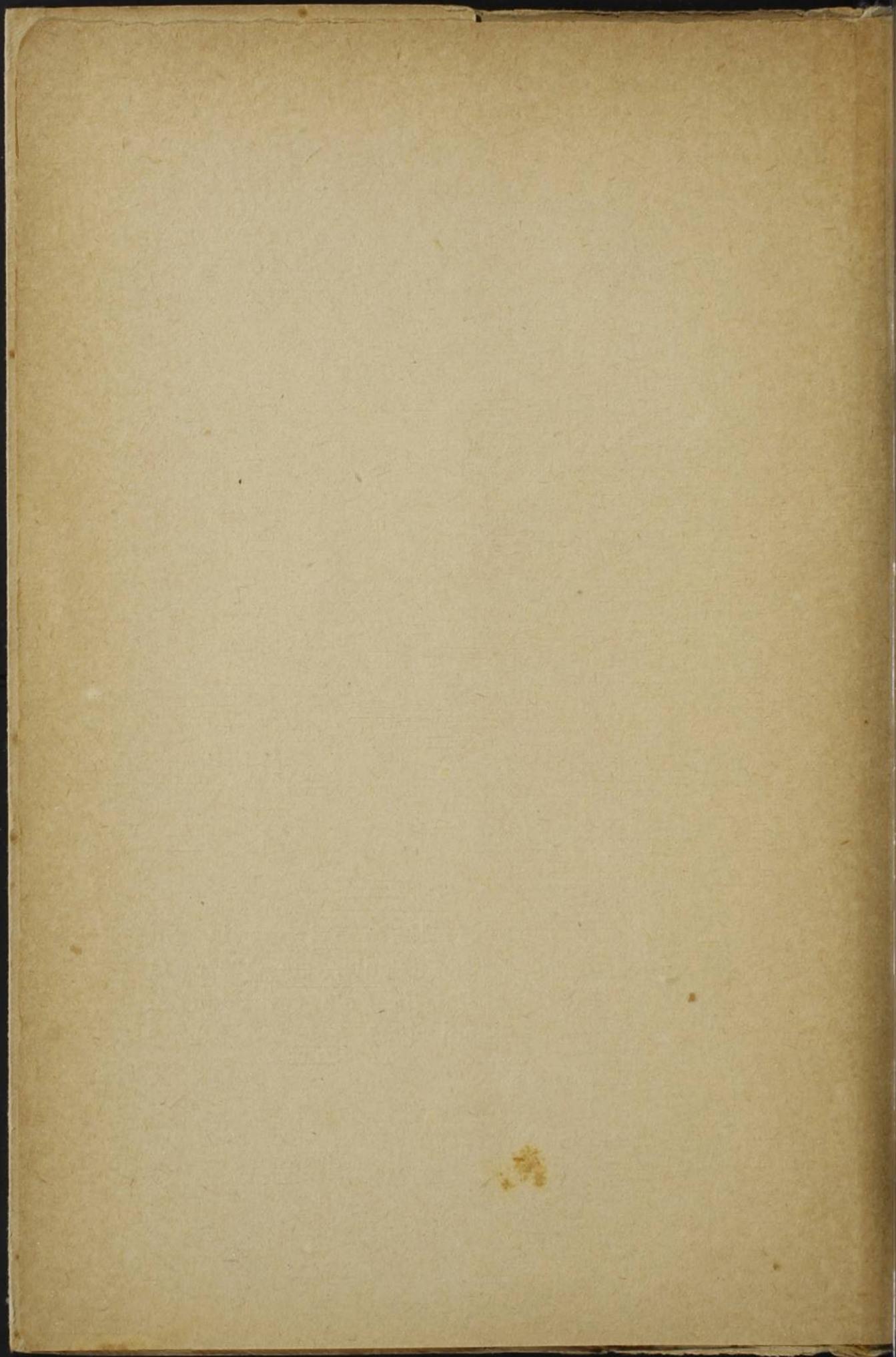
1937

Livraria JOSE' OLYMPIO Editora

Rio de Janeiro

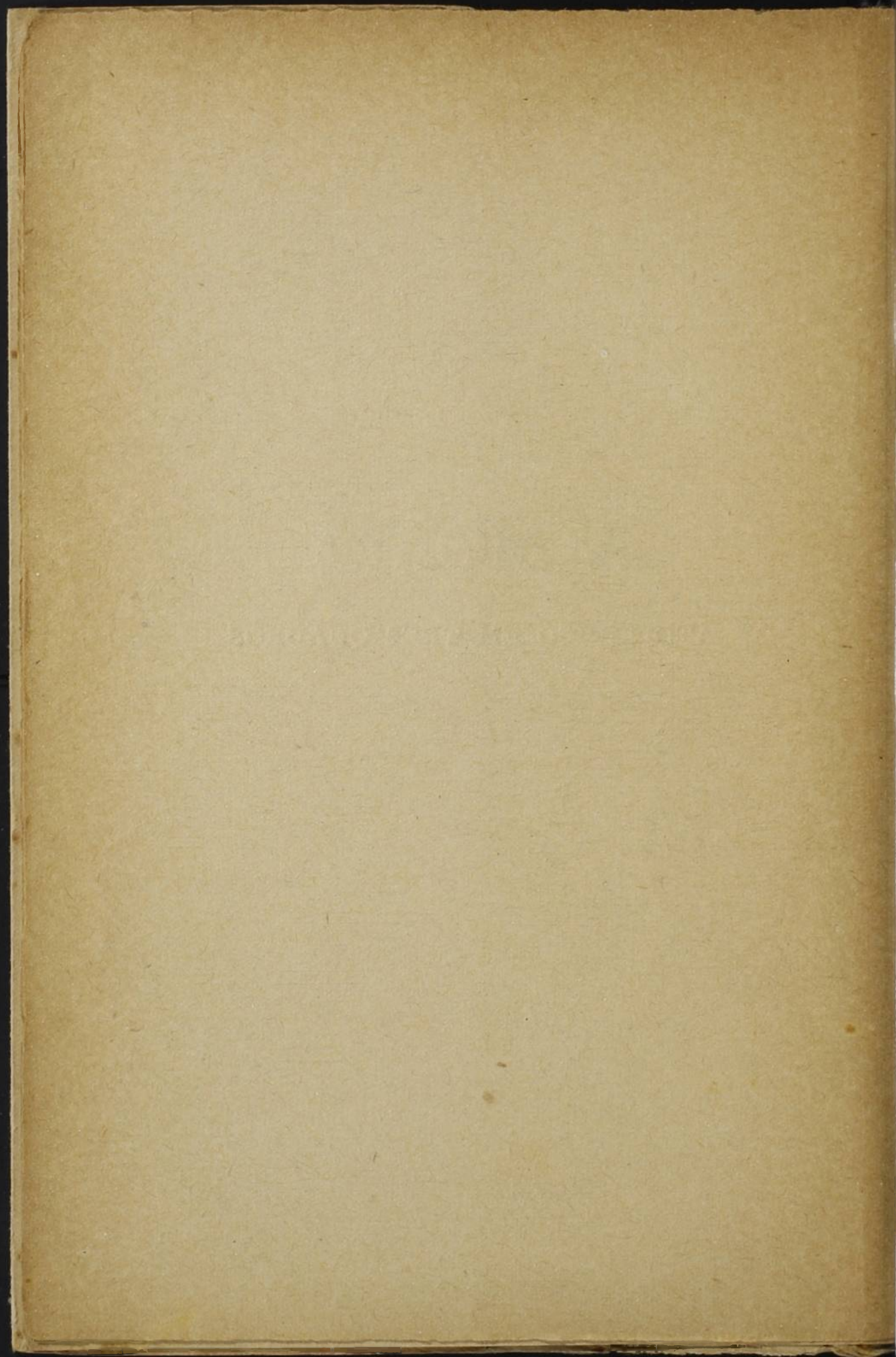


A Morta foi escrita em
São Paulo, em 1937. *O
Rei da Vela* em Paquetá,
em 1933.



A MORTA

ATO LÍRICO EM TRES QUADROS



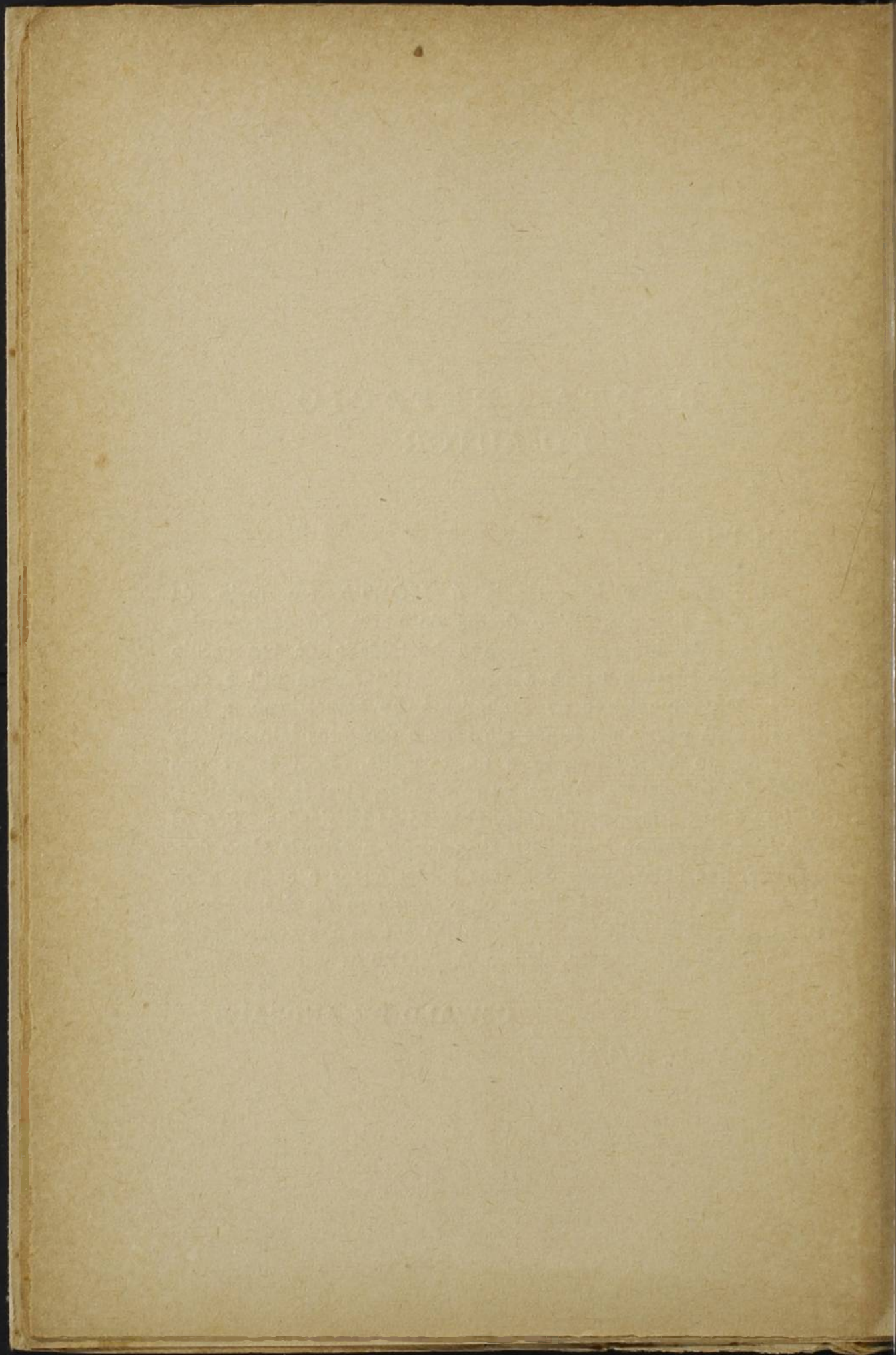
CARTA-PREFACIO DO AUTOR

Julieta Barbara

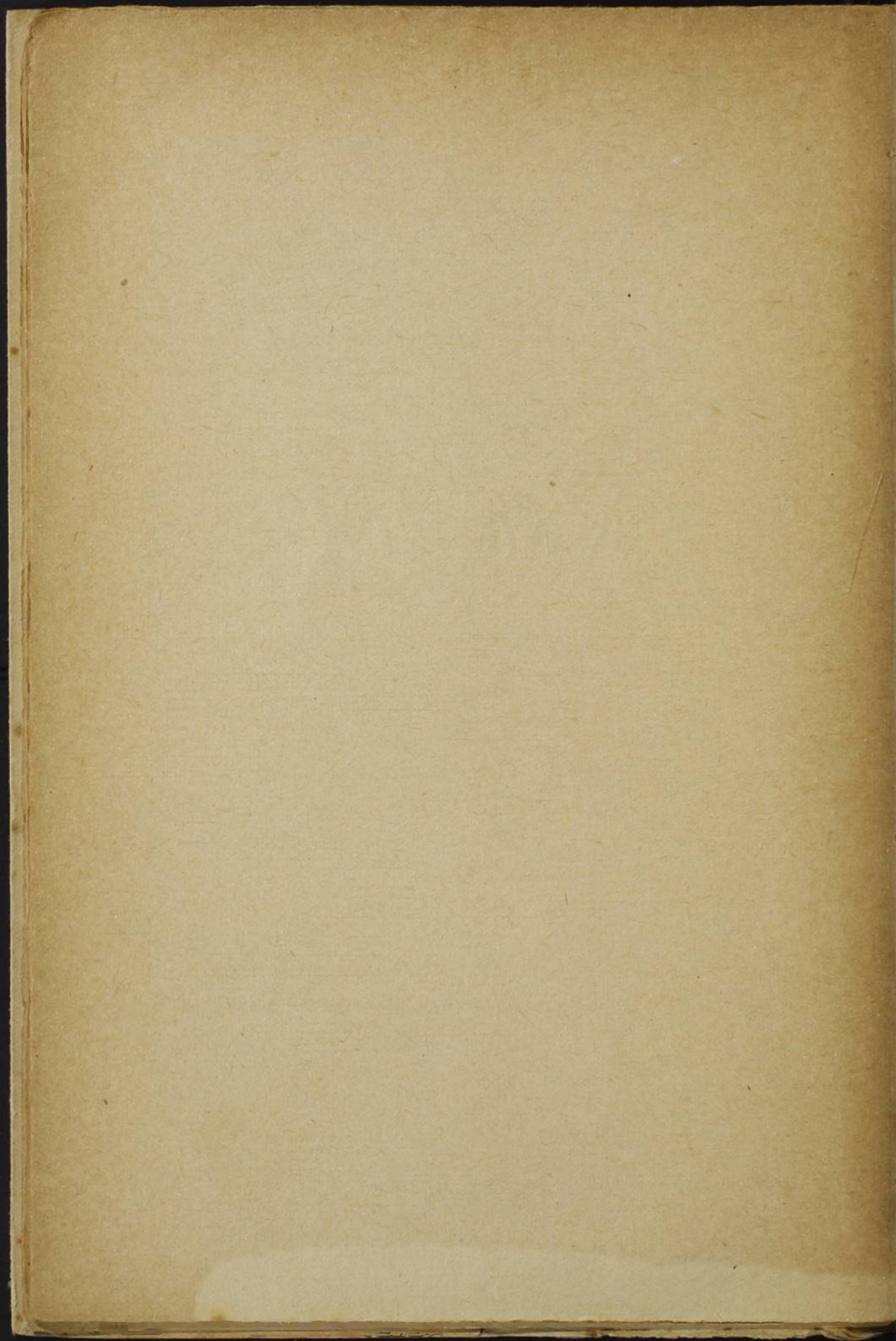
Dou a maior importancia á MORTA em meio da minha obra literaria. E' o drama do poeta, do coordenador de toda ação humana, a quem a hostilidade de um seculo reacionario afastou pouco a pouco da linguagem util e corrente. Do romantismo ao simbolismo, ao surrealismo, a justificativa da poesia perdeu-se em sons e protestos ininteligiveis e parou no balbuciamiento e na telepatia. Bem longe dos chamados populares. Agora, os soterrados, através da analyse, voltam á luz, e através da ação, chegam ás barricadas. São os que têm a coragem incendiaria de destruir a propria alma desvairada, que neles naceu dos céos subterraneos a que se acotaram. As catacumbas liricas ou se esgotam ou desembocam nas catacumbas politicas. A você que é a minha companheira nessa dificil aterrisagem, dedico A MORTA.

OSWALD DE ANDRADE

São Paulo, 25/4/37.

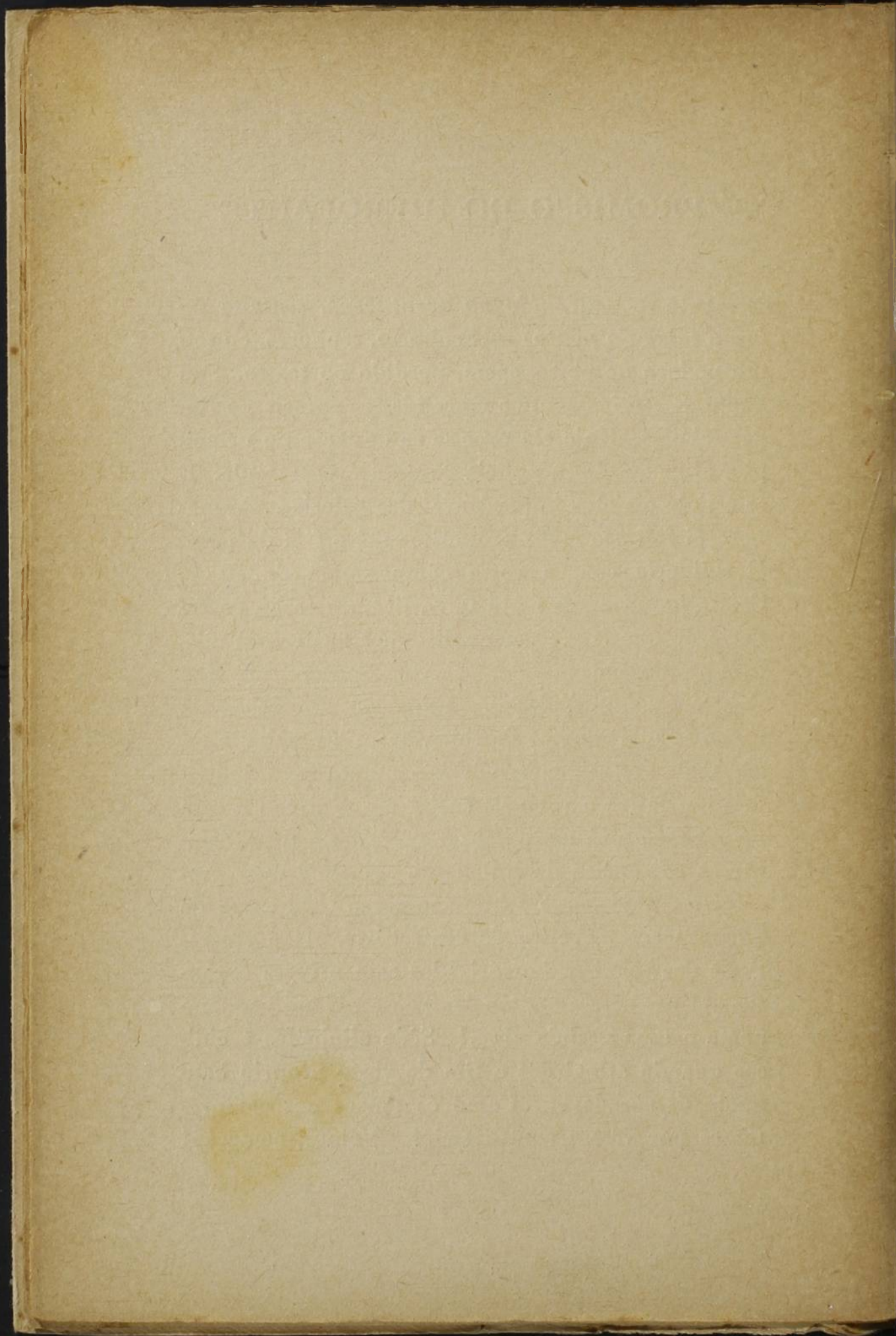


A MORTA



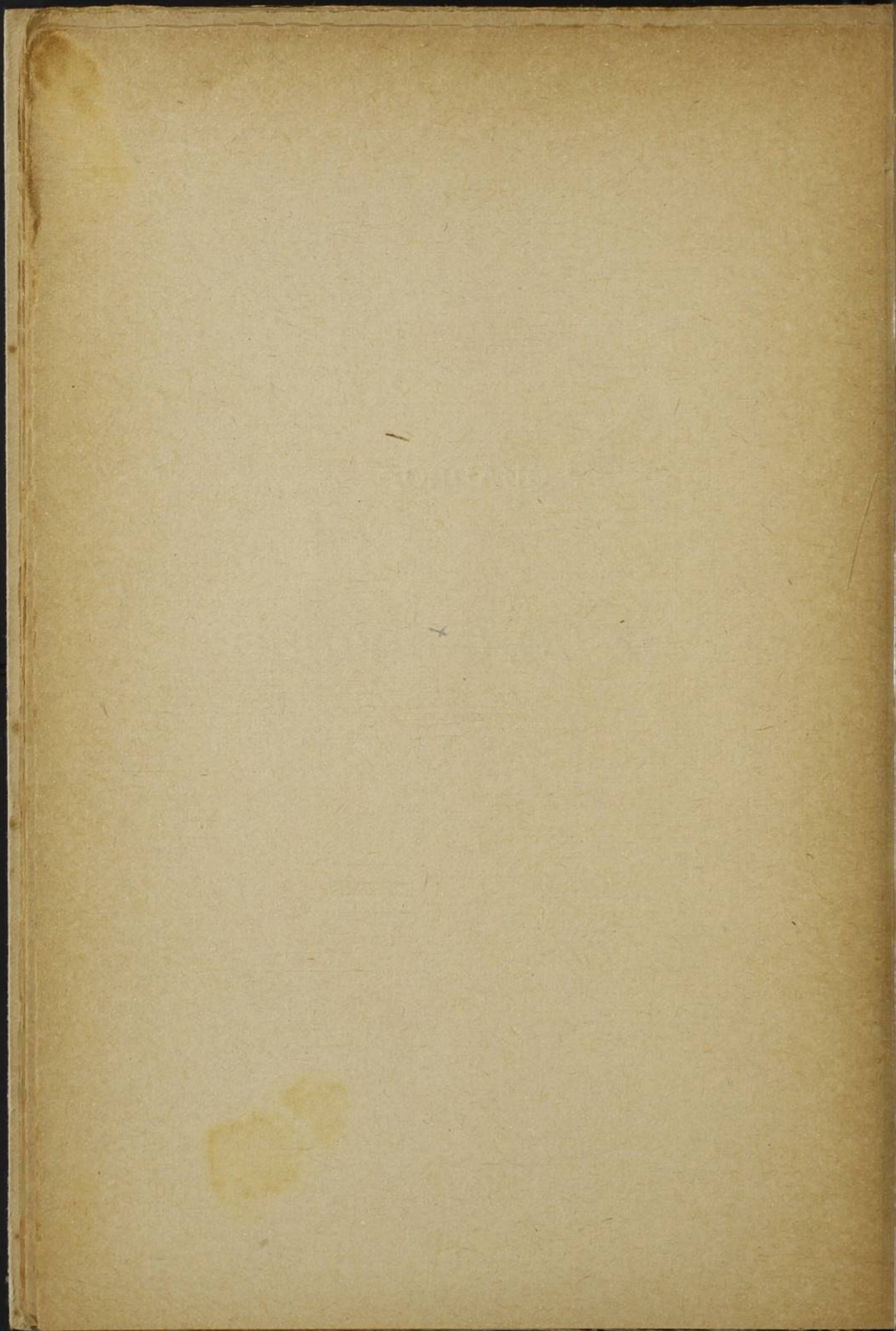
COMPROMISSO DO HIEROFANTE

O hierofante — (*surgindo na avant-scene, senta-se sobre a caixa do ponto*) — Senhoras, senhores, eu sou um pedaço de personagem, perdido no teatro. Sou a moral. Antigamente a moralidade aparecia no fim das fabulas. Hoje ela precisa se destacar no principio, afim de que a policia garanta o espetaculo. E se estiole o rictus imperdoavel das galerias. Permanecerei fiél aos meus propositos até o fim da péça. E solidario com a vossa compreensão de classe. Coisas importantes nesta farça ficam a cargo do senario de que fazeis parte. Estamos nas ruinas misturadas de um mundo. Os personagens não são unidos quando isolados. Em ação são coletivos. Como nos terremotos de vosso proprio domicilio ou em mais vastas penitenciarias, assistireis o individuo em fatias e vel-o-eis social ou telurico. Vossa imaginação terá que quebrar tumultos para satisfazer as exigencias da bilheteria. Nosso bando precatorio é esfomeado e humano como uma trupe de Shakespeare. Precisa de vossa côrte. Não vos retireis das cadeiras horrorizados com a vossa autopisia. Consolae-vos em ter dentro de vós um pequeno poeta e uma grande alma! Sêde alinhados e cinicos quando atingirdes o fim de vosso proprio banquete desagradavel. Como os loucos nos comoveremos por vossas controversias. Vamos, começae!



1.º QUADRO

O PAIZ DO INDIVIDUO



PERSONAGENS DRAMATICOS

BEATRIZ

A OUTRA DE BEATRIZ

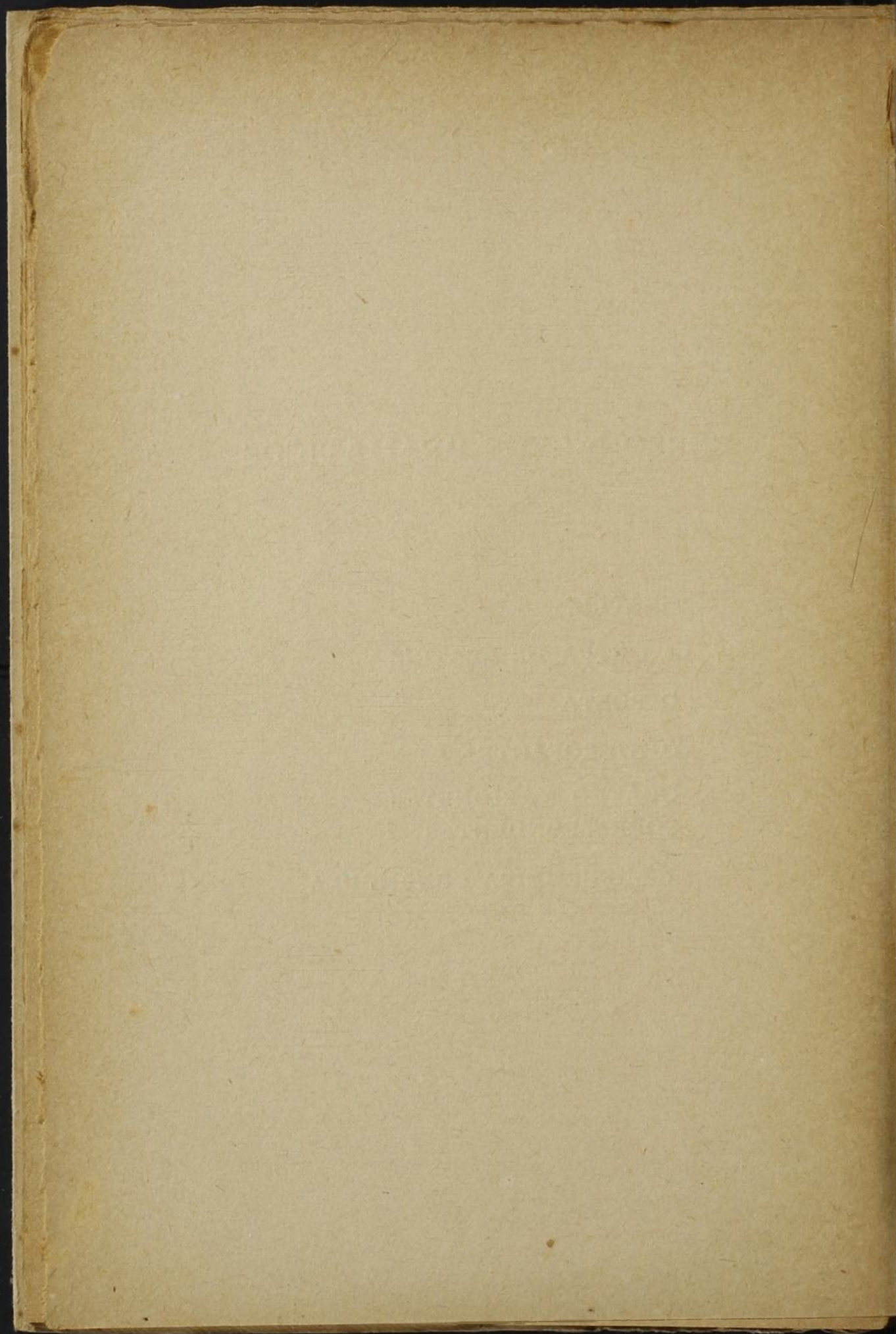
O POETA

O HIEROFANTE

QUATRO MARIONETES

CORRESPONDENTES

A ENFERMEIRA SONAMBULA



A sena se desenvolve tambem na platea. O unico sêr em ação viva e *A Enfermeira*, sentada no centro do palco, em um banco metalico, demonstrando a extrema fadiga de um fim de vigilia noturna. Ao fundo, arde uma lareira solitaria. Está-se num cenaculo de marfim, unido, sem janelas, recebendo a luz inquieta do fogo. Em torno da *Enfermeira*, acham-se colocadas sobre quatro tronos altos, sem tocar o solo, quatro marionetes, fantasmaes e mudas, que gesticulam exorbitantemente as suas aflições, indicadas pelas falas. Estas partem de macrofones, colocados em dois camarotes opostos no meio da platea. No camarote da *Direita*, estão *Beatriz*, despida, e *A Outra*, num manto de negra castidade que a recobre da cabeça aos pés. No da *Esquerda*, *O Poeta* e *O Hierofante*, caraterizados com extrema vulgaridade. Espressam-se todos estaticos,

sem um gesto e em camara lenta, esperando que as marionetes a eles correspondentes, executem a mimica de suas vozes. Sobre os quatro personagens da platéa, jorram refletores no teatro escuro. E' um panorama de analise.

A outra — Somos um colar truncado

O poeta — Quatro lirismos...

Beatriz — E um só lirio doente...

O poeta — No paiz dissociado...

A outra — Da existencia estanque...

Beatriz — Não te assustes, outra!

A outra — Sou a imagem impassivel onde ondulam
tuas cargas...

Beatriz — Minha imagem frustrada

A outra — O silencio é necessario á nossa amizade

O poeta — Toda mudez termina no utero de amanhã

A outra — Estão batendo

O poeta — Aqui não ha portas

Beatriz — Abre aquela porta

O poeta — No meio da magica

Beatriz — Nunca se sabe quem é que está batendo

A outra — É perigoso abrir toda porta

O poeta — A porta dá sempre na jaula

Beatriz — Só o papa póde abrir

O poeta — O que haverá atraz de uma porta?

A outra — Abre a porta! *Chi lo sá!*

O poeta — Póde ser a girafa, o oficial de justiça, a metralhadora, a poesia!

Beatriz — Nunca abra

A outra — Eu me jogo semi-núa da minha posição social abaixo

Beatriz — Entras pela janela equivocada de meu ser, poeta!

O poeta — És o belo horrível!

A outra — Praticamente este edificio só tem forros fechados. Habitamos uma cidade sem luz directa — o teatro

O poeta — Si te atirasses do primeiro impulso não morrerias inteira

Beatriz — Permaneceria aleijada e bela adiante de ti vendendo pedaços de meu espectáculo

A outra — Ganhariamos dinheiro

Beatriz — Me arrastarias torta e bela pelas ruas como a tua musa quebrada!

A outra — Seria a irradiação do meu clima!

O poeta — Qual dos crimes?

Beatriz — Fui violada como uma virgem!

A outra — Estão batendo outra vez, escutem...

O poeta — Vou abrir. Não vou.

Beatriz — Tens medo que seja um personagem novo!

O poeta — Ou de cair num paiz de fauna mirrada...

O hierofante — Não é preciso abrir, eu já estava aqui

Beatriz — É o meu professor de jiu-jitsu

A outra — Deite-se porque a sua camisola é de vidro

Beatriz — Me ame! Por favor!

O hierofante — Faze-te gostar por um velho com di-
heiro...

O poeta — Este quarto está incrustado de febres

Beatriz — Eu sou uma grande flor no leito de um
açude...

O hierofante — *Bom giorno!*

Beatriz — Me ame por caridade!

O hierofante — Onde estamos, em que capitulo?

O poeta — Hospital? Óvulo? Teia de aranha?

Beatriz — Navegamos num rio preso!

A outra — Tenho medo de ser um cadaver em vez de
dois seres vivos!

O hierofante — Forneço a consciencia dos incuraveis

O poeta — A volta ao trauma...

A enfermeira sonambula (*levanta-se devagar ao fundo*)

— Madre, na calada de uma noite de enfermagem,
esgano a doente que me confiaste (*senta-se*)

Beatriz — (*Soluçando*) Ai! concede-me o ultimo beijo!

Ai! Não quero morrer sem o ultimo beijo!

A outra — Não admito que faça isto de barulho! Morra
como Napoleão.

Beatriz — Querem transformar o mundo!

A outra — Atravez de absurdas catastrofes...

O poeta — As classes possuidoras expulsaram-me da
ação. Minha subversão habitou as Torres de
Marfim que se transformaram em antenas...

O hierofante — É a reclassificação...

Beatriz — No ultimo beijo direi que preciso de ti

O poeta — O meu animo se torna o animo de um condenado a morte... a febre cae com a primeira meia tinta fria da noite. Dou por encerrada a nossa vida amarga e tumultuaria. Mas sinto as reacções termicas da insonia. O delirio de novo crepita nos meus membros nervosos!

A outra — Onde não ha plano, não ha sanção

O poeta — Ha sempre dois planos e um espetaculo

Beatriz — Sinto a voragem... a voragem que vai esfriando a gente ante de cair.

O poeta — Oh! inflexivel? oh! absoluta! Desmoronas na acção!

A outra — Que vês, poeta?

O poeta — Ha uma fresta na tua imagem. Uma fresta. Está aberta a porta do teu quarto tenebroso! Mas não ha ninguem dentro dele

Beatriz — Ha o outro homem, o ciume e a ameaça permanente da vida...

A outra — Ha, um grande sadico, um sacerdote no circo... No plenario do circo...

Quero denunciar! quero! Que sexualidade crecente! Aquele aparelho um prolongamento do corpo dele. A sua cara de orgasmo! Fundemos um tribunal

Beatriz — Foi na sala cirurgica. A pureza me envolvia como algodão. E o pae da minha primeira experiencia digital!

O poeta — Sinto um suspiro imenso pelo teu corpo em posição...

O hierofante — ginecologica... A fantasia é sempre
um para-quedas

O poeta — Arte é outra realidade...

Beatriz — Mas eu serei um cadaver rebelde. Não me
deixo enterrar!

A outra — Vives enterrada em ti deante do espelho!

O poeta — És sempre uma Vitoria de Samotracia, com
os olhos e os cabelos presos a um horizonte sem
fundo.

A outra — Eu sou a perspectiva

Beatriz — Não ouço nada... sinão os meus gritos, um
atropelo e o silencio...

O poeta — Paz a teu corpo!

A enfermeira — Quem a tratará?—

O hierofante — Quando a morte resvala por nós, a vida
torna-se grandiosa

Beatriz — Somos almas!

O poeta — Ninguem como eu, tem a compreensão ab-
soluta da destruição. Cansada e vigilante ela es-
preita o homem

Beatriz — Existo para o bem e para o mal

O poeta — Respiraste o cheiro perigoso da liberdade

Beatriz — Venho de terras simples

A outra — Essa incapacidade de se mortificar...

Beatriz — Porque nasci? Me digam? Me expliquem?
Não queria nascer. Sou um pobre sexo ampu-
tado do seu tronco economico... (*Chora*) Nunca
pensei que a vida fosse resistencia. Ou me mato
ou me isolo na parede de um bordel

O hierofante — As conjurações. As operas. As hipnoses.

A outra — Amaldiçoada natureza!

Beatriz — Amaldiçoada hora que me criou! Tu, poeta, não passas de um sêr vivo. Deviamos ter juntos uma bela coragem

O hierofante — Qual?

Beatriz — Nos amarmos num necroterio lavado

O poeta — Meu coração não sente ainda a força atrativa da morte...

A outra — Foste tu poeta que preparaste para Beatriz os caminhos evasivos da liberdade

Beatriz — Eu queria saber se era para outro humano a Inspiração...

O poeta — Desmanchaste meu sonho infantil

Beatriz — Atiro-me em flexa maravilhosa para ti...

O poeta — És maternal! Que madrugada de amor vamos ter, cotovia!

O hierofante — A ultima noite é sem dia seguinte...

A outra — A mulher não é sómente um frasco fisico

O hierofante — O sexual é a raiz da vida. Ahi tropeçam um no outro o mundo velho e o novo

Beatriz — Quero e não quero

A outra — Hezito

Beatriz — Tenho fome

A outra — Ela quer ganhar o pão leviano!

Beatriz — Meu pae

O hierofante — Foi o sexual que inventou o jazigo de família e a casa...

Beatriz — Quero ser um espetáculo para mim mesma!

A outra — És uma flor irascível

O hierofante — Só é possível um acordo no sexual

O poeta — A poesia é desacordo entre os conceitos

Beatriz — Um terreno fôfo, poeta!

O poeta — Perco-me no paul do movimento

O hierofante — O poeta mergulha na percepção...

O poeta — Só a cicuta de Socrates salvará o mundo

O hierofante — A data mais importante da historia é
a que poz o homem entre a ação e Deus!

O poeta — Entre o seu ser animal e o seu ser social

A outra — Eu sou o Alter-égo

O poeta — Eu, o oposto de Beatriz... a raiz dialetica
de seu ser

Beatriz — Progrido para a morte nos teus braços. E
te encontro no seio tumultuoso da natureza. Sou
um elemento dela como a lua num ramo de arvore

O hierofante — O homem compreendeu a responsabi-
lidade economica de matar

O poeta — O sonho fel-o acordado crear a primeira
jaula

O hierofante — A primeira etica

A outra — A jaula de si mesmo...

O hierofante — Os vegetarianos querem retroceder na
primitiva direção. Comer da Arvore da Vida, em
pratos industriaes

Beatriz — Em jaulas...

O poeta — Porque insistes?

Beatriz — Não ha argumento que demova o amor...

A outra — No amor só existe o que ha de peor no homem

O poeta — E' a volta do troglodita — violenta e periodica

O hierofante — Para garantir a especie enjaulada. O sexual é o radical da vida. Sua essencia é a brutalidade. O amor é a quebra de toda etica, de toda evolução...

A outra — E' a pessoa distinta que escuta atraz da porta, viola correspondencia, manda cartas anonimas e mata nos jornaes... Eu nunca fiz isso...

Beatriz — O amor é o quero-porque-quero...

A outra — Quem gritou?

Beatriz — Não foi aqui

O poeta — Tua madrugada será assim

A outra — És o presagio, poeta!

O poeta — Sou a classe media. Entre a bigorna e o martelo, fiquei o som!

O hierofante — Alma que esguicha enclausurada.

Beatriz — Sem mim morrerias calado

O poeta — Viverei na Ágora. Viverei no social. Libertado!

Beatriz — Sou a raiz da vida onde toda revolução desemboca se espraia e pára

O poeta — Um dia se abrirá na praça publica o meu abcesso fechado! Expor-me-ei perante as largas massas...

A outra — E o sexo? O inimigo interior!

O poeta — Deixarei os pequenos protestos — o chapéu grande a cabeleira faustosa: falarei a linguagem compreensível da metralha.

Beatriz — Existe uma frente única...

O hierofante — O paiz oficial de Freud...

O poeta — Não haverá progresso humano, enquanto houver a frente única sexual

Beatriz — Nunca a tua febre amorosa deixou o meu corpo, poeta!

O poeta — Porque me retempero no teu útero materno

Beatriz — Tenho medo

O poeta — No mundo sem classes o animal humano progredirá sem medo

A enfermeira — Sabes o que é medo?

O hierofante — E' o sentimento inaugural

O poeta — E' o sentimento de insegurança do feto na vida aquosa da geração

A outra — Vi uma luz

O poeta — E' a lua sobre o mar inexistente que nos rodeia

Beatriz — Estou obscura como uma ideia religiosa

O poeta — És a noite. Carrego nos meus ombros o teu desequilíbrio glandular.

A outra — A cegueira móra em tua histeria!

Beatriz — Horror! horror! Resolve a minha questão económica antes que eu morra em plena mocidade!

A outra — Alguem entrou? Censurarei quem fôr...

O hierofante — Pela porta que não existe

A enfermeira sonambula — (*Levantando-se*) E' a hora
metrica

Beatriz — Mereço todas as cousas lindas da vida...
As cousas lindas da morte

O hierofante — No plano da sociedade esquisofrenica

O poeta — Toda a minha produção ha de ser protesto
e embelesamento enquanto não puder despejar so-
bre as brutalidades coletivas a potencia dos meus
sonhos!

A outra — Emparedado! Creaste uma grande doença!

Beatriz — Meu *rapin!*

O poeta — A construção do romantismo habita este
quarto...

Beatriz — Que sou eu?

O poeta — A psiche irreconhecivel...

O hierofante — O nascimento da alma

O poeta — O subterraneo que a sociedade ordena.
Um dia serei reconduzido á atmosfera...

Beatriz — Estamos fóra do social!

O poeta — A policia só me permite esbravejar no teu
dramatico interior.

O hierofante — Poeta!

O poeta — Eles tomaram o Estado, eu fiquei com a
mulher. Criei uma alma de cova

Por isso busco o drama e busco o teu cheiro.

Beatriz — Cantas a tua missa de corpo presente!

O poeta — Minha vida reduzida, prisioneira, entu-
mulada!

Beatriz — Sou a mulher de marmore dos cemiterios.

O hierofante — Pise baixo... devagar

A enfermeira — Um golpe de jiu-jitsu, prompto

O poeta — (*Num grito longo*) Tu me mastigas noite tenebrosa!

(A enfermeira senta-se)

O hierofante — *Consumatum!!*

O poeta — Guerra á sua alma

A enfermeira — É preciso desfazer todo sinal do drama...

O hierofante — Não ha perigo. Recomponhamos o cadaver. E' um piedoso dever. Juntemos os seus membros esparsos, os cabelos, os dentes.

Beatriz — Meu amor

O poeta — Não é possível mais...

Beatriz — Porque?

O poeta — O professor te dissociou. Fugamos. Não ha crime ainda visível.

A enfermeira — Na aurora virão buscar os restos do chá da meia noite

Bettriz — O amor é o quero - porque - quero da vida

O hierofante — O creador do irremediavel

O poeta — Que diz agora o teu coração? Para justificar-te!

Beatriz — Vive do medo de te ter perdido!

O poeta — Quebraste o élo.

Beatriz — Não poderei fazer nada sem ti, sem o teu calor, a tua adoração.

O poeta — Quebraste a porta fechada...

O hierofante — Complexo de que faço a mascara.

O poeta — E eu a ruptura...

O hierofante — Darei sempre a visão oficial

O poeta — Enquanto eu bradar o canto noturno do emparedado. Um canto desconexo. Interior como o sangue. As comunicações cortadas com a vida!

Beatriz — (*chorando*) Desfiguraste-me sob as tintas efusivas do amor.

O poeta — Fizeram-me abandonar a Ágora para viver sobre mim mesmo de mil recursos improdutivos. Eu quero voltar á Ágora.

O hierofante — A realidade molesta os humanos.

O poeta — Eu sou um valor sem mercados. Crearam o sentimento e o tornaram um valor excluído da troca.

Beatriz — És o augurio, poeta!

O poeta — Encontrarão aqui a tua imagem silenciosa

Beatriz — Eu sou a lealdade sem sentido!

O poeta — No bem como no mal

Beatriz — Não te deixo...

O poeta — Melancolia! Feita de luar e de onda noturna! Quem te definirá?

O hierofante — No paiz do Égo...

Beatriz — Porque acreditas em mim?

O hierofante — És insolúvel sem a censura

Beatriz — Tanto algodão e tanto sangue!

O hierofante — Vou para o paiz sem dôr. Longe das conjurações e das operas!

O poeta — Ficarás nesse garfo gelado

Beatriz — Socorro!

O hierofante — Ninguem te ouvirá no paiz do individuo!

O poeta — Quando a morte resvala por nós, a vida
torna-se grandiosa.

Beatriz — Da-me um epitafio, poeta!

O poeta — Diante do espelho, és sempre a Victoria de
Samotracia, com os olhos e os cabelos presos a um
horizonte sem fundo.

Beatriz — Fugamos. Foi a outra que morreu!

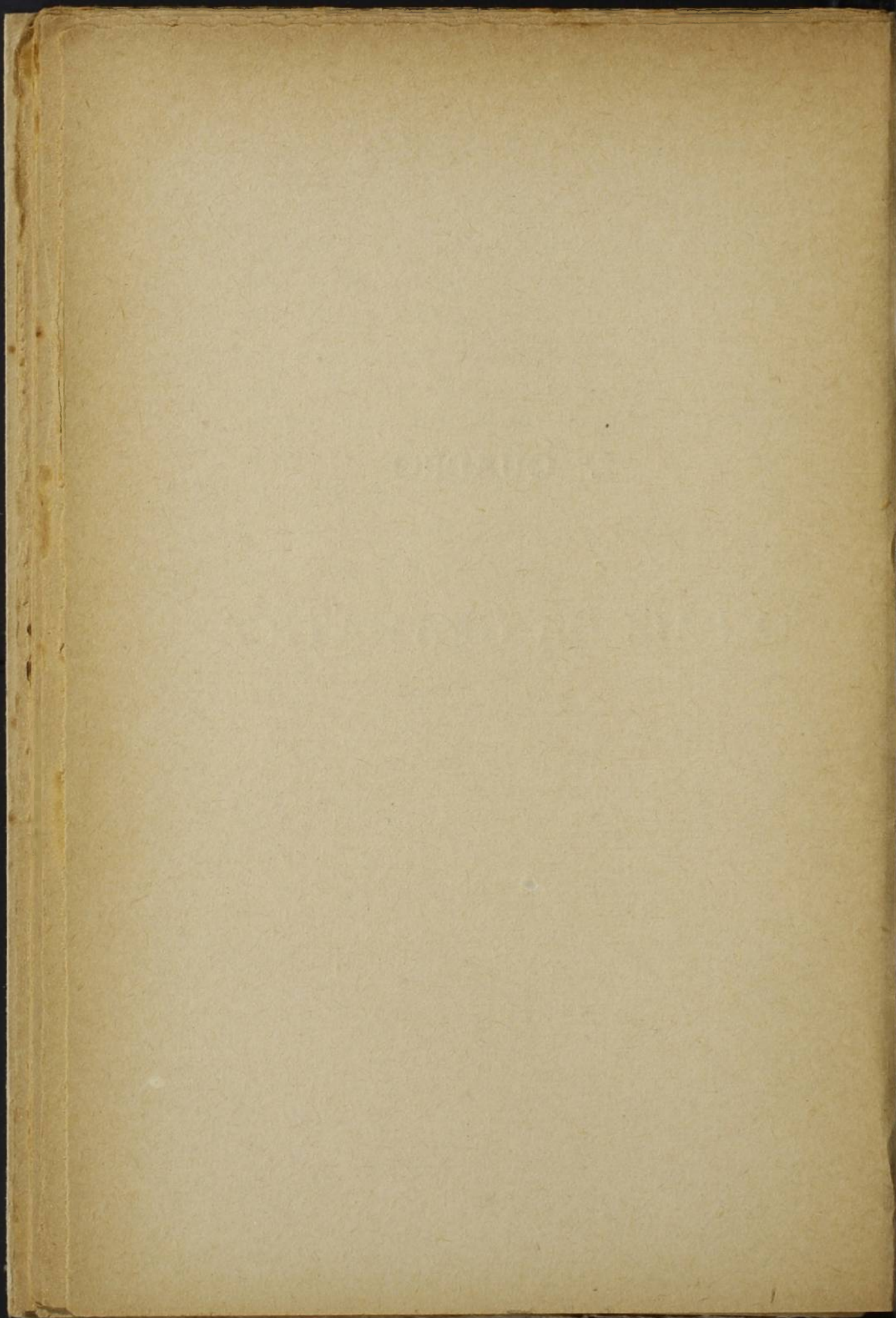
O hierofante — Sopra para sempre o comutador noturno

O poeta — Meu alibi! Meu secular alibi!

TELA

2.º QUADRO

O PAIZ DA GRAMATICA



PERSONAGENS DRAMATICOS

O POETA

BEATRIZ

HORACIO

O CREMADOR

O HIEROFANTE

O JUIZ

UMA ROUPA DE HOMEM

GRUPO DE CREMADORES

GRUPO DE CONSERVADORES DE

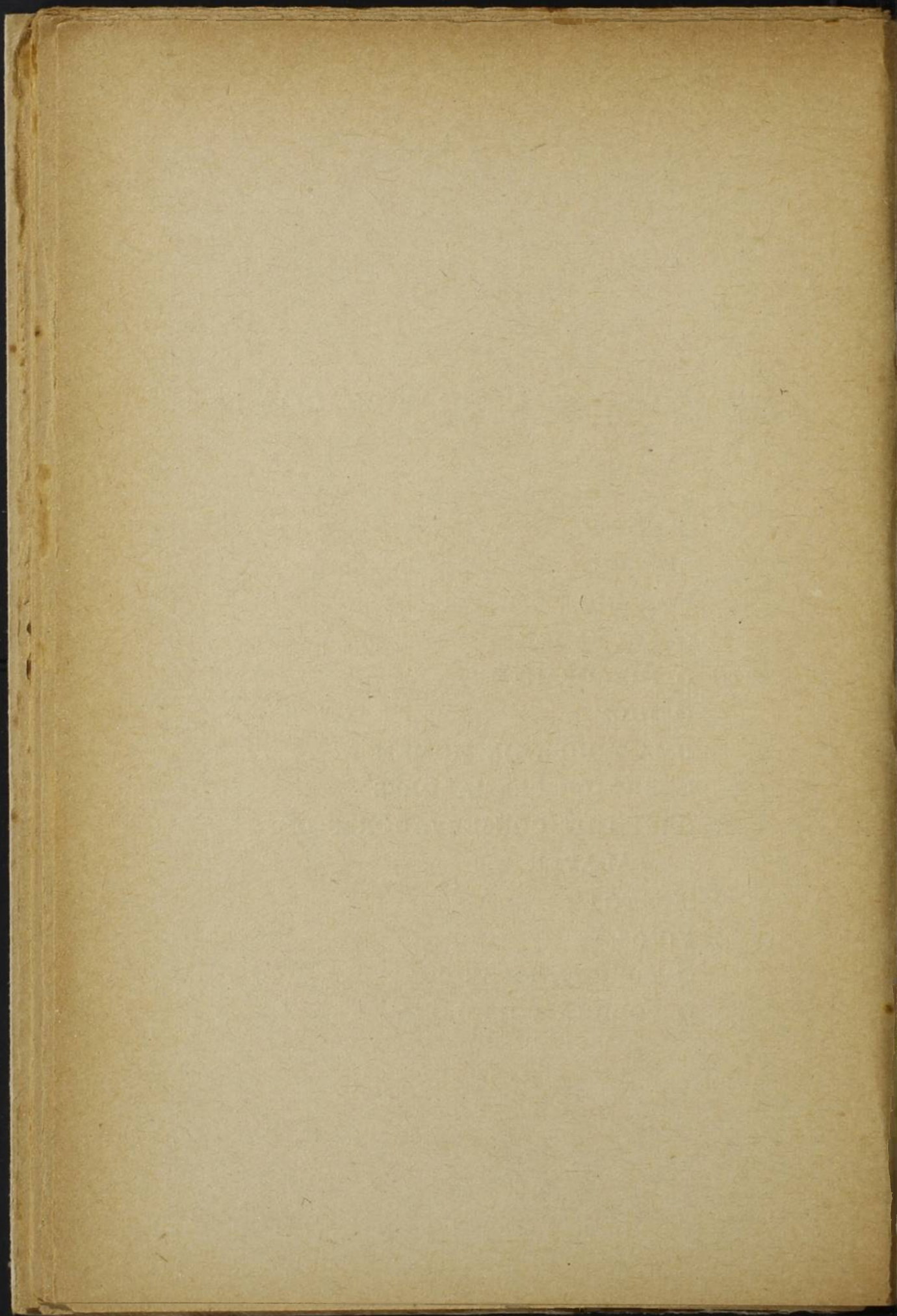
CADAVER'

MORTOS

VIVOS

O TURISTA PRECOCE

O POLICIA POLIGLOTA



A sena representa uma praça onde
vêm desembocar varias ruas.

Um grupo de gente internacional passa ao
fundo

O turista precoce — Faz favor. Quem são aqueles?

O policia — Um russo, um alemão, um japonez, um
italiano, um nacional...

O turista — O que são?

O policia — Nomes comuns. E' a grande reserva
humana de onde se tira para a ação, o sujeito...

O turista — São vivos?

O policia — Vivos todos

Um grupo de gente amortalhada atravessa
a sena

O turista — E aqueles?

O policia — São os mortos

O turista — Vivem juntos? Vivos e mortos?

O policia — O mundo é um dicionario. Palavras vivas
e vocabulos mortos. Não se atacam porque somos
severos vigilantes. Fechamol-os em regras indiscuti-

veis e fixas. Fazemos mesmo que estes que são a serenidade tomem o lugar daquelas que são a raiva e o fermento. Fundamos para isso as academias... os museus... os codigos...

O turista — E os vivos reclamam?

O policia — Mais do que isso. Querem que os outros desapareçam para sempre. Mas se isso acontecesse não haveria mais os céos da literatura, as aguas paradas da poesia, os lagos imoveis do sonho. Tudo que é classico, isto é, o que se ensina nas classes...

O turista — Com quem tenho a honra de falar?

O policia — Com a policia poliglota

O turista — Oh! que prazer! O senhor sou eu mesmo na vóz passiva. Na minha qualidade de turista falo sete linguas, nesta idade! E não tenho mais governante!

O policia — Tambem falo sete linguas, todas mortas. A minha função é mesmo essa, matal-as. Todo o meu glosario é de frases feitas...

O turista — As mesmas que eu emprégo. Nós dois, só conseguimos catalogar o mundo, esfrial-o, pol-o em vitrine!

O policia — Somos os guardiães de uma terra sem surpresas.

O turista — E querem transformal-a! Absurdo! Não é melhor assim? Sabemos onde estão a torre de Piza, as Piramides, o Santo Sepulcro, os cabarés...

A policia — Nossa desgraça seria immensa se subvertessem a ordem estabelecida nos Bedekers. Des-

conheceríamos as pedras novas da vida, os feitos calorosos da rebeldia. Não distinguiríamos mais fronteiras e alfandegas... Perderíamos o pão e a função.

O turista — E nós, os ricos, os ociosos, onde passear as nossas neurastenias, os nossos reumatismos? Onde? Perderíamos toda autoridade.

Vozes ao fundo

Os cremadores — Abaixo os mortos! Limpemos a terra! Abaixo!

A policia — De um tempo para cá, não sei porque agravou-se a contenda. Creio que os vivos cresceram, agora querem se emancipar. Os mortos os agrilhoam á industria. E eles querem ocupar fabricas, cidades e o mundo... Ingratos. Não sabem que sem os mortos, eles não teriam tudo, emprego, salarios, assistencia...

O turista — E patrões. Que seria do mundo sem os patrões?

O policia — Eles querem queimar todos os cadaveres, os mais respeitaveis, os que fazem a fortuna das empresas funerarias mais dignas, como a imprensa, a politica...

O turista — Acabam querendo queimar o cadaver da curiosidade, que sou eu!

Saem da sena conversando

Vozes ao fundo — Abaixo a autoridade dos ociosos!

Abaixo! Queremos o verbo creador da ação...!

O poeta — (*entra conversando com Horacio*) — Deixei-a para sempre... Sinto-me atual. Longe da "Apassionata".

Horacio — Pisas de novo a terra dos que se embuçam nas regras do bom viver...

O poeta — Renovo-me na rua

Horacio — É o paiz da gramatica. Nele acharás o teu elemento formal.

O poeta — Ainda guardo a esperança tragica de vel-a...

Horacio — Voltas a essa mulher como um criminoso!

O poeta — Porque sou o culpado

Horacio — Deixaste-a?

O poeta — Fui andando cada vez mais para o lado das estrelas e ela ficou no meio da musica...

Horacio — Estás marcado por ela...

O poeta — Sinto-a como a culpa, como a esperança... Sem ela a vida é deserta, o mundo é uma tragica planicie sem descanso! Ela é a caverna do individuo... Onde me acolho sem nada esperar, sem nada desejar...

Horacio — Ela te imobiliza e amortalha

Tumulto... Um pequeno Exercito da Salvação, penetra na praça e se instala para um comício musical e pacifico. Um homem gordo, traz uma taboleta onde se lê «Deus

Patria e Família». E' o Hierofante. Sons funebres seguem o bando fardado.

Horacio — São os mortos que manifestam...

O poeta — Conheço aquele homem da taboleta

Horacio — São os conservadores de cadaver...

Tumulto do outro lado da sena. Um grupo de exaltados, em roupa pobre, protesta contra o comicio Homens e mulheres invadem a cena.

Os cremadores — Limpemos o mundo! Abaixo os mortos! Eles comem a comida dos vivos! Abaixo!

O hierofante — Materialistas!

O cremador — Ao contrario! Somos a constante idealista que faz avançar a humanidade!

O poeta — (*apontando Beatriz que aparece com passos medidos, estatica sob um véo*) — Eil-a! Que gestos solenes! (*aproximando-se e falando-lhe*)
Voltas ao meu caminho?

Beatriz — Todos os esforços me abandonaram! Onde estou?

O poeta — No paiz da Ordenação...

Beatriz — Os homens abateram as florestas. Expulsaram os espiritos da terra! Substituiram as arvores pelas armações metalicas. A natureza foi vencida pela mecanica!

O poeta — Desfizeste tua fragil e confusa capa etica. Deixaste a sociedade dos humanos...

Beatriz — Me reconheces?

O poeta — Ainda trago no corpo o perfume lascivo de tuas calças!

Beatriz — Sou virgem de novo. Não vês este véo?

O poeta — (*retira-o*) É a mascara de um ente que se dispersa! O teu inhospito sêr se desagrega!

Beatriz — Ao contrario, encontrei a minha unidade!

Horacio — (*chamando-o*) Deixa-a! Não vês que habitas de novo com ela os subterraneos da vida interior?

O poeta — Ela é o meu drama

Horacio — O empresario da tua morte. Deixa-a!

O poeta — Não O coração acorda de repente. E começa o trabalho irracional. Corrosivo de todo debate... A consciencia torna-se um estado sentimental e a justiça foge do mundo... Oh! drama! Desenvolvimento do proprio ser universal! Eu te busco!

Beatriz — Porque crias em mim pesados encargos assim! E o sentimento de culpa! Desenvolvido na celula de um circo. O sentimento espetacular da culpa! A disciplina das fêras, as grandes quedas sem rede, o amor pelo palhaço.

Horacio — Foge! Não vês uma a uma as fições da vida interior?

O poeta — Porque fugir? Para depois me arrastar pelos locaes em que a acompanhei? Me acoitar á sombra de seus gestos idos, procurando nos sena-

rios encontrados a dois, a sombra de seu ser, a lembrança de sua voz? Ficarei perdido no mundo terrível da rua...

Novo tumulto

Os cremadores — Fóra! Fóra os exploradores da vida!
Limparemos o mundo!

Beatriz — Quem são esses desordeiros?

O poeta — É a vanguarda que luta pela libertação humana

Beatriz — (*sufocada*) Quanta gente! Não posso, não posso me habituar. Esses homens procurando mulheres esperando homens...

O poeta — Pareces pertencer a um paiz assexuado. Que sentes? Tens os olhos longinquos, a boca voluntariosa crispada!

Os cremadores — Fogo nesses podres! Abaixo o despotismo dos mortos.

A musica toca um tango. O Hierofante procura o Evangelho.

O hierofante — *In illo tempore!*

Os cremadores — Fóra Fóra!

O tumulto crece. Juntam-se aos cremadores galicismos, solecismos, barbarismos. Do lado dos mortos cerram colunas, graves interjeições, adjetivos lustrosos e senhorias arcaismos.

Coro das interjeições — Oh! Ah! Ih!

Os cremadores — Fóra a estupidez das interjeições!

O hierofante — Massa desprezível de pronomes mal colocados!

O cremador — Fóra! Quinhentistas! Falaes uma lingua extranha ás novas catadupas humanas!

O hierofante — Somos o vernaculo das caravelas...

O cremador — No seculo do avião!

Os cremadores — Somos a lingua falada pelo radio...
Queima essa taboleta

Os conservadores — Babel! Babel!

Os cremadores — Não! Somos os fundamentos do esperanto, a lingua de uma humanidade una!

O hierofante — Não póde! Não póde! Quem poderá destruir uma frase feita?

Os cremadores — Fóra as frases feitas, as frases ôcas!
Fóra as frases mortas!

Os conservadores — Chama o juiz! Chama o juiz!

A multidão — O juiz!

A charanga toca

Vozes — Ahi, vem o juiz. Ele julgará!

Os conservadores — É um grande gramatico!

Os cremadores — É um juiz de classe.

Os conservadores — Viva o juiz! Viva o nosso querido juiz!

O juiz agradece a manifestação. Formam-se em torno dele semi-circulos irados.

O cremador — Conhecemos o julgamento! É contra nós!

O juiz — Silencio! Julgarei segundo os canones.

Vozes — Os canones mortos.

O juiz — Começae a exposição do pleito. Sou todo ouvidos! Que Deus e Jesus Cristo me inspirem e me garantam o céu.

O hierofante — Culto aos mortos! Culto aos mortos! Onde já se viu destruir um cadaver! Senhor juiz. A humanidade levou seculos para construir esta frase "Deus, Patria e Familia". Como derroga-la? Como e porque?

Beatriz — Como fala bem esse velho!

O cremador — O que nos traz á sena é a fome. Mais que qualquer vocação. Muito mais que a vontade de representar. É o problema da comida! A produção da terra é desviada dos vivos para os mortos. Nós trabalhamos para alimentar cadaveres. Mais eles absorvem a produção, mais aniquilam os vivos. Tudo que produzimos vae para sua boca insaciada. Eles possuem armas e dirigem exercietos iludidos pela ignorancia e pela fé religiosa.

Os cremadores — Rebelemo-nos!

Vozes — Façamos a limpeza do mundo!

Os cremadores — Queimemos os cadaveres que infestam a terra!

Vozes — Sim! A cremação! A cremação!

Os cremadores — É preciso destruir os mortos que paralisam a vida!

Vozes — Vamos queima-los!

O juiz — Esperae! Esperae a sentença. Tragam aqui o livro: Bi-blos Tudo está no Livro. (*Colocam deante dele um grande livro aberto. Ele vira as paginas*) Vamos ver. De-vo-ta-mento... Puri-fi-ca-ção! Adeante! Vi-ver para os outros! Não! Está aqui! Achei (*lê num grande berro*) Os-mor-tos-go-ver-nam os vi-vos! (*Aclamações. Protestos*)

Os conservadores — Muito bem! Muito bem!

O hierofante — Devemos obedecer os nossos maiores. E seguir o que está escrito...

Vozes — Julgae! Julgae!

O juiz — Os mortos governam os vivos. Premissa maior! Premissa menor... os cremadores são excessivamente vivos! Ergo! Ergo! Devem ser... Conclusão! governados...

Os conservadores — Governados por nós!

Vozes — Muito bem! Muito bem!

Outras vozes — Fóra! Idiota! Vendido! Cadaver!

O hierofante — Eis um silogismo irrefutavel!

O poeta — Essa logica tem servido de fundamento a todos os crimes historicos

Os conservadores — É extraordinaria a perspicacia dos livros!

O poeta — Fóra o velho argô dos filisteus!

O cremador — Rebelemo-nos. Um dia sairemos de nos-

... laboratorios subterraneos... Para limpar o mundo de toda putrefação!

As interjeições — Ah! Oh! Ih!

A charanga dos conservadores de cadaver forma um sequito e conduz o juiz em triunfo.

Os conservadores — (*retirando-se*) Abaixo os solecismos! Abaixo os barbarismos! Abaixo!

Uma roupa de homem — (*passando*) Bôa tarde, linda!

Beatriz — Bôa Tarde.

O poeta — Quem é?

Beatriz — Um conhecido. Estive hontem com ele...

O poeta — Impossivel...

Beatriz — Sim. Pediu-me que fosse sua! Falou-me da eternidade. Mas lembrei-me de tuas palavras. Recusei. Ele disse — Não insisto! Sei que serás minha!

O poeta — Mas é um morto, querida!

Beatriz — Morto!?

O poeta — Sim. Tu não morreste querida... Não podias ter te avistado intimamente com ele, que não existe. Por acaso não notaste as suas roupas despegadas do corpo. É um morto. Não sabes?

Beatriz — Aqui na cidade?

O poeta — Sim, meu amor. Os mortos ainda infestam a terra viva. Metade da população desta praça é de gente morta.

Beatriz — Se eu tivesse morrido, serias um necrofilo!

O poeta — Ter-te-ia abandonado!

Beatriz — Não podes abandonar-me! Nasci da seleção de ti mesmo! (*Declamando*) Comecei a palpar com a tua religião infantil, com a tua cultura adolescente! Fui o cofre heraldico das tuas tradições, a cumã de tua gente!

O poeta — Como te encontro mudada! Não te recordas sinão de evocações e cadeias!

Beatriz — Tu te tornaste um puro estímulo mecânico. Não acodes aos chamados de tua alma!

O poeta — Os acentos de minha dor não te penetram mais. Não quebram a mudez do teu mundo de pedra. Estás perturbada, os olhos longínquos a boca voluntariosa crispada.

Beatriz — (*depois de um silencio evocativo*) Pertencço ás regiões da amnesia.

O poeta — No emtanto não poderei fazer mais nada sem ti! Sem teu calor e tua adoração.

Beatriz — Amo-te ainda. Vem comigo. Nada póde conter a vida...

O poeta — A morte...

Beatriz — Nunca a tua febre amorosa deixou o meu corpo

A charanga dos conservadores de cadaver
passa ao fundo.

Beatriz — Vamos com eles, poeta!

O poeta — Não

Beatriz — Vamos!

O poeta — Queres seguir a musica da morte?

Beatriz — O juiz decidiu...

O poeta — O juiz é um morto tambem

Beatriz — Somos todos mortos!

O poeta — Vem para o outro lado! Minha ação heroica e pratica te salvará

A vóz de um cremador — É preciso mudar o mundo!

A vóz do hierofante — É preciso conservar as instituições!

A vóz do cremador — É preciso queimar os cadaveres que infestam a terra. Eles tiram os alimentos dos vivos.

Vózes — Querem mudar a superestrutura.

Uma vóz — O comportamento.

Outra vóz — A reflexiologia.

Beatriz — A raiz de tudo é o sexual. O amor é o quero-porque-quero da vida. Nessa frente unica a humanidade hezita... Vem

O poeta — Não, o social domina os humanos. Vem connosco. Vem com os liberadores do grande conflito!

Beatriz — Como és candido. O que os homens querem é isso, só isso! (*Coloca as mãos recatadamente sobre o sexo*)

O poeta — És a morte, o abysmo final, o longe da terra.

Beatriz — Sou a imagem do sexual.

O poeta — Estás deformada, longinqua, inexata...

Pareces despegada dos ossos, como aquele que te cumprimentou.

Beatriz — Tenho um encontro marcado com ele

O poeta — Impossível. É um morto!

A charanga do exercito da morte toma conta da sena lentamente. Beatriz centralisa-o.

Vozes — Culto aos mortos! Culto aos mortos! Passagem para um grande enterro... (*Saem levando-a*)

O poeta — Força de resistencia ao mundo que começa...

Horacio — Onde vais? Que tens?

O poeta — Estou como quem perdeu um brinquedo querido... espera...

Horacio — Deixa-a!

O poeta — Horacio, não escalpeles minha dor! Estou marcado por ela

Horacio — Onde vais?

O poeta — Salva-a!

Horacio — Como?

O poeta — Pelo primeiro avião... Numa folha morta passarei a garganta cerrada da outra vida.

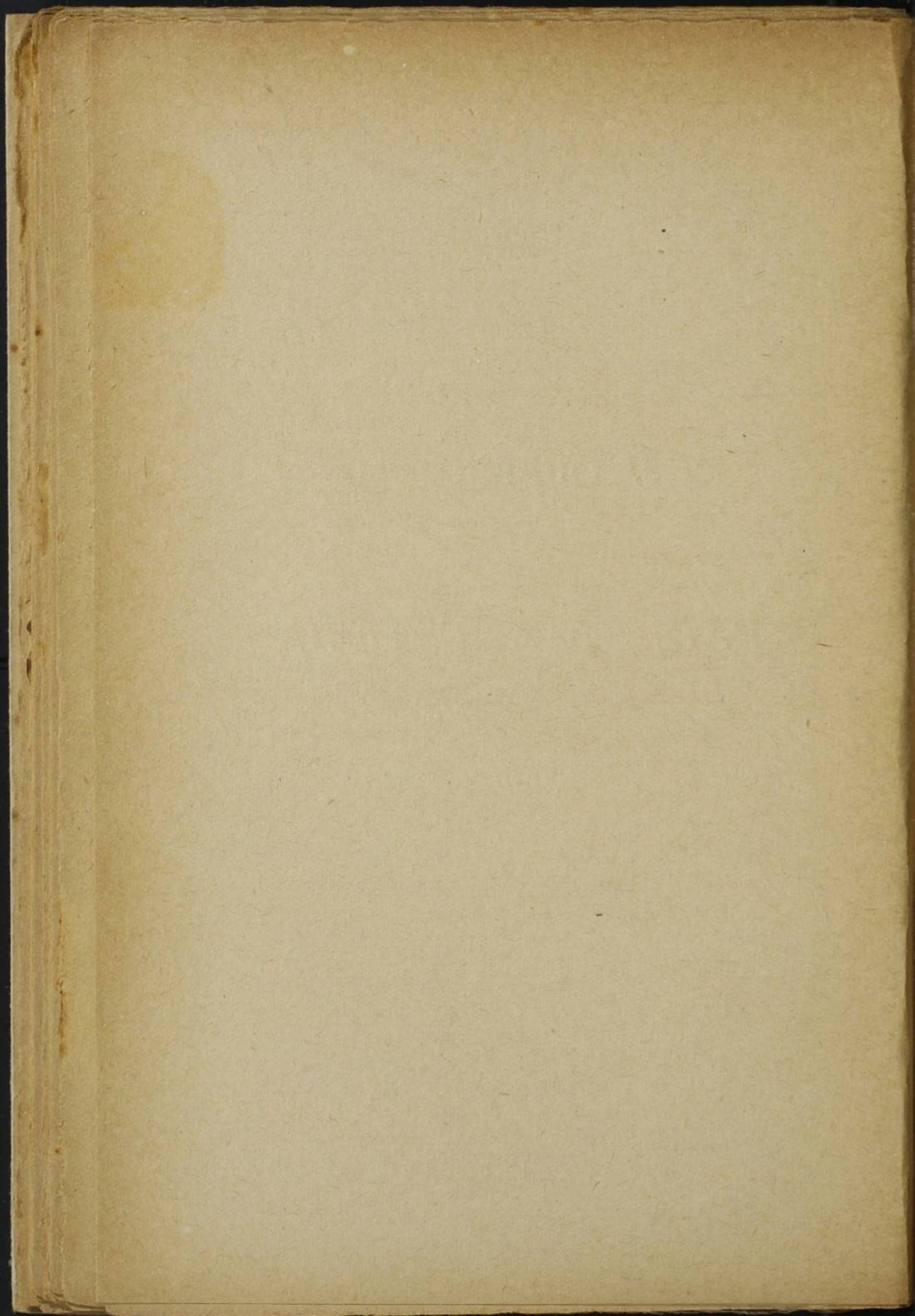
Sae correndo atraz do cortejo, cuja charanga ainda se ouve.

Horacio — Insensato! Poeta! Guardar-te-ão para sempre os dentes fechados da morte!

TELA

3.º QUADRO

O PAIZ DA ANESTESIA



PERSONAGENS DRAMATICOS

BEATRIZ

O POETA

O HIEROFANTE

A CRENÇA DE ESMALTE

SEUS PAES

O ATLETA COMPLETO

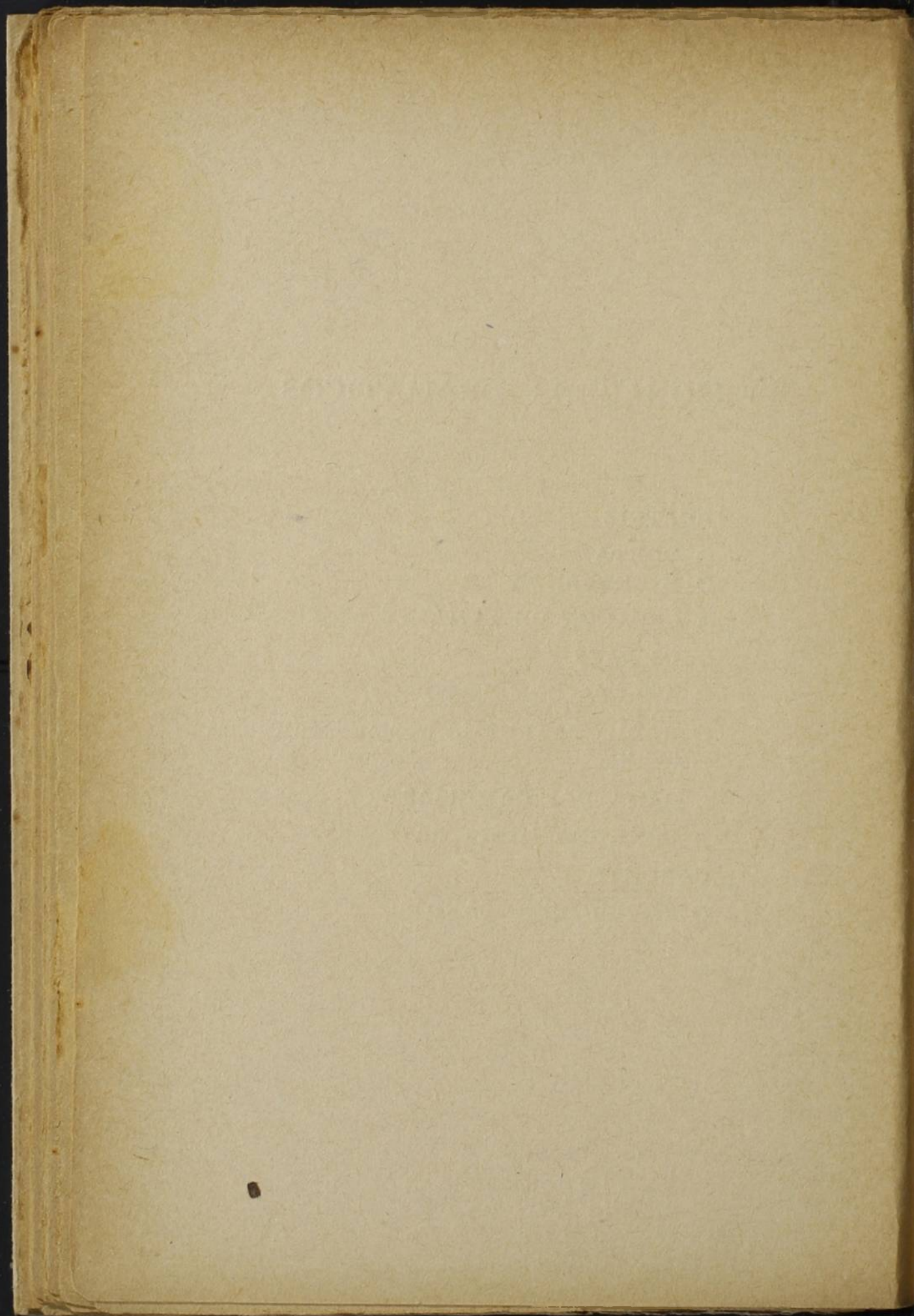
O RADIO PATRULHA, acompanhado de uma
motocicleta

A DAMA DAS CAMELIAS

A SENHORA MINISTRA

CARONTE

O URUBÚ DE EDGARD



A sena representa um recinto sobre uma paisagem de aluminio e carvão. A' direita um aerodromo que serve de necroterio. Ao centro um jazigo de familia. A' esquerda a arvore desganhada da Vida, em forma de cruz, onde arde pregado um facho. Um grupo de cadaveres recentes está conversando nos degraus do jazigo. Passagem lateral para a platea, onde a primeira fila de cadeiras se conservará vazia.

O radio patrulha — Ouve-se já o ruido do motor!

A dama das camélias — Escutem!

O atleta completo — Não é!

A senhora ministra — É uma mosca

O hierofante — Não

O atleta completo — Agora é!

A dama das camélias — Não

A senhora ministra — A mosca

O hierofante — O autogiro de Caronte...

A senhora ministra — É uma mosca no interior do meu nariz!

silencio

A senhora ministra — Gostaria de conhecer o poeta...

O radio patrulha — Ele vem de autogiro.

O hierofante — Não. É Caronte que vem de autogiro, trazendo a morta!

A dama das camelias — Quem é?

O hierofante — Beatriz

A senhora ministra — E ele?

O hierofante — O poeta vem de planador. Só assim penetrará nestas paragens...

A senhora ministra — O motor

O hierofante — A mosca

O pae (*pondo a cabeça pela ogiva do jazigo*) Silencio!
Eu habito um lugar silencioso ou não? Eu me matei para ouvir a solidão. Para estar só! Não viver em sociedade. Em nenhuma sociedade. E me encontro assediado de intrigas, cumulado de vis preocupações.

O hierofante — Faço sentir que o visinho está num cemiterio de primeira. Não ha melhor.

O pae — Por isso é que eu não queria embarcar no autogiro

silencio

O hierofante — O motor...

A dama — O poeta...

A senhora ministra — A mosca...

O urubú de Edgard atravessa a sena ao fundo.

O radio-patrolha — Ouço vozes...

A dama — É a mosca azul...

O hierofante — É o urubú de Edgard.

O radio-patrolha — Silencio!

O hierofante — Fiquemos concentrados como perfumes.

berreiro no jazigo

O menino de esmalte — Ai! Ai! (*espia pela vigia*)

Os cadaveres — Que é isso? Que é isso!

O hierofante — Uma sena de familia.

A senhora ministra — Que pessoal escandaloso!

A dama das camelias — Brigam sempre. Nunca pensei que fosse assim no seio da sociedade honrada!

O hierofante — Gente catolica. E extremamente conceituada. O drama que os trouxe para cá teve a mais tetrica repercussão nos meios distintos.

A senhora ministra — Como foi?

O hierofante — Gaz! suicidio coletivo.

A dama das camelias — E ninguem escapou?

O menino — (*pela vigia*) Esse sujeito além de me ter suicidado, não quer me dar doce!

O pae — Cala a boca!

O menino — Depois diz que é pae!

O pae — O amante de tua mãe te dava doces!

O menino — É por isso que eu gostava dele...

O pae — Cinico, bastardo, filho de uma...

pancadaria, urros, choros

A dama das camelias — Esta arvore não tem sombra.

O radio patrulha — Gastou o que tinha em 60 seculos!

A senhora ministra — Porque a trouxeram para cá?...

O hierofante — É uma peça de museu. Como nós

A dama das camelias — Foi ela que fez a queda do primeiro pae

O hierofante — A queda... Quando o toglodita desceu da arvore... caiu. E se tornou o homem...

A dama das camelias — É a Arvore da Vida...

O atleta completo — Da vida espiritual. A unica que me interessa...

A senhora ministra — Quem é esse sujeito?

O radio patrulha — É um atleta completo

A dama das camelias — Mas não tem frutas essa arvore?

O hierofante — Tinha uma. Comeram. Foi com seus galhos que se acendeu o primeiro fogo... E com ela toda, se fará a ultima fogueira...

A senhora ministra — Então é uma incendiaria?

O hierofante — Nela costumamos festejar o Natal dos falecidos...

O menino — (*pela vigia*) Eu quero um brinquedo...

O pae — Vai pedir ao amante de tua mãe.

A mãe — Ele nunca me passou as doenças que trouxeste para casa.

A dama das camelias — Conte-nos a historia da queda de Adão...

O hierofante — Levou um tombo... Quando se levantou do solo estava creada a propriedade privada...

A senhora ministra — Foi dessa arvore que ele despencou...

O motociclista — Então que somos?

O hierofante — O conteudo das mitologias...

O atleta completo — O alimento espiritual dos mortos!

A senhora ministra — O sustentaculo das religiões!

O hierofante — Depois que o ouro nos expulsou da Edade de Ouro... exploramos a fabula...

O radio patrulha — E o trabalho da terra

A dama das camelias — Então foi um choque fisico que produziu o homem?

O hierofante — Não. Foi um choque economico. Caindo da arvore ele perdeu os frutos com que se alimentava.

A senhora ministra — Engate o radio, seu patrulha.

O radio patrulha — Não posso. Só tenho na minha motocicleta uma estação emissora.

A senhora ministra — Que pena! A gente podia até ouvir a terra... Escutar a Giovinezza... Ir ás corridas de longe.

A dama das camelias — No meu tempo eu adorava as corridas.

A senhora ministra — Oh! as corridas! Longchamps!
O Derby de Epsom! Eu tinha um coronel que me
pagava o taxi o dia inteiro, só para namorar os
meus braços nas corridas. Era um homem casado,
muito serio!

O urubú de Edgard passa ao fundo.

A dama das camelias — Quem é esse passarinho?
O atleta completo — É o espirito da arvore
A dama das camelias — Como é que se chama?
O hierofante — O urubú de Edgard
A senhora ministra — Quem é mesmo o dono?
O hierofante — Um literato, Edgard Poe
A dama das camelias — Para que serve um bicho
desses?
O hierofante — É quem fornece certidões de obito.
A dama das camelias — Onde que ele mora?
O hierofante — No interior ôco da cruz
A senhora ministra — Ó vida chata!
O hierofante — Que vos falta aqui?
A dama das camelias — A primavera! Passaros colo-
ridos! Gritos dálma! Namorados!
A senhora ministra — Vamos inventar um joguinho?
O hierofante — Jogaremos golf com as nossas cavei-
ras...
O atleta completo — Faltam as esteques
O radio patrulha — Jogaremos com as nossas proprias
tibias.

A senhora ministra — Não. Melhor é ler a mão. Um brinquedo de sociedade...

O atleta completo — O hierofante sabe ler.

A senhora ministra — Disseram uma vez que eu ia morrer aos oitenta anos... Me blefaram.

O hierofante — Aqui é impossível ler-se a mão a alguem.

A dama das camelias — Porque?

O hierofante — Porque não temos mais linhas nas mãos tumefactas... (*todos examinam as proprias mãos*) Está tudo esgarçado pela morfêa lenta e definitiva da morte. Vivemos na negação.

O atleta completo — Na eternidade.

O hierofante — No além do espaço.

A senhora ministra — O poeta não virá até aqui atrás da morta!

A dama das camelias — Virá. Eu que fui mulher da vida sei que ele virá

A senhora ministra — Quem é a senhora?

A dama das camelias — Não vê? (*mostrando as flores que a envolvem*) Sou a dama das camelias.

A senhora ministra — Pois eu fui a senhora legitima de um ministro...

O atleta completo — Não adiantou nada. Apodreceu como eu. Eis aqui o que resta de um atleta completo.

A senhora ministra — O'! patrulha! Liga o radio na motocicleta. Fala a Nirvana-emissora! Vamos desmoralizar toda vida.

O hierofante — Não!

O atleta completo — Porque?

O hierofante — Estas coisas mecanicas não convem ao nosso estado onirico.

A senhora ministra — Mas a irradiação nos interessa.

O atleta completo — É um desabafo espiritual...

A senhora ministra — Um passa tempo...

A dama das camelias — Trouxemos connosco todos os recalques terrenos.

A senhora ministra — Ou não habitamos o paiz sem censura...

A dama das camelias — O autogiro está se aproximando. O poeta virá atraz...

O hierofante — Agora é

O radio patrulha — Viva Caronte!

Os mortos — (*manifestando*) Viva! Viva o iniciador!
Viva!

A senhora ministra — Silencio!

O hierofante — Que reine entre nós o silencio que convem aos mortos.

Permanecem todos estaticos como figuras de cera. O urubú de Edgard se imobiiiza junto á arvore esgalhada. Escuta-se o ruido de um motor. Um autogiro desce verticalmente, e dele sae Caronte trazendo nos braços um corpo de mulher amortalhado num grande renard argenté.

O hierofante — Está morta?

Caronte — Não insistiu em ficar

O hierofante — Os mortos não insistem

Caronte — (*depositando o corpo sobre a mesa de mármore do necroterio*) O serviço terreno me reclama parte no autogiro

O atleta completo — Sinto dores reumaticas.

O hierofante — Cuidado

O atleta completo — Porque?

O hierofante — O poeta póde chegar a qualquer momento.

O atleta ompleto — Mas sinto dores fulgurantes!

A senhora ministra — Voce tem ahi uma bolsa de agua quente?

A dama das camelias — Sinto um frio enorme no peito!

O hierofante — É a presença dos sopros auguraes da terra.

A dama das camelias — O poeta.

O hierofante — Ele virá cantando a grandeza do agir...

A senhora ministra — Quem é que faz o discurso de recepção?

O radio patrulha — A motocicleta...

O hierofante — Tornastes-vos ridiculos á aproximação da vida

A dama das camelias — Tornamo-nos humanos.

O poeta — (*procura na sena*) Beatriz! Beatriz! Retificadora de meus caminhos! Que tive longe de ti? Cachos de desgraças. Ofereço-te o terreno ala-

gado de meu sentimento! Sem desejar nada de ti, de teu corpo sepulcral, ofereço-te o meu coração (*descerra o Renard*) Beatriz!

Beatriz — Sacrilegio. . .

O poeta — Beatriz!

Beatriz — Dizes tão bem o meu nome! Porque tudo que te dou de emoção, de força creadora, não pões em tua arte estancada!

O poeta — Falas de novo a linguagem da vida! Queres de novo dar existencia ao poema de meu encontro!

Beatriz — Que fizeste poeta! Não podes penetrar no paiz que eu habito. Não podes perscrutar minha sagrada intimidade com os automatos!

O poeta — Lacera-me de novo a angustia creadora. Venho de uma noite cheia de passos e de vultos, a noite sem ti!

Beatriz — Que se passa lá em baixo onde ha a chuva?

O poeta — A chuva coiteira de tragedias!

Beatriz — O Égo e a Gramatica.

O poeta — Pareces anestesiada num lençol de argila!

Beatriz — Interrompeste o meu sonno, poeta! És a incorreção!

O poeta — Como falas diferente! Trazes no facies os sinaes da decomposição de tua unidade!

Beatriz — Pelo contrario...

O poeta — És a mascara de um ser que se dispersa. Teus olhos deliram emquanto a tua boca amarga

sorri. Tens os cabelos do homem de Neendertal, coroados de espinhos!

Beatriz — Sou o primeiro degrau da vida espiritual!

O poeta — O que me chama é o drama. Drama, desenvolvimento do proprio ser universal!

Beatriz — Quero plata...

O poeta — Disimetria, minha creadora dissimetria!

Beatriz — Tu me abriste de novo os caminhos incoerentes da terra, poeta!

o poeta aproxima-se quieto e sombrio

O hierofante — Formaremos um comicio de protesto!

O amor quer fazel-a voltar ao paiz ordenado e terrivel da rua.

O radio patrulha — Onde nos reuniremos?

A dama das camelias — Vamos para a platéa, assim não perderemos a grande scena.

O radio patrulha — Vamos.

A senhora ministra — Que curiosidade... eu sinto!

O atleta completo — Para a platéa! Quero ver como um poeta ama!

O hierofante — Ordena o cortejo, radio patrulha, seguir-te-emos em ordem alfabetica.

O radio patrulha — *Debout les morts!*

Os cadaveres se organizam dificultosamente. Animados pelo barulho da motocicleta, conduzem-se em ritmo mole atraz do radio-patrulha que desce da sena.

O hierofante — (*deixando o palco*) De que serve aqui o subconsciente?... Onde se unem os dois planos, o latente e o manifesto?

Os mortos colocam-se na primeira fila do teatro olhando.

Beatriz — Ama-me por favor!

O poeta — És a agressão, o éros e a morte. Sigo-te e desapareces!

Beatriz — Todo esforço é inútil

O poeta — Angustia! Anciedade! Divisão! Resolve! Vives de novo para a minha vida ou partiste para sempre?

Beatriz — Todos os meus gestos são de amor!

O poeta — Fala do sól, da manhã e da terra!...

Beatriz — Estamos no paiz propicio ás mensagens...

O poeta — Eras a felicidade! Me diminuias como uma creança em ti!

Beatriz — Chorei todas as lagrimas! Hoje só resta o rimel negro distilado de meus olhos sem fundo!

O poeta — Teus cabelos me envolvem! Sinto-me en-sopado de estrelas algidas. Quero a manhã! Quero o sól!

Beatriz — Escalaste escadarias, montanhas e o mar! Para atingir este horizonte sem fim!

O poeta — Sorri! De dentro de teus cabelos noturnos!

Beatriz — Sejamos a mesma aflicção no mesmo leito!

O poeta — Quero o marfim quente de teu corpo. Mas os teus olhos se evaporam! Que boca angustiada!

Beatriz — Sem ti me falta o apoio terreno...

O poeta — Sinto-me rodeado da angustia das aguas! Onde estou?

Beatriz — És o féto humano que voltou á eternidade!

O poeta — Sou a tua mensagem sexual!

Beatriz — Não mais podes acordar em mim o odio erotico...

O poeta — Para onde me conduziste?

Beatriz — Habito o paiz letargico onde não penetra a dor!

O poeta — Onde está a tua boca antiga? Porque esse ritus? Oh! os teus dentes! não quero ver mais os teus dentes. Onde estão os teus labios molhados e vivos? Foges com a boca repleta de dentes! Cessa o teu riso parado!

Ouve-se o uivo demorado de um cão

O radio patrulha — (*na platéa*) *Debout les morts!*

O cortejo forma-se de novo e dirige-se para o palco.

O poeta — Que uivo terrivel! Parece um coração baleado...

Beatriz — Só por uma mulher um cerebro uiva assim.

Os mortos alinham-se ao fundo da cena. O urubú de Edgard abre as azas sob a arvore.

O poeta — A tua mão termina em reta! O teu braço está rígido e reto! A noite tenebrosa de teus cabelos não mais restituirá a manhã radiosa...

O urubú de Edgard — (*aproximando-se e tomando a axila de Beatriz*) O amor não penetra o craneo dos mortos!

O poeta — Morta! Beije-i inutil a labareda extinta de teu corpo! Porisso guardavas dentro do peito uma humanidade diversa, atraente e terrivel!

A dama das camélias — Olhem, Beatriz permanece quieta e sensacional!

O hierofante — Só se ama no plano da criação!

O poeta — Eu trouxe o amor para o nada!

Beatriz — Para a aurora da vida!

O poeta — Queimarei a tua carne dadivosa! Não se poupa o nada!

O urubú de Edgard — Socorro! Socorro! Fogo!

Os mortos se movimentam.

O poeta — Não penetrei atôa neste paiz, onde ha uma arvore e um facho. Se a força creadora de minha paixão não te toca, é porque não existes!

Ouve-se uma sereia estridente!

O hierofante — O sinal dos cremadores! Acode-nos, espirito da arvore!

O urubú de Edgard — Deus!

O poeta — Reconheço-te, empreza funeraria! Na materia do meu cerebro ficará o teu epitafio. Nunca

mais! (*toma do facho e começa a incendiar a Arvore da Vida*) Não mais estes symbolos dialeticos do sexual perturbarão a marcha do homem terreno. Foge ave do Paraiso!

O urubú de Edgard — Os cemiterios são combustiveis. Não ha salvação!

A senhora ministra — Sempre disse que essa vela ahi era um perigo!

O radio patrulha — O incendio será a cegueira de Caronte.

O atleta completo — Errarão pelo espaço infinito nossos irmãos sem carne.

A dama das camélias — Sinto se inflamarem os meus pulmões...

O atleta completo — Talvez sejamos purificados!

A senhora ministra — Não. Cristo-Rei não deixará!

O radio patrulha — O paiz dos mortos é donde se alimenta toda religião...

O hierofante — Mas os cremadores mataram os deuses... Jogaram fóra os mitos inuteis.

Beatriz — Poeta! permanece para sempre dentro de mim! Sê fiel!

O poeta — Devoro-te trecho noturno de minha vida! Serei fiel para com os arrebóes do futuro...

O hierofante — O erro do homem é pensar que é o fim do barbante... O barbante não tem fim.

O urubú de Edgard — A humanidade continuará tragica e ingenua... Só a morte é a etapa atingida.

O poeta — (*Passa o facho aceso ao corpo de Beatriz, frouxamente coberto pelo renard argentê*) Todo misterio será aclarado. Basta que o homem queime a propria alma!

Um imenso clarão se anuncia no fundo.

A senhora ministra — Fugamos para o paiz da chuva...

O poeta — A noite não terá mais passos nem vultos!

O hierofante — O diluvio de fogo nos seguirá!

Beatriz — Sexual! Sexual!

O poeta — Incendiarei os teus cabelos noturnos! A tua boca aquosa! A aurora de teus seios!

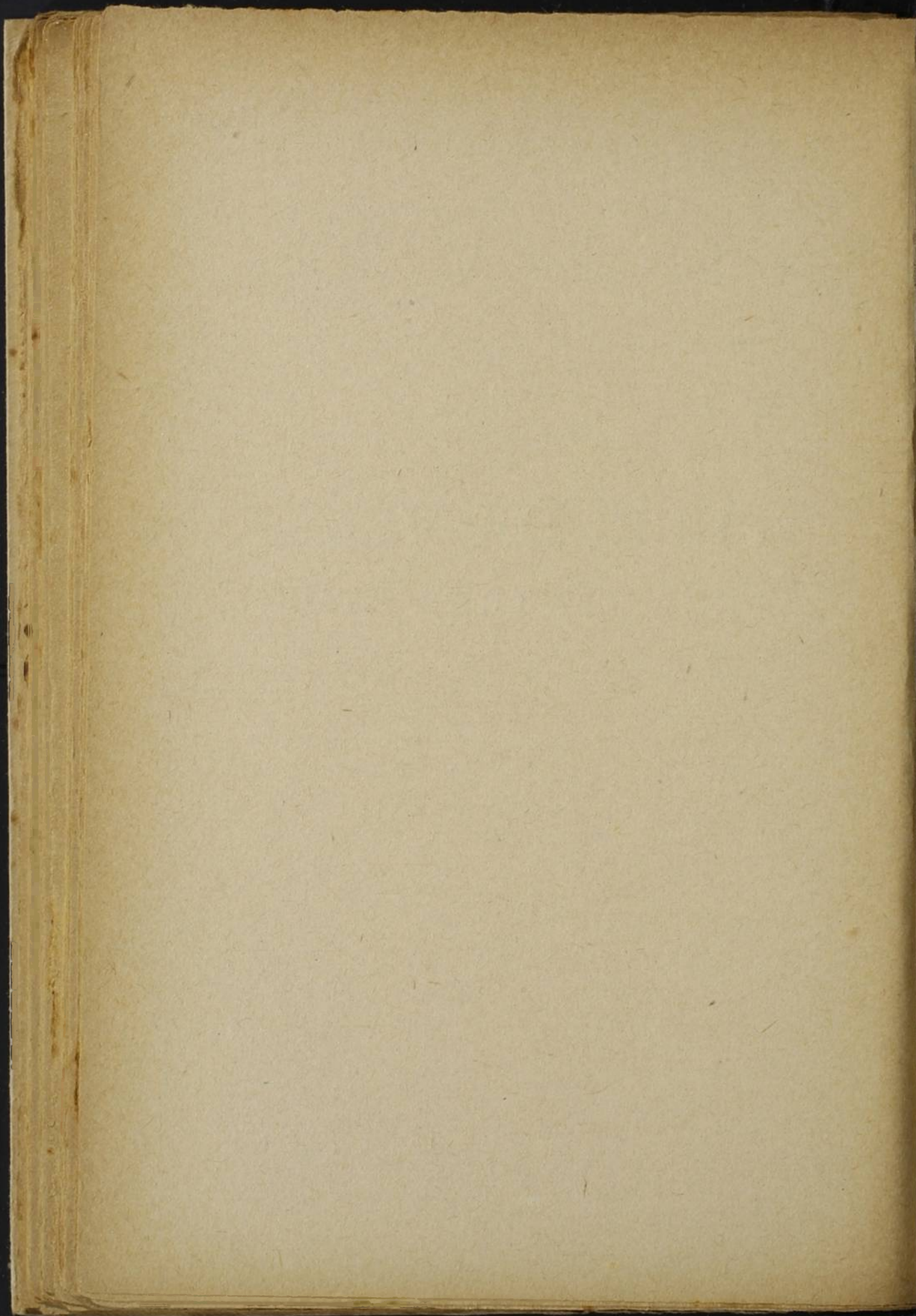
Flamba tudo nas mãos heroicas do poeta.

O hierofante — (*aproximando-se da platéa*) Respeitavel publico! Não vos pedimos palmas, pedimos bombeiros! Se quizerdes salvar as vossas tradições e a vossa moral, ide chamar os bombeiros ou se preferirdes a policia! Somos como vós mesmos, um imenso cadaver gangrenado! Salvae nossas podridões e talvez vos salvareis da fogueira acesa do mundo!

TELA

O REI DA VELA

PEÇA EM TRES ATOS

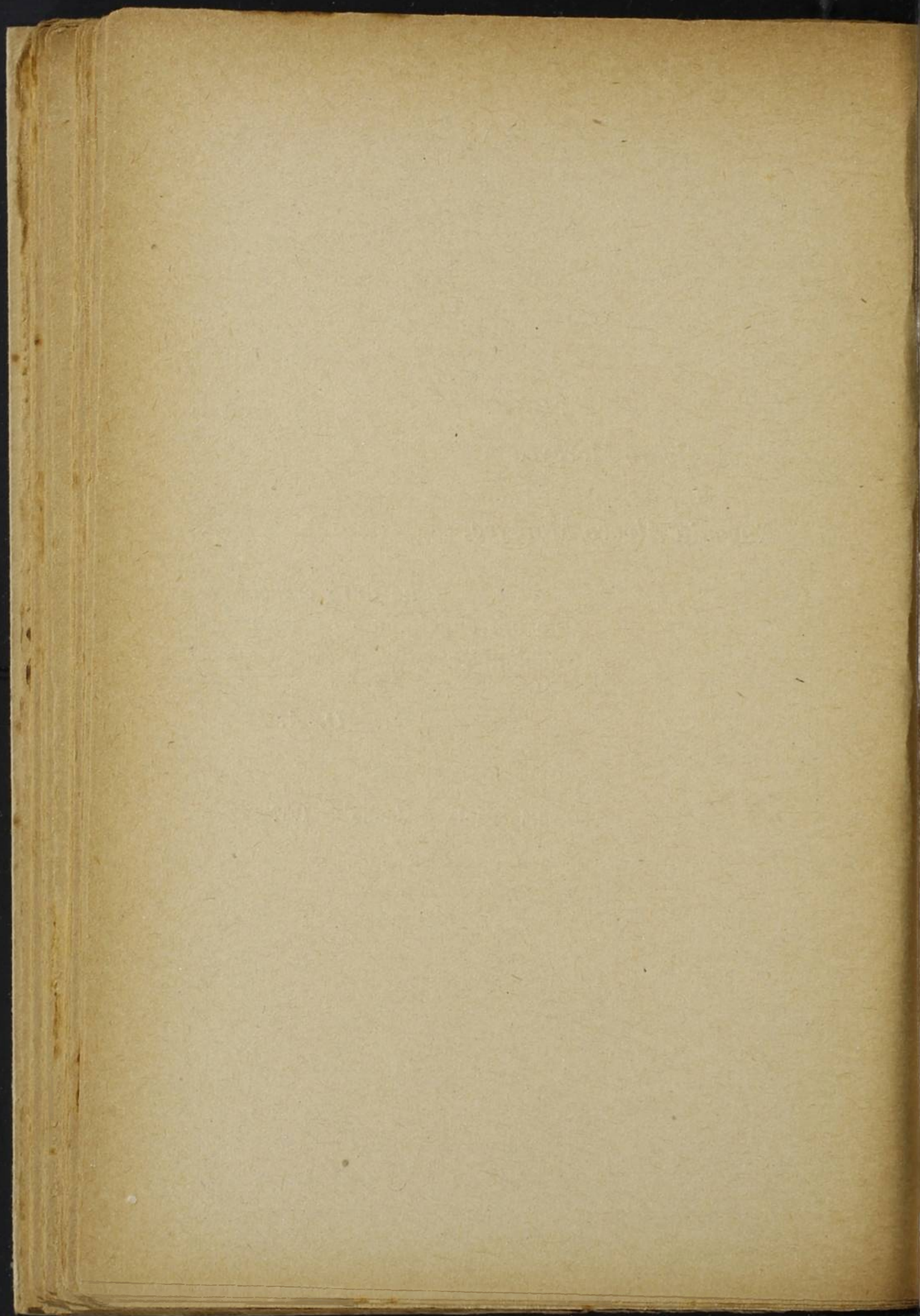


A Alvaro Moreyra
e
Eugenia Alvaro Moreyra,

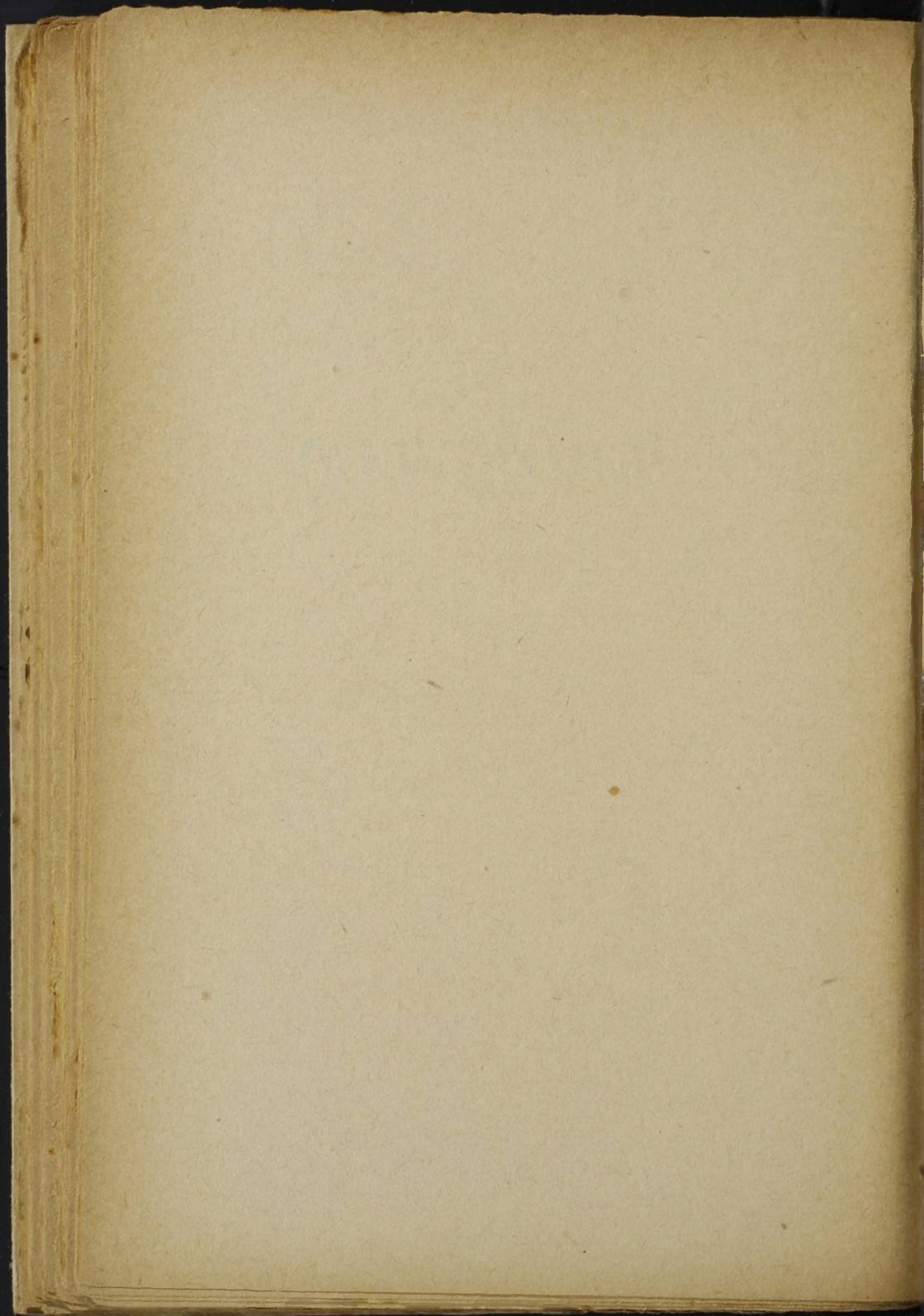
na dura criação
de um engeitado — o teatro
nacional,

O. A.

São Paulo — Junho — 1937



O REI DA VELA



PERSONAGENS DRAMATICOS

ABELARDO I

ABELARDO II

HELOISA DE LESBOS

JOANA conhecida por JOÃO DOS DIVANS

TOTÓ FRUTA DO CONDE

CORONEL BELARMINO

DONA CESARINA

DONA POLOQUINHA

PERDIGOTO

O AMERICANO

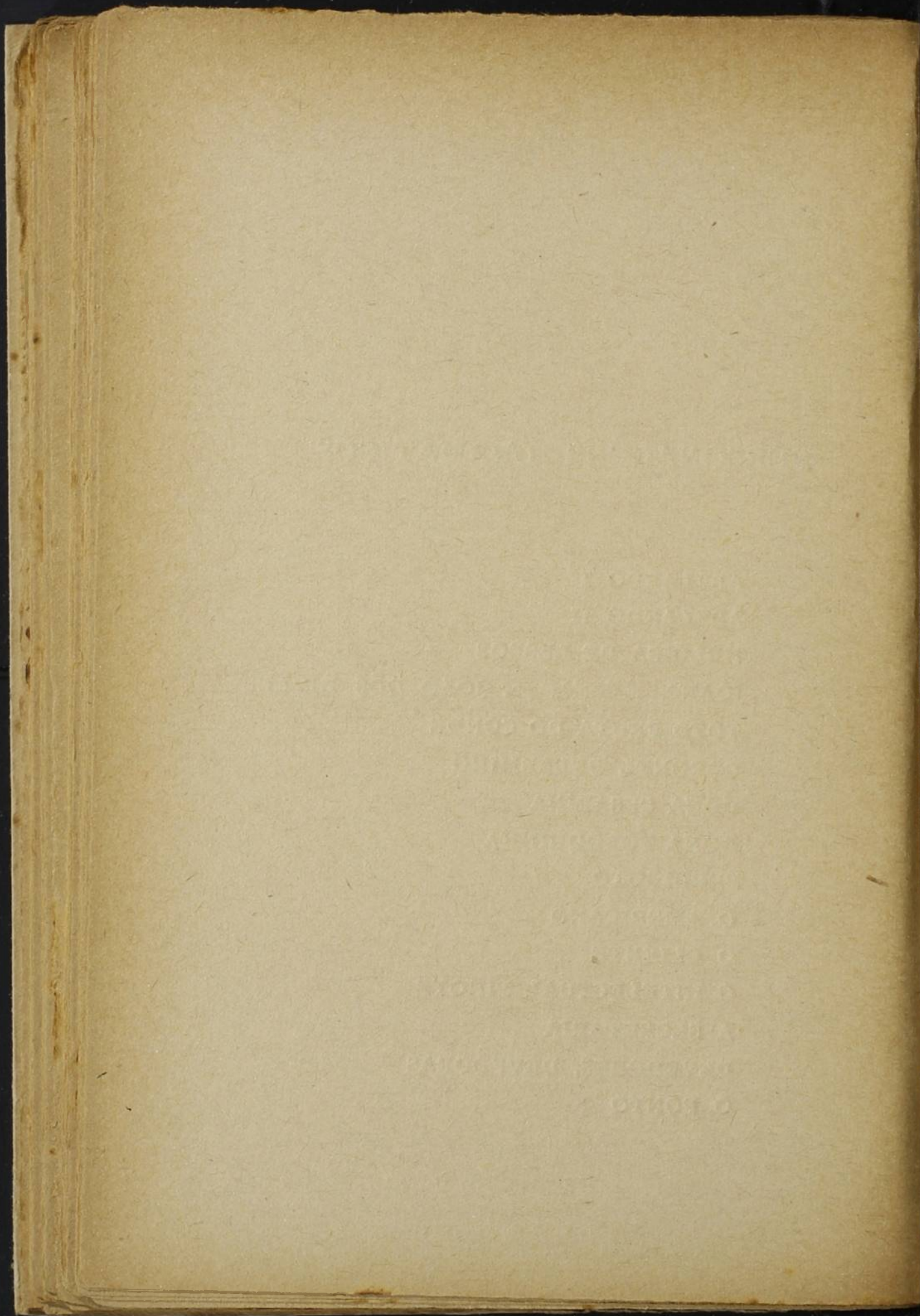
O CLIENTE

O INTELECTUAL PINOTE

A SECRETARIA

DEVEDORES, DEVEDORAS

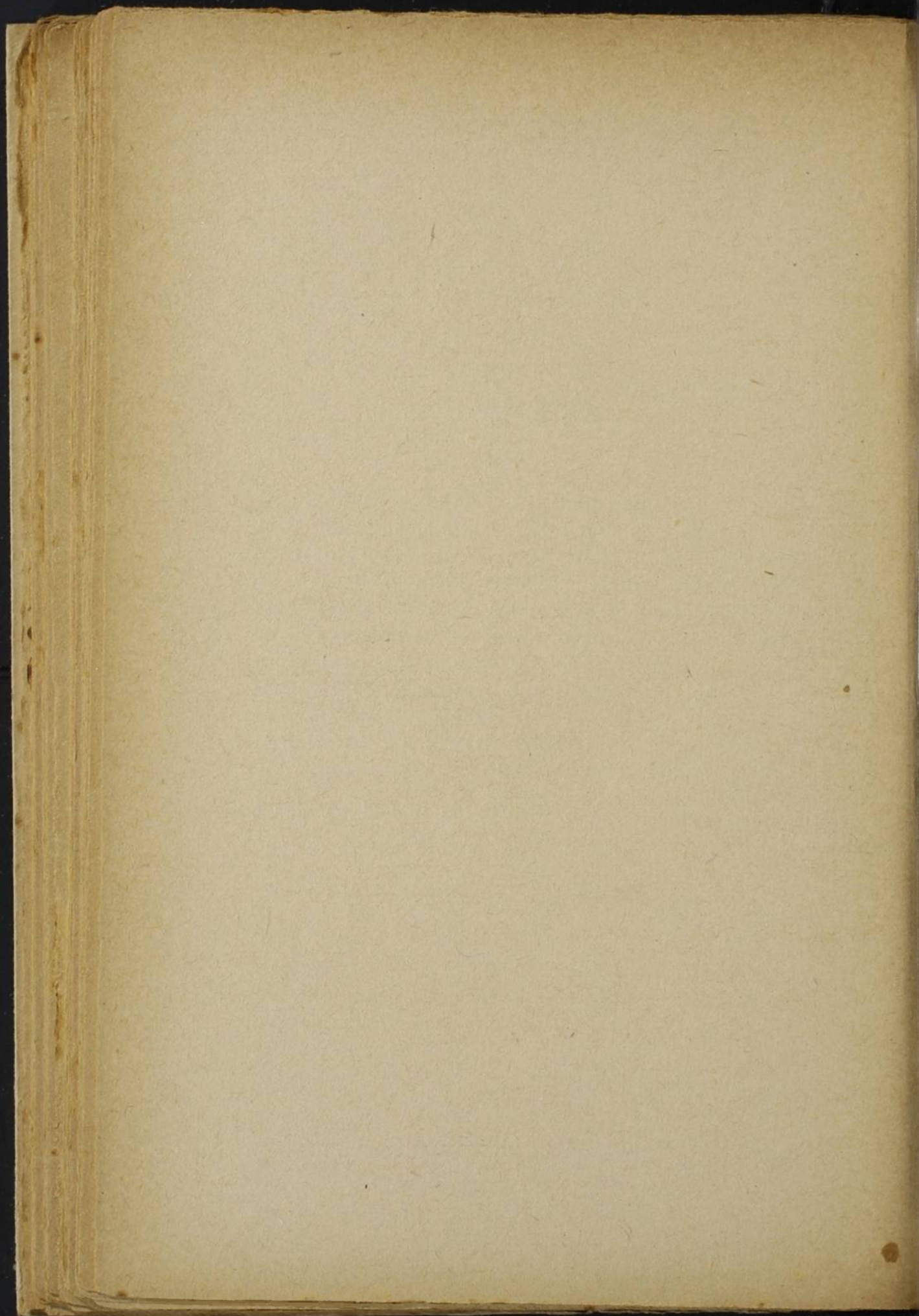
O PONTO



1.º ATO

Em São Paulo. Escritorio de usura de Abelardo & Abelardo. Um retrato da Gioconda. Caixas amontoadas. Um divan futurista. Uma secretaria Luiz XV. Um castiçal de latão. Um telefone. Sinal de alarma. Um mostruario de velas de todos os tamanhos e de todas as côres. Porta enorme de ferro á direita correndo sobre rodas horizontalmente e deixando vêr no interior as grades de uma jaula. O Pron-tuario, peça de gavetas com os seguintes rotulos: MALAN-DROS — IMPONTUAES — PRONTOS — PROTESTA-DOS. — Na outra divisão: PENHORAS — LIQUIDA-ÇÕES — SUICIDIOS — TANGAS.

Pela ampla janela entra o barulho da manhã na cidade e sae o das maquinas de escrever da ante-sala.



ABELARDO I — ABELARDO II —
CLIENTE

Abelardo I — (*sentado em conversa com o cliente. Aperta um botão, ouve-se um forte barulho de campainha*). — Vamos vêr...

Abelardo II — (*veste botas e um completo de domador de feras. Usa pastinha e enormes bigodes retorcidos. Monoculo. Um revolver á cinta*). — Pronto seu Abelardo.

Abelardo I — Traga o *dossier* desse homem.

Abelardo II — Pois não! o seu nome?

Cliente — (*embaraçado, o chapéu na mão, uma gravata de corda no pescoço magro*). — Manoel Pitanga de Moraes.

Abelardo II — Profissão?

Cliente — Eu era proprietario quando vim aqui pela primeira vez. Depois fui dois annos funcionario da Estrada de Ferro Sorocabana. O emprestimo, o primeiro, creio que foi feito para o parto. Quando nasceu a menina...

Abelardo II — Já sei. Está nos IMPONTUAES (*entrega o dossier reclamado e sae*).

Abelardo I — (*examina*) Veja! Isto não é commercial seu Pitanga! O senhor fez o primeiro emprestimo em fins de 29. Liquidou em Maio de 1931. Fez outro em Junho de 31, estamos em 1933. Reformou sempre. Ha dois mezes suspendeu o serviço de juros... Não é commercial...

O cliente — Exactamente. Procurei o senhor a segunda vez por causa da demora de pagamento na Estrada, com a Revolução de 30. A primeira foi para o parto. A creança já tinha dois anos. E a revolução em 30... Foi um mau successo que complicou tudo...

Abelardo I — O senhor sabe, o sistema da casa é reformar. Mas não podemos trabalhar com quem não paga juros... Vivemos disso. O senhor cometeu a maior falta contra a segurança do nosso negocio e o sistema da casa...

O cliente — Ha dois mezes sómente que não posso pagar juros.

Abelardo I — Dois mezes. O senhor acha que é pouco?

O cliente — Por isso mesmo é que eu quero liquidar. Entrar num acordo. Afim de não ser penhorado. Que diabo! O senhor tem auxiliado tanta gente. E' o amigo de todo mundo... Porque comigo não ha de fazer um acordo?

Abelardo I — Aqui não ha acordo, meu amigo. Ha pagamento!

O cliente — Mas eu me acho numa situação triste. Não posso pagar tudo, seu Abelardo. Talvez consiga um adiantamento para liquidar...

Abelardo I — Apesar da sua impontualidade, examinaremos as suas propostas...

O cliente — Mas eu fui pontual dois anos e meio. Paguei emquanto pude! A minha dívida era de um conto de réis. Só de juros eu lhe trouxe aqui nesta sala mais de dois contos e quinhentos. E até agora não me utilizei da lei contra a usura...

Abelardo I — (*interrompendo-o brutal*) — Ah! meu amigo. Utilize-se dessa coisa imoral e iníqua. Se fala de lei de usura, estamos com as negociações rotas... Saia daqui!

O cliente — Ora, Seu Abelardo. O senhor me conhece. Eu sou incapaz!

Abelardo I — Não me fale nessa monstruosidade porque eu o mando executar hoje mesmo. Tomo-lhe até a roupa ouviu? a camisa do corpo.

O cliente — Eu não vou me aproveitar, seu Abelardo. Quero lhe pagar. Mas quero também lhe propor um acordo. A minha situação é triste... Não tenho culpa de ter sido dispensado. Empreguei-me outra vez. Despediram-me por economia. Não ponho minha filhinha na escola porque não posso comprar sapatos para ela. Não hei de morrer de fome também. As vezes não temos o que comer em casa. Minha mulher agora caiu doente. No

entanto, sou um homem habilitado. Tenho procurado inutilmente emprego por toda a parte. Só tenho recebido nãos enormes. Do tamanho do céu! Agora, aprendi escrituração, estou fazendo umas escritas. Uns biscates. Hei de arribar... Quero ver se adeantam para lhe pagar.

Abelardo I — Mas enfim, o que é que o senhor me propõe?

O cliente — Uma pequena redução no capital.

Abelardo I — No capital! O senhor está maluco! Reduzir o capital? Nunca!

O cliente — Mas eu já paguei mais do dobro do que levei d'aqui...

Abelardo I — Me diga uma coisa, seu Pitanga. Fui eu que fui procural-o para assinar este papagaio? Foi o meu automovel que parou deante do seu casebre para pedir que accitasse o meu dinheiro? Com que direito o senhor me propõe uma redução no capital que eu lhe emprestei?

O cliente — (*desnortado*) Eu já paguei duas vezes...

Abelardo I — Suma-se daqui (*levanta-se*) Saia ou chamo a policia. É só dar o sinal de crime neste aparelho. A policia ainda existe...

O cliente — Para defender os capitalistas! E os seus crimes!

Abelardo I — Para defender o meu dinheiro. Será executado hoje mesmo. (*Toca a campainha*). Abelardo! Dê ordens para executal-o! Rua! Vamos. Fuzile-o. É o sistema da casa.

O cliente — Eu sou um covarde! (*vae chorando*) O senhor abusa de um fraco, de um covarde!

MENOS CLIENTE

Abelardo I — Não faça entrar mais ninguem hoje. Abelardo.

Abelardo II — A jaula está cheia... Seu Abelardo!

Abelardo I — Mas esta sena basta para nos identificar perante o publico. Não preciso mais falar com nenhum dos meus clientes. São todos eguaes. Sobretudo não me traga paes que não podem comprar sapatos para os filhos...

Abelardo II — Esse está se queixando de barriga cheia. Não tem prole numerosa. Só uma filha... Familia pequena!

Abelardo I — Não confunda, seu Abelardo! Familia é uma cousa distincta. Prole é de proletario. A familia requer a propriedade e vice-versa. Quem não tem propriedades deve ter prole. Para trabalhar, os filhos são a fortuna do pobre...

Abelardo II — Mas hoje ninguem mais vae nisso...

Abelardo I — E' a desordem social, o desemprego, a Russia! Esse homem possuia uma casinha. Tinha o direito de ter uma familia. Perdeu a casa. Cavasse prole! Seu Abelardo, a familia e a propriedade são duas garotas que frequentam a mesma garçoniere, a mesma farra... quando o pão sobra... Mas quando o pão falta, uma sae pela porta e a outra vóa pela janela...

Abelardo II — A familia é o ideal do homem! a propriedade tambem. E Dona Heloisa é um anjo!

Abelardo I — Você sabe que não ha outro genero no mercado. Eu não ia me casar com a irmã mais moça que chamam por ahi de garota da crise e de João dos Divans. Nem com o irmão menor que todo mundo conhece por Totó Fruta do Conde!

Abelardo II — Um degenerado...

Abelardo I — Coisas que se compreendem e relevam numa velha familia! Heloisa, apesar dos vicios que lhe apontam... Você sabe, toda a gente sabe. Heloisa de Lesbos! Fizeram piada quando comprei uma ilha no Rio, para nos casarmos. Disseram que era na Grecia. Apesar disso, ela ainda é a flor mais decente dessa velha arvore bandeirante. Uma das familias fundamentaes do Imperio.

Abelardo II — O velho está de tanga. Entregou tudo aos credores.

Abelardo I — Que importa? Para nós, homens adeantados que só conhecemos uma coisa fria, o valor do dinheiro, comprar esses restos de brazão ainda é negocio, faz vista num paiz medieval como o nosso! O senhor sabe que São Paulo só tem dez familias?

Abelardo II — E o resto da população?

Abelardo I — O resto é prole. O que eu estou fazendo, o que o senhor quer fazer é deixar de ser prole para ser familia, comprar os velhos brazões, isso até parece theatro do seculo 19. Mas no Brasil ainda é novo.

Abelardo II — Se é! A burguezia só produziu um teatro de classe. A apresentação da classe. Hoje evoluímos. Chegamos á espinafração.

Abelardo I — Bem. Veja o bordereau... O Banco devolveu muita coisa?

Abelardo II — Xu! um colosso! Estamos no vinagre, seu Abelardo!

Abelardo I — Vamos...

Abelardo II — (*lendo*) Cinco contos setecentos e setenta. Dr. Carlos Magalhães de Moraes Benevides Fonseca. Chapa unica... Reforma-se? Não paga juros ha 2 mezes.

Abelardo I — Reforma-se.

Abelardo II — Antunes & Lapa... tres contos... já protestei. Mangioni... Luiz. O bicheiro... Dr. João Carlos de Menezes Rocha... dois contos...

Abelardo I — Pro protesto.

Abelardo II — Barão de Gama Lima, quinhentos mil réis...

Abelardo I — Pro protesto.

Abelardo II — Moura Mello... setecentos mil réis

Abelardo I — Pro protesto!

Abelardo II — Abrahão Calimerio... dez contos

Abelardo I — Pro protesto!

Abelardo II — Carlos Peres... Esta já foi pro pau hontem...

Abelardo I — Ele não pediu reforma?

Abelardo II — Não.

Abelardo I — E porque?

Abelardo II — Tomou dois copos de limonada com iodo. Está aqui no jornal (*procura*) Diz que está em estado de coma, na Santa Casa...

Abelardo I — Mande o Bemvindo fazer a penhora. Depressa. Antes que ele morra e a venda feche...

Abelardo II — Está certo. Esta é... daquele funcionario publico, o Pires Limpo... Ele está limpo e de pires! Mandou a filha aqui.

Abelardo I — Bonita?

Abelardo II — Pancadão! Dezoito anos... Cada dente deste tamanho.

Abelardo I — Mandou a filha? O mez passado veiu a mulher.

Abelardo II — Eu vi. Geitosa... Mas muito faladeira. Queria saber onde é que o senhor morava, falou na compra da ilha no Rio, onde o senhor vae se casar. Que ia levar de avião uma porção de gente de São Paulo.

Abelardo I — (*batendo o pé numa grande caixa de papelão*) — Que é isto aqui?

Abelardo II — Fôrmãs de chapéu (*mostra o castiçal de latão*) a penhora de Mme. Lanale. Só tinha isso e aquelle candelabro. Quasi que não dá para pagar os tiras que ajudaram.

Abelardo I — E os moveis...

Abelardo II — Ficaram despedaçados na rua. Eram duas peças velhas, de ferro. Foi um escandalo. O estado maior teve que agir duro. O povo queria se opor. Juntou gente...

Abelardo I — Que estado-maior?

Abelardo II — Os officiaes de justiça...

Abelardo I — Mas o exemplo ficou!

Abelardo II — E frutificará.

Abelardo I — A rua inteira sabe que penhorei porque não me pagaram 200\$000. A cidade inteira sabe. Talvez gastasse mais nisso... Que importa? *Dura Lex*, aprendi isso na Faculdade de Direito!

Abelardo II — Queria que o senhor visse a choradeira! A viuva berrava na janela: — Gli orfani! Gli orfani! Non abiamo piu lavoro!

Abelardo I — O que?

Abelardo II — Ela queria dizer que os orfãos não tinham mais o que comer. Tiramos os instrumentos de trabalho.

Abelardo I — Manhosa...

Abelardo II — Só se póde prosperar á custa de muita desgraça. Mas de muita mesmo...

Abelardo I — Se não for assim como garantirei os meus depositantes. Se não tiro do outro lado? Ofereço juro que os bancos não pagam. Os juro que só alguns pagavam nos bons tempos. 4 e até 5 por cento ao ano!

Abelardo II — Tambem o dinheiro corre para aqui!... Lá em baixo a secção bancaria está assim!

Abelardo I — Ofereço boas garantias. E tambem exijo boas garantias, quando empresto...

Abelardo II — A 5 e 10 por cento ao mez... Por filantropia! (*O telefone*) E' seu irmão.

Abelardo I — Meu advogado.

Abelardo II (*no fone*) Sim senhor. Está (*para Abelardo*) Diz que entrou no Forum com tres executivos. Está chamando o senhor...

Abelardo I (*ao fone*) Como? Sou eu... Abelardo. O Theodoro? Quer se prevalecer da lei de usura! Grande besta! E pede reforma! Linche esse camarada. Ponha flite nele e acenda um fosforo! (*bate o fone*) Pro pau com esse bandido! Lei contra a usura! Miseraveis! Bolshevistas! Por isso é que o paiz se arruina. E ha um miseravel que quer se aproveitar dessa iniquidade.

Abelardo II — Leis sociaes...

Abelardo I — Sucia de deshonestos. Intervir nos jurros. Cercear o sagrado direito de emprestar o meu dinheiro á taxa que eu quizer! E que todos acceitam. Mais! Que vem implorar aqui! Sou eu que vou buscal-os para assinar papagaios? Ou são eles que todos os dias enchem a minha sala de espera? Abra a jaula!

Abelardo II — (*obedece de chicote em punho. A porta de ferro corre pesadamente*).

MAIS CLIENTES

Os clientes aparecem atropeladamente nas grades. E' uma coleção de crise, variada, expetante. Homens e mulheres mantêm-se quietos ante o enorme chicote de Abelardo II)

Abelardo I — Rua! Nem mais um negocio! Vou fechar esta bagunça.

Vozes (*da jaula*) — Pelo amor de Deus! Por caridade! Eu não posso pagar o aluguel! Reforme! Vou á falencia!

Abelardo I — Rua! Ninguem mais pode trabalhar num paiz destes! Com leis monstruosas!

As vozes — Eu tenho que fechar a fabrica! Não poderei pagar os duzentos operarios que ficarão sem pão! Tenha piedade! Inclua os juros no capital! Damos excelentes garantias!

Abelardo I (*a Abelardo II*) — Feche esta porta! Não atendo ninguem! (*Abelardo II faz estalar o chicote de domador*).

As vozes — Blefaremos o governo! Me salve! Me salve!

Abelardo I — Rua! Canalhas! Lá fóra sei como vocês me tratam! (*Abelardo II fal-os recuar das grades, brandindo o chicote e ameaçando com o revolver*).

Uma voz de mulher — Ai Jesus! Não temos o que comer! Eu não saio daqui! Espero até a noite! Estou arruinada!

As vozes irritadas — (*Abelardo II procura fechar a porta de ferro*) Canalha! Sujo! Tirou o nosso sangue! Ladrão! Não saimos daqui!

Um italiano — Pamarona! Momanjo isto capitalista!

Uma franceza — Sale cochon! Si c'est possible! Con!

Um russo branco — Svoloch!

Um turco — Jóge paga batéca! Non izacuta Jóge...

As vozes (*em côro*) — Assassino!

Abelardo I — Feche! Atire! (*Abelardo II dá um tiro para o ar. Os clientes recuam gritando*). *Ele corre a porta de ferro ruidosamente*).

As vozes (*abafadas*) Cão! Rei da Vela! Pão duro!

Uma voz de mulher (*gritando do outro lado da porta*)
— Meu marido bebeu estriquinina!

Outra — Minha mãe tomou lysol!

Outra — Meu pae se jogou do Viaduto!

Abelardo I — Lysol! Estriquinina! Viaduto! E' do que vocês precisam, canalhas!

MENOS CLIENTE

Telefone

Abelardo II (*atendendo*) — Alô! E' o padre! Aquele da entrevista! Está, reverendo! Vem já...

Abelardo I — Mas você marcou?

Abelardo II — Não marquei nada.

Abelardo I (*toma o fone*) — Bom dia, reverendo! Sou eu mesmo. Abelardo... Ah! Com muitissima honra... Esperarei vossa reverendissima. Pode ser ás quatro horas? Então... sem duvida... Beijo-lhe as mãos! Sempre ás suas ordens (*Depõe o fone*) Este padre é engraçado... Não me larga... Eu não sou eleitor... Ele não quer dinheiro...

Abelardo II — Quer a sua alma...

Abelardo I — Evidentemente é um caso raro. Um homem preocupar-se comigo sem ser logo á vista...

Quanto?

Abelardo II — Ele prefere tratar desde já do seu testamento.

Abelardo I — Inutil. Eu morro ateu e casado.

Abelardo II — E' isso mesmo que ele quer. A viuva cuidará bastante de sua alma que terá ido... para o purgatorio...

Abelardo I — Diga-me uma coisa, seu Abelardo, você é socialista?

Abelardo II — Sou o primeiro socialista que aparece no Teatro Brasileiro.

Abelardo I — E o que é que você quer?

Abelardo II — Sucedel-o nessa mesa.

Abelardo I — Pelo que vejo o socialismo nos paizes atrazados começa logo assim... Entrando num acordo com a propriedade...

Abelardo II — De facto... Estamos num paiz semi-colonial...

Abelardo I — Onde a gente póde ter ideas, mas não é de ferro.

Abelardo II — Sim. Sem quebrar a tradição.

Abelardo I — Se fôr preciso, o padre leva a sua alma tambem... Está certo... Vamos examinar aquelas propostas (*senta-se e lê*) — Carmo Belatine...

Abelardo II — E' aquele da fabrica de salchichas... O frigorifico... Que comprou o terreno da Lapa.

Abelardo I — Edade?

Abelardo II — Trinta e nove anos.

Abelardo I — Nivel de vida?

Abelardo II — Nivel baixo ainda. Faz a barba na terrina da sopa, com sabão de cosinha e gilete de segunda mão...

Abelardo I — Já fala o portuguez?

Abelardo II — Ainda atrapalha.

Abelardo I — Gasta menos do que tira dos trabalhadores?

Abelardo II — Muito menos!

Abelardo I — Tem filhos grandes?

Abelardo II — Pequenos ainda.

Abelardo I — Em bons collegios?

Abelardo II — Sim. Oiseaux, Sion, São Bento.

Abelardo I — Bem. Tome nota. Emprestamos emquanto os pequenos estudarem. Quando as filhas começarem o serviço militar nas garçoniéres, e o pequeno tiver barata, e Mme. souber se vestir, emprestaremos então de preferencia á costureira de madame. O velho ahi terá mudado de nivel. Possuirá automovel, casa no Jardim America. Cessaremos pouco a pouco todo o credito. Nem mais um papagaio! Ele virá aqui caucionar os titulos dos comerciantes a quem fornece. Executarei tudo um dia. Levarei a fabrica, os capitaes immobilizados e o ferro velho á praça.

Abelardo II — E a mulher dirá que foram os operarios que os arruinaram,

Abelardo I — E foram de facto. Eu conto como factor essencial dessas coisas as exigencias atuaes do operariado. O salario minimo. As ferias. Que diabo. As taes leis sociaes não hão de ser só contra o capital...

Abelardo II — Não são não. Descanse. Eu entendo de socialismo. Olhe. A lei de ferias só deu um resultado. Não ha mais salario de semana ou de mez. E' por dia de trabalho, ou por contrato. Somando bem, os domingos, feriados e dias de doença eram mais que as ferias de hoje.

Abelardo I — Bem. Guarde esta ficha nos Firmes. Feche o negocio. A mesma taxa. O sistema da casa. Chame a secretaria n.º 3. Quero ditar uma carta. (*Abelardo II sae*)

ABELARDO I E SECRETARIA N. 3

A secretaria — (*E' uma moça, longa, de olhos e tranças enormes e loiras. Veste-se pudicamente. Traz lapis e block-notes na mão*). — E' para bater á maquina, seu Abelardo?

Abelardo I — Não. Para estenografar. Nem isso. A senhora sabe redigir. Melhor do que eu. Faça uma carta. Sente-se ahi. (*Sentam-se perto um do outro*). Dona Aida... Aida loira... Aida de Wagner. Como é? Não precisa de um Radamés?

A secretaria — Preciso que o senhor melhore o meu ordenado. O custo da vida augmentou no Brasil de 30%.

Abelardo I — Tenho todo interesse pelo custo de sua vida... Mas a senhora sabe... As vidas hoje estão difíceis para todos... Não é mais como antigamente... Que tranças!... Eu acabo me enforcando nessas tranças!... Deixa? (*procura tocá-lhe os cabelos*).

A secretaria — Tenha modos, seu Abelardo!

Abelardo I — Deixa? Malvada!

A secretaria — Nunca. Eu sou romantica. Não vendo o meu amor!

Abelardo I — Vamos fazer um pic-nic (*aponta o divam sob a Gioconda*) Debaixo daquela mangueira?

A secretaria — Eu sou noiva.

Abelardo I — Eu também.

A secretaria — Mas eu sou fiel...

Abelardo I — Bem! Depois não venha fazer vales aqui hein. Eu também sei ser fiel ao sistema da casa. Vá lá. Redija! Não. Tome nota. Olhe. É uma carta confidencial. A um tal Christiano de Bensaúde. Industrial no Rio. Metido a escriptor. Redija sem erros de portuguez. O homem foi critico literario e avançado, quando era prompto... Ele me escreveu propondo frente unica contra os operarios. Responda em tese (*a secretaria toma nota*) insinue que é melhor ele ser um puro policial. Manter vigilancia rigorosa nas fabricas. Evitar a propaganda comunista. Denunciar e perseguir os agitadores. Prender. Esse negocio de escrever

livros de sociologia com anjos é contraproducente. Ninguém mais crê. Fica ridículo para nós, industriaes avançados. Deante dos americanos e dos inglezes. Olhe, diga isto. Que a burguezia morre sem Deus. Recusa a extrema unção. Cite o exemplo de proprio Vaticano. Coisas concretas. A adesão politica da egreja contra um bilhão e setecentos milhões de liras, o ensino religioso e a lei contra o divorcio. Tomá lá, da cá. Não vê que um alpinista como Pio XI põe anjos em negocios. Vá redigir e traga logo. Para seguir hoje... Ver se esse homem deixa de atrapalhar. Um sujeito feudal. Vitima do seu proprio sistema. Paga um salario medieval, 20\$000 por quinzena.

A secretaria (*voltando-se da porta*) — Ga-ra-nhão!
(*sae esbarrando em Heloisa de Lesbos que vestida de homem, entra como a manhã lá de fóra*).

MENOS SECRETARIA MAIS HE-
LOISA

Abelardo I (*rindo*) — Você! Meu amor! Na hora do expediente!

Heloisa — O nosso casamento é um negocio...

Abelardo I — Por isso vieste de Marlene?

Heloisa — Mas não ha de ser um negocio como esses que você faz com esse bando de desesperados que saiu d'ahi vociferando... Estão ainda muitos lá em baixo. Ha mulheres idosas, moças, turcos, ita-

lianos, russos de prestação, uma fauna de hospício...

Abelardo I — Ingratos! Matei-lhes a fome! Dei-lhes ilusões!

Heloisa — E agora os trata assim!

Abelardo I — Para te dar uma ilha. Uma ilha para você só!

MAIS ABELARDO II

Abelardo II (*entrando*) — Ha um ahi que não quer sair. Está resistindo. E' cliente novo.

Abelardo I — Quem é?

Abelardo II — Um intelectual. Diz que não sae sem vel-o. Quer fazer a sua biografia, ilustrada. Com fotografias. Diz que dará um bom livro. Grosso!

Abelardo I — Mande entrar. Quero vel-o.

MAIS O INTELECTUAL PINOTE

Pinote — (*entra de chapeo de poeta na mão. Uma gravata lyrica. Sorrindo. Mesuras. Tras uma faca enorme de madeira como bengala*). Bom dia, mestre.

Heloisa — (*dá um grito lancinante*) — Ai! A faca!

Abelardo I — Desarme esse homem! Ora essa! (*Abelardo II atira-se sobre o intelectual e arranca-lhe a faca simbolica*). Deixar entrar gente com armas aqui!

Pinote (*Excusando-se humildemente*) — E' inofensiva... de pau!

Abelardo I — Confesse que o senhor planejou um atentado! Confesse!

Pinote — Absolutamente! Por quem o senhor está me tomando. E' uma faca profissional, inofensiva, não mata...

Abelardo II (*examinando*) — Está cheia de sangue... sangue coagulado...

Pinote — Umas facadinhas... para comer... (*a um gesto de Abelardo I senta-se. Abelardo II permanece ao fundo, segurando com as duas mãos a face em horizontal, como um servo antigo*). A crise é que obriga... Mas não sou nenhum gangster, não. Eu sou biografo. Vivo da minha pena. Não tenho mais idade para cultivar o romance a poesia... O teatro nacional virou teatro de tese, E eu confesso a minha ignorancia, não entendo de politica. Nem quero entender...

Abelardo I — E' um revoltado?

Pinote — Absolutamente não! Fui no colegio. Hoje sou quasi um conservador! O que me falta é convicção.

Abelardo I — Tem veleidades sociaes... quero dizer bolchevistas?...

Pinote — Não senhor! Olhe, tenho até nojo de gente baixa... gente de trabalho... não vae comigo!

Abelardo I — Muito bem!

Pinote — Gente que cheira mal...

Heloisa — Ninguem dá sabão a eles para se lavarem.

Abelardo II — Nem pão, quanto mais sabonete...

Abelardo I (*tranquilizando Pinote que se voltou*) — Não se encomode. Ele é socialista. Mas moderado, de faca também. (*sorriso dos dois*) Mas afinal, qual é o genero literario que cultiva, meu amigo?

Pinote — Os grandes homens! Pretendo fazer como Ludwig. Escrever as grandes vidas! Não ha mais nobre missão sobre o planeta! Os heroes da epoca.

Abelardo I — Pode ser também extremamente perigoso. Se nas suas biografias exaltar heroes populares e inimigos da sociedade. Imagine se o senhor escreve sobre a revolta dos marinheiros pondo em relevo o João Candido... ou algum comunista morto num comicio!

Pinote — Não ha perigo. A policia me perseguiria.

Abelardo I — E' então um intelectual policiado...

Pinote — Faço questão de manter uma atitude moderada e distincta!

Abelardo I — Já publicou alguma coisa?

Pinote — Já. Um livrinho! A vida de Estacio de Sá. Não saiu muito bem. Mas estou fazendo outro... Vae sahir melhor...

Abelardo I — A vida de Carlos Magno?...

Pinote — Não. De Pascoal Carlos Magno. Uma coisa inofensiva...

Heloisa — Então os seus livros podem ser lidos por moças...

Pinote — Decerto! Eu quero ser um Delhi social! Entenderam?

Abelardo I — Perfeitamente! Uma literatura bestificante. Iludindo as coitadinhas sobre a vida. Transferindo as soluções da existencia para as soluções "no livro" ou "no theatro". Freud...

Pinote — Oh! Freud é subversivo...

Abelardo I — Um bocadinho. Mas olhe que se não fosse ele, nos estavamos muito mais desmascarados. Ele ignora a luta de classes! Ou finge ignorar. E' uma grande coisa!

Heloisa — Distrae muito, quando a gente é emancipada (*Tira um cigarro e fuma*).

Pinote — Eu prefiro as vidas!

Abelardo I — Não pratica a literatura de ficção?...

Pinote — No Brasil isso não dá nada!

Abelardo I — Sim, a de fricção é que rende. E' preciso ser assim, meu amigo. Imagine se vocês que escrevem fossem independentes! Seria o diluvio! A subversão total. O dinheiro só é util nas mãos dos que não tem talento. Vocês escriptores, artistas, precisam ser mantidos pela sociedade na mais dura e permanente miseria! Para servirem como

bons lacaios, obedientes e prestimosos. E' a vossa função social!

Heloisa — Faz versos?

Pinote — Sendo preciso... Quadrinhas... Acrosticos... Sonetos... Reclames.

Heloisa — Futuristas?

Pinote — Não senhora! Eu já fui futurista. Cheguei a acreditar na independencia... Mas foi uma tragedia! Começaram a me tratar de maluco. A me olhar de esguelha. A não me receber mais. As creanças choravam em casa. Tenho tres filhos. No jornal tambem não pagavam, devido á crise. Precisei viver de bicos. Ah! Reneguei tudo. Arranjei aquele instrumento (*mostra a faca*) e fiquei passadista.

Abelardo I — Mas qual é a sua côr politica nestes agitados dias de debate social?

Pinote — Eu tenho uma posição intermediaria, neutra... Não me meto.

Abelardo I — Neutra! E' incomprehensivel! E' inadmissivel! Ninguem é neutro no mundo actual. Ou se serve os de baixo...

Pinote — Mas com que roupa?

Abelardo I — Sirva então francamente os de cima. Mas não é só com biografias neutras... Precisamos de lacaios...

Pinote — E'! Mas dizem por ahi que a Revolução Social está proxima. Em todo o mundo. Se a coisa virar?

Abelardo I — Será fusilado com todas as honras. E' preferível morrer como inimigo do que como adesista.

Pinote — E a minha familia... As tres creanças?

Abelardo I (*levanta-se furioso*) Saia já d'aqui! Vilão! Oportunista! Não leva nem dez mil réis, creia! A minha classe precisa de lacaios. A burguezia exige definições! Lacaios, sim! Que usem fardamento. Rua (*Abelardo II entrega a faca ao intelectual que sae penosamente. Retira-se depois*).

MENOS O INTELECTUAL PINOTE
E ABELARDO II

Heloisa — Coitado!

Abelardo I — Voltará! De camisa amarella azul ou verde. E de alabarda. E ficará montando guarda á minha porta! E me defenderá com a propria vida, da maré vermelha que ameaça subir, tomar conta do mundo! O intelectual deve ser tratado assim. As creanças que choram em casa, as mulheres lamentosas, fracas, famintas são a nossa arma! Só com a miseria eles passarão a nosso inteiro e dedicado serviço! E teremos louvores, palmas e garantias. Eles defenderão as minhas posições e a tua ilha, meu amor!

Heloisa — Ora uma ilha brasileira!... Estou quasi não querendo.

Abelardo I — Um caes... Onde você atracou... Depois de tocar em muitas terras... ver muitas paisagens...

Heloisa — O meu porto seguro...

Abelardo I — Um porto saneado... Com armazens... guindastes... E uma multidão de trabalhadores para nos dar a nota...

Heloisa — Em troca da minha liberdade. Chegamos ao casamento... Que você no começo dizia ser a mais imoral das instituições humanas.

Abelardo I — E a mais util á nossa classe... A que defende a herança...

Heloisa — Emfim... aqui estou... negociada. Como uma mercadoria valiosa... Não nego, o meu ser mal educado nos pensionatos milionarios da Suissa, nos salões atapetados de São Paulo... vivendo entre ressacas e preguiças, aventuras... não pode suportar por mais de dois anos a ronda da miseria... (*Silencio*) E a admiração que você provocou em mim, com o seu ar calculado e frio e a sua espantosa victoria no meio da derrocada geral... O conhecimento que tive do seu cinismo e da sua indiferença deante dos sofrimentos humanos...

Abelardo I — Conheço uma só coisa, a realidade. E por isso subjugo você que é sonho puro...

Heloisa (*mostrando a Gioconda*) — Porque que você tem esse quadro ahí...

Abelardo I — A Gioconda... Um naco de beleza. O primeiro sorriso burguez...

Heloisa — Você é realista. E por isso enriqueceu magicamente. Emquanto os meus, lavradores de cem anos, empobreceram em dois...

Abelardo I — Trabalharam e fizeram trabalhar para mim milhares de seres durante noventa e oito...
(*silencio absorto*).

Heloisa — Dizem tanta coisa de você, Abelardo...

Abelardo I — Já sei... Os degraus do crime... que descí corajosamente. Sob o silencio comprado dos jornaes e a cegueira da justiça de minha classe! Os espectros do passado... Os homens que traí e assassinei. As mulheres que deixei. Os suicidados... O contrabando e a pilhagem... Todo o arsenal do theatro moralista dos nossos avós. Nada disso me impressiona nem impressiona mais o publico... A chave milagrosa da fortuna, uma chave yale... Jogo com ela!

Heloisa — O panico...

Abelardo I — Porque não? O panico do café. Com dinheiro inglez comprei café na porta das fazendas desesperadas. De posse de segredos governamentais, joguei duro e certo no café-papel! Amontoei ruinas de um lado e ouro do outro! Mas, ha o trabalho constructivo, a industria... Calculei ante a regressão parcial que a crise provocou... Descobri e incentivei a regressão, a volta á vela... sob o signo do capital americano.

Heloisa — Ficaste o Rei da Vela!

Abelardo I — Com muita honra! O Rei da vela miseravel dos agonizantes. O rei da vela de sêbo. E da vela feudal que nos fez adormecer em creança pensando nas historias das negras velhas... Da vela pequeno-burgueza dos oratorios e das escritas em casa... As emprezas electricas fecharam com a crise... Ninguem mais poude pagar o preço da luz... A vela voltou ao mercado pela minha mão previdente. Veja como eu produzo de todos os tamanhos e cores. (*indica o mostruario*) Para o Mez de Maria das cidades caipiras, para os armazens do interior onde se vende e se joga á noite, para a hora de estudo das creanças, para os contrabandistas no mar, mas a grande vela é a vela da agonia, aquella pequena velinha de cêbo que espalhei pelo Brasil inteiro... Num paiz medieval como o nosso, quem se atreve a passar os umbraes da eternidade sem uma vela na mão? Herdo um tostão de cada morto nacional!

Heloisa (*sonhando*) — Meu pae era o Coronel Belarmino que tinha 7 fazendas, aquella casa sumptuosa de Higienopolis... acções, automoveis... Duas filhas viciadas, dois filhos tarados... Ficou morando na nossa casinha da Penha e indo á missa pedir a Deus a solução que os governos não deram...

Abelardo I — Que não deram aos que não podem viver sem empréstimos.

Heloisa — Meus paes... meus tios... meus primos...

Abelardo I — Os velhos senhores da terra que tinham que dar lugar aos novos senhores da terra!

Heloisa — No emtanto, todos dizem que acabou a epoca dos senhores e dos latifundios...

Abelardo I — Você sabe que o meu caso prova o contrario. Ainda não tenho o numero de fazendas que seu pae tinha, mas já possuo uma area cultivada maior que a que ele teve no apogeu.

Heloisa — Ha dez anos... A saca de café a duzentos mil réis!

Abelardo I — Estamos de fato num ponto critico em que podem predominar aparentemente e em numero, as pequenas lavouras. Mas nunca como potencia financeira. Dentro do capitalismo, a pequena propriedade seguirá o destino da ação isolada nas sociedades anonyms. O possuidor de uma é um myto economico. Senhora minha noiva, a concentração do capital é um fenomeno que eu apalpo com as minhas mãos. Sob a lei da concorrência, os fortes comerão sempre os fracos. Desse modo é que desde já os latifundios paulistas se reconstituem sob novos proprietarios.

Heloisa — Formidavel trabalho o seu!

Abelardo I — Não faça ironia com a sua propria felicidade! Nós dois sabemos que milhares de trabalhadores lutam de sol a sol para nos dar farra e conforto. Com a enxada nas mãos calosas e sujas. Mas eu tenho tanta culpa disso como o papa-

nickeis bem colocado que se enche diariamente de moedas. E' assim a sociedade em que vivemos. O regimen capitalista que Deus guarde...

Heloisa — E você não teme nada?

Abelardo I — Os inglezes e americanos temem por nós. Estamos ligados ao destino delles. Devemos tudo, o que temos e o que não temos. Hipotecamos palmeiras... quedas de agua. Cardeaes!

Heloisa — Eu li num jornal que devemos só a Inglaterra trezentos milhões de libras, mas só chegaram até aqui trinta milhões...

Abelardo I — E' provavel! Mas compromisso é compromisso! Os paizes inferiores têm que trabalhar para os paizes superiores como os pobres trabalham para os ricos. Você acredita que New-York teria aquellas babeis vivas de arranha-ceos e as vinte mil pernas mais bonitas da terra se não se trabalhasse para Wall Street de Ribeirão Preto a Singapura, de Manãos á Liberia? Eu sei que sou um simples feitor do capital estrangeiro. Um lacaio, se quizerem! Mas não me queixo. E' por isso que possuo uma lancha, uma ilha e você...

MAIS ABELARDO II

Abelardo II (*entrando*) — Perdão! Está ahi o americano!... (*retira-se*)

MENOS ABELARDO II

Abelardo I (*A Heloisa*) — Chegou a sua vez de sair, meu bem!

Heloisa — Como?

Abelardo I — Devo a esse homem...

Heloisa — Adeus!

Abelardo I — Podes passar por esta porta! Não faz mal que ele te veja sair... (*gesto evasivo de Heloisa*). Pelo contrario. Estás linda...

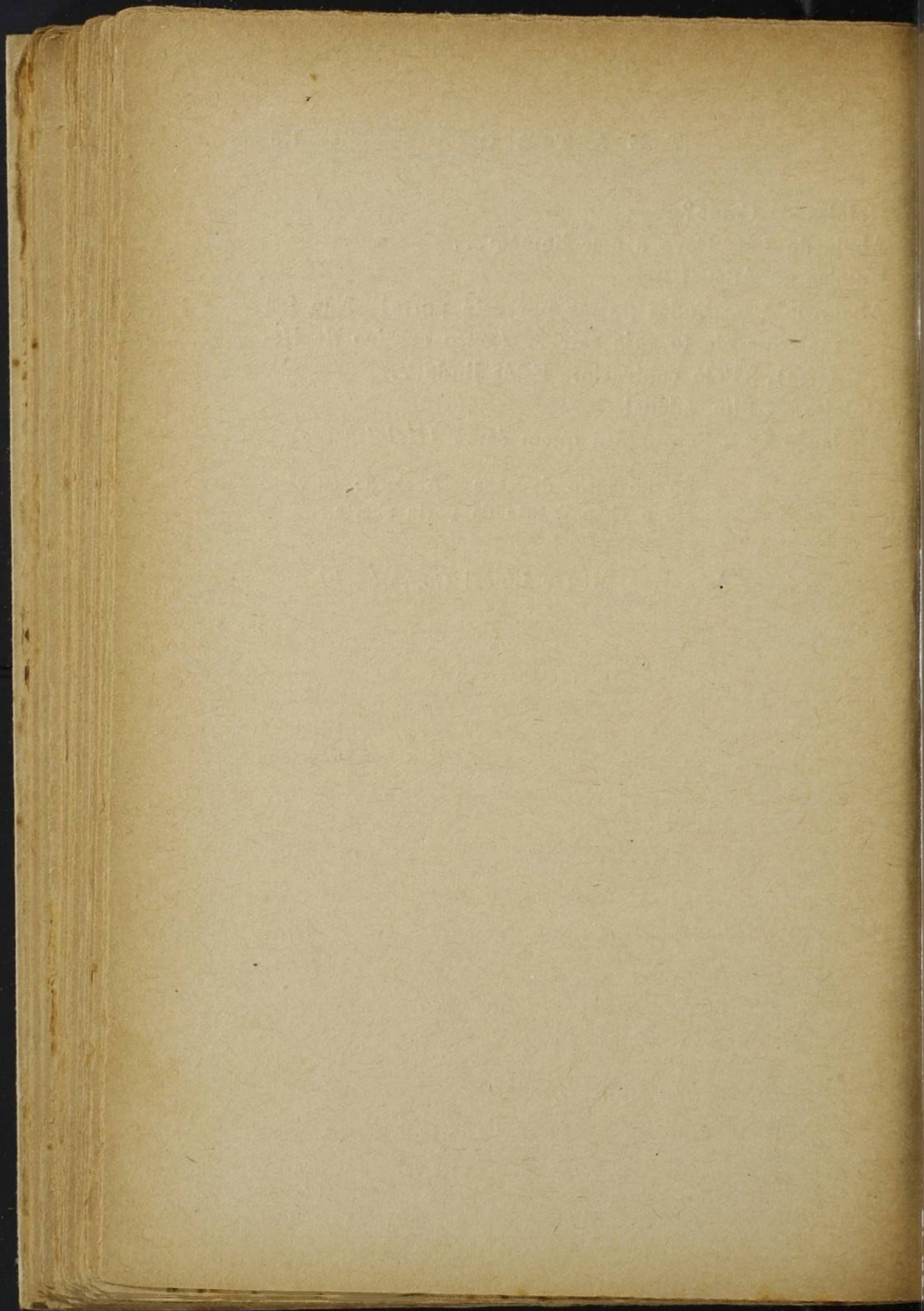
Heloisa — Sim, adeus!

Abelardo I — Perguntará quem és... (*Heloisa sae*)

Só no meio da sena. Abelardo curva-se até o chão deante da porta aberta.

Faça o favor de entrar, Mister Jones! *Come back!*

TELA

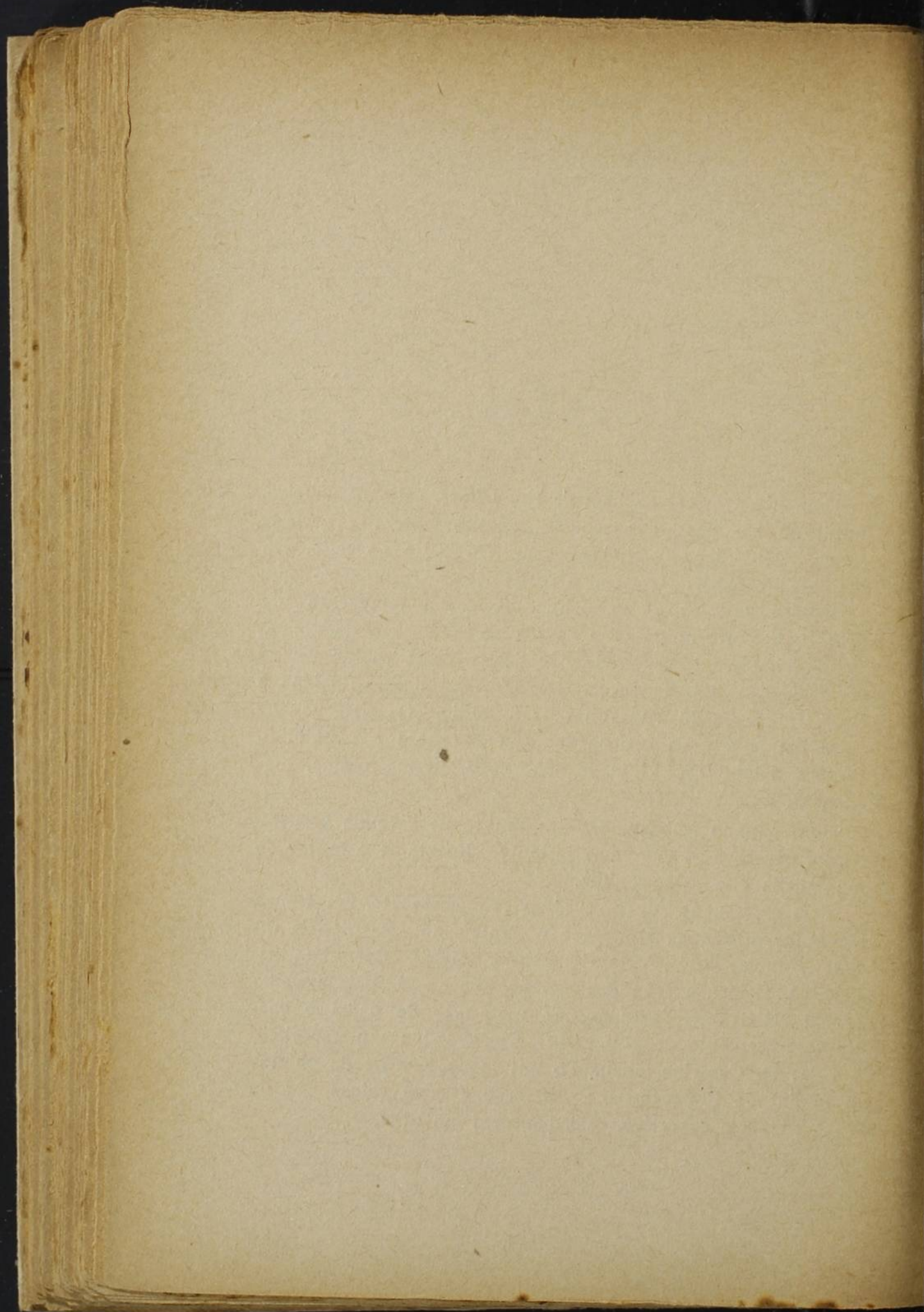


2.º ATO

Uma ilha tropical na baía de Guanabara. Rio de Janeiro. Durante o ato passaros assoviam exoticamente nas arvores brutaes. Sons de motor. O mar. Na praia ao lado, um avião em repouso. Barraca. Guarda-sóes. Um mastro com a bandeira americana. Palmeiras. A scena representa um terraço. A abertura de uma escada ao fundo em comunicação com a areia. Platibanda côr de aço com cactus verdes e coloridos em vasos negros. Moveis mecanicos. Bebidas e gelo. Uma rede do Amazonas. Um radio. Os personagens se vestem pela mais furiosa fantasia burgueza e equatorial. Morenas semi-nuas. Homens esportivos, hermafroditas, menopausas.

Com o pano fechado, ouve-se um toque vivo de corneta. A sena conserva-se vasia um instante. Escuta-se o motor de uma lancha que se aproxima.

Pela escada, ao fundo, surgem primeiramente, em franca camaradagem sexual, Heloisa e o Americano. Saem pela direita. Depois Totó Fruta do Conde, tetrico. Sae. Em seguida, D. Poloca e João dos Divans. Saem. Depois o velho coronel Belarmino, fumando um mata-rato de palha e vestido rigorosamente de golf. Sae. Segue-se-lhe um par cheio de vida: D. Cesarina, abanando um leque enorme de plumas em mailot de Copacabana e Abelardo I com calças côr de ôvo e camiseta esportiva. Permanecem em sena.



ABELARDO I — D. CESARINA

Abelardo I — Pronto! Arribamos. (*Deposita-a na rêde*) E' uma lancha que chega. Deve ser o seu filho, o Perdigoto. Na Europa é assim. Toca-se sempre corneta quando chega uma lancha! A bandeira americana é uma homenagem. Indica almirante a bordo! O Americano nosso hospede...

D. Cesarina — Pois é. Eu disse para o Belarmino. Nunca na minha vida tomei um sorvete daqueles! Uma delicia! Só mesmo um futuro genro distincto e rico como o senhor, havia de me oferecer um sorvete d'aqueles. Como é que se chama?

Abelardo I — E' Banana Real!

D. Cesarina — O Totó é que se lambeu! Coitado! Está num desgosto...

Abelardo I — E' verdade! O Totó está de aza partida! Mas endireita, tomando Banana Real!

D. Cesarina — Tambem. Quebrar uma amizade de tres anos. Eram como dois irmãos... Ele e o Godofredo viviam no mesmo quarto. Por essas e por outras é que eu não gosto de me iludir. Os seus galanteios...

Abelardo I — Os meus galanteios são sinceros... senhora minha futura sogra... Quem manda se vestir assim, com esse mailot jararaca! Qual é o santo que resiste? Olhe, é serio, serio demais!

D. Cesarina — Quer me deixar mais zangada ainda... Mais triste do que hontem. Continua a proceder mal?

Abelardo I — Mas Dona Cesarina! Me acredite! Por favor!

D. Cesarina — Mentiroso!

Abelardo — Eu terei culpa por acaso de ser fraco? Culpa de sentir.

D. Cesarina — Não é isso...

Abelardo I — Mas que é então...

D. Cesarina — Tenho um presentimento... O medo de não ser compreendida!

Abelardo I — Mas que tem! Porque não sorri mais e exala esse perfume de rosas murchas? banca um cemiterio entre ciprestes!...

D. Cesarina — E' para onde eu acabo indo por sua causa...

Abelardo I — Dou a Cesar o que é de Cesar. Ou melhor a Cesarina o que é de Cesarina...

Dona Cesarina — O senhor está é fazendo fita! Me diga uma coisa só. Porque é que senhor mente tanto, hein? E me atenta tanto!

Abelardo I — Juro!

D. Cesarina — O senhor sabe que eu não posso beber champagne. Outra noite, quando dansamos aquele

Fox-Trot me poz na chuva, depois começou com aquelas graças e aquela imoralidade. O senhor não sabe que Deus não quer que a gente diga as coisas que não sente? Que é pecado mortal cubiçar a mulher do proximo? Vae pro inferno...

Abelardo I — Não. Eu já sei que vou pro purgatorio...

Dona Cesarina — A gente nunca deve dizer o que não sente. E' horrivel ser enganada!

Abelardo — E se fosse verdade! Se o meu coração se tivesse inflamado ao contagio do seu luminoso verão?

Dona Cesarina — Ora, só eu sei a idade que tenho!

Abelardo I — Meu Vesuvio!

Dona Cesarina (*rindo e ameaçando*) — Olhe, que eu ainda acendo...

MAIS TOTÓ

Totó Fructa do Conde (*aparece á direita com uma vara de pescar e um saco de bonbons na mão, absorto e pesaroso*). — Eu sou uma fracassada!

Dona Cesarina — Meu filhinho, venha cá. Benzinho do meu coração!

Totó — Não quero. (*bate o pé*) não quero. Me deixe!

Dona Cesarina — Mas venha aqui, Totó. Venha conversar com sua mãezinha! Ha quanto tempo você não me beija?

Totó — Não quero, não quero, não quero!

Dona Cesarina — O que que você vae fazer?

Totó — Não está vendo? Pescar nos penhascos. E' o meu destino!

Abelardo I — Cuidado com essa praia! Tem cada bagre!

Totó — Deus o ouça! (*aproxima-se e faz festas*) Meu futuro irmão. Que boas cores! Que idade o senhor tem hein? Sabe quel é a luva da moda? Eu agora vou dar bombons aos bagres. E' servido?

Abelardo — Eh! Obrigado, amigo! Não gosto desses peixes, não. Nem de bombons! Mas que familia!

D. Cesarina — Me dê um beijinho, Totó!

Toto (*indo pela escada do fundo*) — Não dou! Não dou! Não dou!

MENOS TOTÓ

D. Cesarina — Ah! Coitado. Depois que ele brigou com o Godofredo está outro... Magro. Enfiado...

Abelardo I — Compreendo. Essas rupturas são dolorosas... (*tomando o leque sobre a mesa*) Mas que lindo leque...

D. Cesarina (*Silencio. Retoma o leque. Sena muda*) — Me dê o leque que guarda como um cofre as suas palavras ardentes... do baile...

Abelardo I — Que guarda a mais terrivel e secreta das confissões...

Dona Cesarina — Me diga uma coisa, seu Abelardo, o senhor não tem ciumes?

Abelardo I — (*surpreso*) — Ora essa!

Dona Cesarina — Aquele alemão!

Abelardo I — Alemão? Americano. Americano e banqueiro!

Dona Cesarina — Ele anda com uns brinquedos brutos com a Heloisa!

Abelardo I — Ah E' box. Ela está aprendendo a jogar box. De vez em quando uns golpes de luta livre... Ele é campeão de tudo isso em Nova York, Wall Street!

Dona Cesarina — Pois olhe, seu Abelardo. Eu ficaria roida se alguém que eu amo tivesse aquelas liberdades com um estranho.

Abelardo I — Mas Dona Cesarina! Eu me preso de ser um homem da minha epoca! A senhora quer que eu perca tempo em ter ciumes? (*Imita dramaticamente um casal em choque*) Diga, Heloisa! Quem era aquele homem? — Eu fui lá só para dar um recado. — Foste lá! Confessas! Entraste naquela casa, naquele antro! Traiste-me, perjura! — Ah! Meu amor, que desconfiança tambem, que injustiça! Um homem feio d'aquela! Eu fui lá só por causa do recado! — Maldita! Pum! Pum! (*ri*) Oh! Oh! ah! E' isso? Essa ridicularia que divertiu e ensanguentou gerações de idiotas. E' isso... O ciume!

Dona Cesarina (*levantando-se*) — Pois se o senhor não tem vergonha, seu Abelardo, eu tenho! Olhe este leque! Este leque ainda é capaz de fazer muito estrago! (*deixa a rede*)

Abelardo I — Compreendo! E' o leque de Lady Windermere!

D. Cesarina — Seu Abelardo não me olhe assim! Eu sou ligada pelo mais doce dos sacramentos ao mais digno dos esposos. Não! Nunca! A vida de uma esposa tem que ser uma renuncia, um sacrificio, uma purificação! Por mais dolorosa...

MAIS D. POLOCA

D. Poloca (*surgindo na escada*) — Ahi hein? Que lindo par...

D. Cesarina — Com licença. Eu vou fazer servir os rabigalos.

Abelardo I — Rabigalos?

D. Cesarina — E' a tradução de *cocktail*, feita pela Academia de Letras! (*sae*)

MENOS D. CESARINA

D. Poloca (*Aproxima-se*). — Dando em cima da sogra!
Abelardo I — Que é isso, Dona Poloca? Bancando a policia especial?

D. Poloca — Ouvi tudo!

Abelardo I — Pois ouviu mal. Eu estava muito respectosamente explicando á senhora minha futura mãe que somos de duas gerações diferentes. Ela é um personagem do gracioso Wilde. Eu sou um personagem de Freud!

D. Poloca — Que?

Abelardo I — A senhora não conhece Freud? O ultimo grande romancista da burguesia?

D. Poloca — O senhor me empresta os romances dele? São inocentes?

Abelardo I — Oh! são. Não conhece “O complexo de Edipo”? E’ o meu caso!

D. Poloca — E eu seu Abelardo? Sou personagem de quem?

Abelardo I — A senhora é colaboração, Castilho e Lamartine... Babo! (*contarolando*)

Aí! Hein! Pensa que eu não sei?

D. Poloca (*indignada*) Pois o senhor é aquele cavalleiro dos Sinos de Corneville!

Abelardo I — Acertou! Porque é que a senhora ha de ser tão simpatica quando estamos a sós. E tão infame na frente dos outros?

D. Poloca — Mas como é que o senhor quer que eu proceda em sociedade?

Abelardo I — Quero que proceda humanamente.

D. Poloca — Desde quando que a humanidade é um pedaço de marmelada, seu Abelardo? Eu defendo o meu ponto de vista de tradição e de familia? Intransigentemente. Sou sua melhor amiga (*carinhosa*) em segredo. Mas não posso dar confiança em publico a um novo-rico a um arrivista, a um Rei da Vela!

Abelardo I — E se eu a fizesse a Rainha do Castiçal?

D. Poloca — Prefiro ser a neta da baronesa de Pau-Ferro. A neta pobre e invalida que sempre viveu

do pão dos irmãos e cujo resto de familia foi salvo por um... intruso!

Abelardo I — Por um intruso...

D. Poloca — Que nos tira da ruina mas tem que conhecer as diferenças sociaes que nos separam. Tenho sessenta e dois anos. Vi as poucas familias que restam do Imperio se degradarem com alianças menores. Como o meu mano que se casou com essa garça! Sei que é esse o destino da minha gente. Mas resisto é me oponho ás relações faceis e equivoacas da sociedade moderna.

Abelardo I — Me diga uma coisa, Dona Poloca, se não fosse esse avacalhamento, permita-me a expressão... E' de Flaubert!

D. Poloca — Diga decadencia. Sôa melhor!

Abelardo I — Bem! Se não fosse essa decadencia. E' realmente, é mais suave. Como é que vocês, permita a expressão, comiam...

D. Poloca — Seu Abelardo, a gente não vive só de comida!

Abelardo I — Está ahi um ponto em que eu discordo profundamente de Vossa Magestade! Não podemos mais nos entender. A senhora vive de aragens... Eu de bifes.

D. Poloca — O senhor é um burguez! Eu uma fidalga que teve a ventura de beijar as mãos de Sua Alteza a Princeza Isabel, ouviu?

Abelardo I — Mas me diga uma coisa só, Dona Polocinha, perdão, Dona Polóquinha. Em sua vida

toda, tão cheia de nobreza, nunca amou um plebeu?...

D. Poloca (*graciosa*) Em segredo. Mas nunca em publico como essa desfructavel que Deus me deu por cunhada!

MAIS HELOISA E JOANA

Heloisa — Outro flirt! Hontem era a mamãe! Hoje tia Poloca. Quantos chifres você me põe por hora, Abelardo?

Abelardo I — E' em familia (*sentam-se rindo*) Não conta!

Heloisa — Contanto que você não me engane com o Totó!

João — O Totó é a minha diferença. Já está dando em cima do Americano! Basta a gente inventar alguém, lá vem ele! — Eu sou uma fracassada!

Abelardo I — Coitado! Não leva vantagem... Está de aza partida!

João — Da outra vez tambem lá em São Paulo, ele tinha brigado com o Godofredo. Ficou doente de tristeza! E mesmo assim me tomou o Miguelão! Bandido!

Abelardo I — Mas o Americano que eu saiba aprecia o typo masculino de Heloisa. Mister Jones é lesbico!

João — O americano gosta do chauffeur. Felizmente! Olha quem vem ahi... O coronel.

Heloisa — Papae!

João — Parece o Clark Gable!

D. Poloca — Meu irmão está remoçando com essas roupas de carnaval!

MAIS BELARMINO

Belarmino — Continuo sempre a apreciar a paisagem que se descortina desta ilha encantada. Uma verdadeira ilha paradisiaca. Aliás, o Rio de Janeiro talvez seja mesmo a mais bela cidade do mundo! Deve ser! Que baía. A mais bela baía do mundo! Nem Constantinopla, nem Napoles, nem Lisboa!

Abelardo I — De facto, Coronel.

Belarmino — Lá em cima, o Corcovado com o Christo de braços abertos. Consola-me ver o Rio de Janeiro aos pés da cruz! O Brasil é mesmo uma terra abençoada. Temos até um cardeal! Só nos falta um Banco Hipotecario!

Abelardo I — Se bem que na minha opinião, o Christo devia estar um pouco mais perto de nós. Para controlar. Ouvir as nossas queixas. Assim ele fica muito longe... lá em cima...

Heloisa — Onde então Alebardo?

João — Onde?

Abelardo I — Num sitio pitoresco, cá em baixo. E proximo. Assim, no Saco de São Francisco...

Belarmino — Muito bem pensado! No Saco de São Francisco. E junto a ele um Banco Hipotecario.

Abelardo I — Para que? Não temos mais nada que hipotecar...

Belarmino — E' verdade que já estamos muito endividados...

Abelardo I — De tanga... Coronel. Como na epoca da descoberta...

Belarmino — Mas me diga uma coisa, Seu Abelardo, porque é que não pagamos as nossas dividas com café. Temos dividas. E queimamos café. Parece haver ahi um misterio! Não acha?

Abelardo I — De facto, meu futuro sogro! Café é ouro. Ouro negro! Estamos devendo e queimando ouro! Vou perguntar a Mister Jones... Estamos no fim. Na caveira.

Belarmino — Um Banco Hipotecario, meu futuro genro, resolveria a crise. Mas era preciso ser um banco forte...

Abelardo I — Um banco americano... ou inglez...

Belarmino — Perfeitamente. Depois que o Imperio sossobrou nas mãos inhabeis dos ytuanos, precisamos de capital estrangeiro. Empréstimos...

Abelardo I — E emissões...

Belarmino — Emissões tambem. Não sou contra as emissões, senhor Abelardo! Mas sabe do que precisa o povo, de tranquilidade para trabalhar. Evidentemente. Deem-lhe tranquilidade e um Banco Hipotecario e verão os resultados...

Abelardo I — Os proprios bancos nacionaes podiam se transformar... A carteira hipotecaria de qualquer deles!

Belarmino — Estão arruinados, meu amigo! Arruinados! Não aguentam os freguezes antigos. Os homens honrados não arranjam lá um níquel! Não fosse a sua nobreza invulgar, tirando-me dos apuros em que estava, com aquele empréstimo... feito com garantias puramente moraes! (*puxa um enorme lenço vermelho e enxuga os olhos e a barba*)

Heloisa — Ora Papae!

Abelardo I — Por quem é. (*Consternação*).

Heloisa — Papae...

Belarmino — Minha filha, quando te casares, quero que rezes. E sejas a mãe dos pobres, a protectora dos desvalidos...

Heloisa — Prometo papae! Onde vae agora?

Belarmino — Andar, minha filha!

Dona Poloca — Andar, andar é a vida a bordo! Este verso é de D. Pedro II!

Abelardo I — E', é! Estamos a bordo.

Belarmino. (*retirando-se declamatorio*) Que fazem os homens novos? Que fazem os homens novos!

MENOS BELARMINO

D. Poloca — Os homens novos são como o senhor... um ateu! um pedreiro livre, ouviu? E esse inglez... do chauffeur!

Abelardo I — Que fim levou o americano?

João — Decerto caiu dentro do copo de whisky!

Abelardo I — Vou salvá-o. Até já! (*sae pela direita*).

MENOS ABELARDO

Heloisa — Tia Poloca está de bossa, hoje!

D. Poloca — Eu não digo mais, porque vivo do pão alheio. Mas no meu tempo, se escolhia. A gente não se casava com um aventureiro só porque é rico e foi aos Estados Unidos.

João — Por isso é que a senhora é virgem até hoje!

Heloisa — Com sessenta e tres anos!

João — Já fez sessenta e nove!

D. Poloca — Menina! Eu chamo teu pae! Vae ver coisas inocentes, anda! Vae ver o pôr-do-sol! Vae folhear o album de photographias da familia que eu trouxe! Quem sabe se os retratos dos avós te dão um pouco de vergonha! Vae ver o Perdigoto que chegou todo de soldado. Magnifico!

João — Aquele fascista indecente!

D. Poloca — E' o unico que presta na familia!

Heloisa — Não amola titia. Anda! Bestinha!

João — Eu tenho culpa dela ser cabeçuda?

D. Poloca — No meu tempo, as meninas eram recatadas. Iam ás novenas. Rezavam o terço. Hoje é o diabo quem manda!

João — O diabo é o homem mais encantador do mundo. O homem da Vêla... de Heloisa.

Heloisa — O Rei da Vêla — Me dá um cigarro, tia

João — Não quero saber. A vela dele é que nos salvou.

D. Poloca (*fuma com Heloisa*) Eu não gosto desse homem não. Não teme Deus. E' capaz de não querer casar no religioso... Mas o Perdigoto ha de obrigar-o. Este sim é um sobrinho que vale a pena! Me ensinou a tragar.

Heloisa — Casa! Ele está mudando. Me disse hoje que casa no religioso tambem. O cardeal virá á ilha... E' uma honra! Um acontecimento!

D. Poloca — Bem. Mas ele não tem familia.

João — Nós temos demais. Eu não sei de nada, se não fosse ele... Depois que o Totó me tomou o Miguelão!

D. Poloca — Aquele turco indecente!

João — Muito bom casamento. Palacio na Avenida Paulista! Barata! Nota!

D. Poloca — Mas é um assassino!

Heloisa — E' sim João! Matou o irmão com dezoito facadas...

João — Mas foi absolvido pelo jury. Privação de sentidos.

Heloisa — E de inteligencia...

João — Estado normal. Mas se o Totó não aparecesse ele cahia. Ia me dar uma vida d'aqui! O Totó é um bandido! Me tomou o turco!

Heloisa — Esses anfibios!

João — São uns miseraveis! Se não fosse o teu rei estava eu ainda gastando o meu francez de Sion nos apartamentos e nos hoteis. E rolando de barata, fa-

zendo força contra as midinettes... Umaz safadinhas... á toa...

Heloisa — Encontrei a Mag na Avenida, num luxo. Quem diria? Aquela chapeleirinha da Rua da Bôa Vista. Um vestido roxo batata! Alucinante!

D. Poloca — Dona Etelvina escreveu?

Heloisa — Telegrafou. Vem com os convidados amanhã. Vem esfriar! Aquela romantica. Emfim, Abelardo quer gente de raça...

D. Poloca — As minhas relações são sempre melhores que as suas...

João — Outra virgem! Essa é a tal que viaja com a radiografia dos intestinos, procurando celebridades medicas para consultar!

Heloisa — E' sim...

João (*roendo a unha do polegar*) — Mademoiselle Tubagem!

Heloisa — Dona Lea vem tambem amanhã... Madame La Barone de Machadô!

D. Poloca — Aquela polaca aqui! Cinzas!

João — Polaca não, titia, po-lo-ne-sa! Muito distinta! O Decio foi vitima da propria ignorancia em geografia. Casou com ela errado.

Heloisa — Como é isso João?

João — Nesse tempo, essas senhoras eram todas francezas. Ele casou-se, pensando que era uma franceza de Paris. Mas ela não conhecia nem Marselha!

Heloisa — A Migdal tem outros portos! Mas o essencial é que ela hoje é um pilar da sociedade. Uma filântropa. Vae á missa todo dia...

João — Tem chelpa! (*começa a roer furiosamente a unha do polegar*).

Heloisa — E' da Convenção Eleitoral Feminina... Capaz de ser eleita deputada pelo partido catholico...

D. Poloca — João, não me irrites com essa unha. (*pega-lhe no braço*)

João — Deixa! Hui!

MAIS ABELARDO E O AMERICANO

Abelardo I — Que luta romana é essa?

João (*debatendo-se*) — E' essa cabeçuda dessa titia, que não quer deixar eu ter nem um vicio...

D. Poloca — Cala a boca! No meu tempo, as meninas só falavam depois dos desoito anos!

João — Uma óva. Eu sou o João das Divans. Não é Mister John? John and John! Marca nova de whisky.

O banqueiro — *Yes, darling! Glorious day!*

Abelardo I — Mas você gosta mesmo de roer unha?

João (*pulando deslumbrada*) Uhm! Uma maravilha! (*continua a roer*)

D. Poloca — Ele chega a deixar crescer a unha, para depois passar horas roendo...

Abelardo I — Eu conheço uma que começou assim e acabou mastigando um balaustre!

João (*histerica*) Deve ser divino! Ter gosto de unha!
Vou experimentar!

Heloisa (*festejando o braço do banqueiro*) — Então,
Jones. Como vão os negocios de Abelardo?

O banqueiro — Finanças domina mundo. Abelardo,
tem cheiro... Vae dar salto...

Abelardo I — No abismo...

Heloisa — Dos meus braços! Diga uma coisa, Jones,
porque é que o Brasil não paga as dividas com o
café que está queimando?

O americano — No Brasil precisa aviões... metralha-
trices... Muitos...

Heloisa — Mas para que?

O americano — Trocar por café... Oh! *Good business!*
Shut up!

Abelardo I — E' verdade! A guerra! Precisamos nos
armar para a guerra...

Heloisa — Mas contra quem?

Abelardo I — Contra qualquer pessoa! Qualquer guerra.
Externa ou interna. E' preciso dar emprego aos
desoccupados. Distrair o povo. E trocar café pelos
armamentos que estão sobrando lá fóra. As sobras
da corrida armamentista. Você não vê logo? Ou
então contra a Russia! A Russia está aporrinhando
o mundo!

João — (*liga o radio. Uma valsa de Strauss amacia o
ambiente*) — Papagaio! Toda vida Strauss! Ora!
(*Vae ligar a outra estação. O radio guincha. Abe-
lardo intervem*)

Abelardo I — Não. Deixe Straus! E' o adulterio! A voz mais pura do adulterio... Escutem!

(Liga o radio)

Heloisa — A grande guerra acabou com esses refugios...

João — Prefiro um fox...

O banqueiro — Uma fox danz. Vamos. Valz é triste!

João — Alô Jones! (*muda a estação e ao som de um fox sae grudada no banqueiro*). Até á volta. Vou ver o pico do Itatiaya.

O americano (*rindo*) — Everest! Everest!

MENOS O AMERICANO E JOÃO

D. Poloca (*escandalisada*) Menina atôa! Garota da crise! (*silencio*) Vou me vestir para o banho de mar. Me refrescar desses calores! Heloisa, Você vem... (*sae*).

Heloisa — Vou já, Titia...

MENOS D. POLOCA

(*Ouvem-se gritos ao fundo. Totó Fruta do Conde aparece na escada. Não traz nada nas mãos*).

MAIS TOTÓ

Abelardo I — Que foi?

Heloisa — Totó... Que aconteceu?

Totó — Um peixe enorme. Me tirou o anzol, os bombons. Levou tudo... Deve ter sido um tubarão.

Abelardo I — Não. De certo foi um peixe espada. Como você ficou emocionado! Que palpitações...

Totó — De certo!

Abelardo I — Pensei que você já estivesse habituado com essas pescarias...

Heloisa — Espera. Venho já (*sae pela esquerda*) Vou me vestir.

MENOS HELOISA

(*atira-se a uma cadeira*)

Totó — Eu pesco incessantemente ha tres dias. Por desgostos, seu Abelardo!

Abelardo I — Aza quebrada...

Totó — Veja só! O Godofredo! Me misturar!

Abelardo I — Isso é da vida, você se confortará, esquecerá!

Totó — Nunca! Não posso esquecer.

Abelardo I — Ora, o tempo é o grande remedio...

Totó — Inutil. Foi um caso muito serio. Depois de tamanha dedicação minha! Tres anos! Foi muito serio!

Abelardo I — Assás serio! Mas tudo passa. *Tout passe, tout casse...*

Totó — Se não fosse aquele detalhe! Imagine, eu disse ao Godofredo: Você pode me trahir com qualquer mulher. Qualquer, hein? Mas com aquela não admito! E foi justamente com ela! Tenho provas!

Abelardo I — Bem. Mas a natureza está cheia de imperativos...

Totó — E onde fica a educação, seu Abelardo? Onde ficam as convenções, os preconceitos sociaes, as diferenças de origem e de classe... Tudo isso que torna o mundo delicioso (*geme*). Me trahir com uma mulher do Mangue!

Abelardo I — Do Mangue?

Totó — Do Mangue, sim. Foi um cataclisma. Sou uma fracassada! (*levanta-se*) Os peixes me assaltam, o mar me enerva, a paisagem me amofina. Vou para o meu quarto... sim? (*sae*)

MENOS TOTÓ

Abelardo — Vae... Ophelia... Entra para um convento! (*fecha o radio*) Agora é o outro que chegou na lancha. O pau d'agua. Vem buscar dinheiro. Mais dinheiro! Passei a vida arrancando osso, pelle e sangue de meio mundo para ser explorado agora... por um fascista... colonial!

ABELARDO, PERDIGOTO

Perdigoto entra, choca as botas e faz uma saudação militar cabalística. Abelardo senta-se sem responder.

Perdigoto — Gloria!

Abelardo I — Que quer comigo?

Perdigoto (*Sentando-se a cavallo numa cadeira. Tira um cigarro. Oferece. Fuma*) Propor-lhe um negocio...

Abelardo I — Mais um? Não conhece outro endereço?

Perdigoto — E' uma transação que o interessa...

(silencio)

Abelardo I — O senhor é um crapula!

Perdigoto — Quem é o senhor para me dizer isso?

Abelardo I — Um homem que matou a fome da sua familia! Antes mesmo de entrar nela!

Perdigoto — Cão!

Abelardo I — Insulta-me?

Perdigoto — Estou habituado a isso! Na fazenda ainda uso o chicote...

Abelardo I — Mas não comigo, sabe? Insulta e maltrata os que trabalham... Os que lhe deram as belas roupas com que perde rios de dinheiro na Hipica e no Automovel Clube... Felizmente isso acabou, meu amigo. . .

Perdigoto (*cinico*) — Não jógo mais!

Abelardo I — Porque não tem dinheiro. Agora bebe. Sei que a fazenda se desorganizou durante uma semana toda! Porque o senhor que a administra em nome de seu pae foi tomar pifões de 24 horas com o administrador na Casa Grande. Foi retirado semi-vivo de uma fôrma de vomito. Sabe, um dia

os colonos hão de levantar-lhe uma estatua de vomito, depois de tel-o enforcado...

Perdigoto (*calmo*) — Irão depois ás cidades e á capital... levantar estatuas idênticas aos usurarios.

Abelardo I — Miseravel!

Perdigoto — Ladrão!

Abelardo — Diga o que quer! (*silencio*)

Perdigoto — Tenho notado lá e em algumas propriedades visinhas um descontentamento crescente entre os colonos. Eles estão ficando incontentaveis.

Abelardo I — Naturalmente... Sempre foram incontentaveis...

Perdigoto — Estão ficando insolentes, até desaforados. Ora, só ha um remedio. E' preciso castigar e metter medo. Eu tenho velhos amigos, quasi todos desoccupados... Gente disposta... Que sabe brigar...

Abelardo I — Já sei! A escoria notambula de São Paulo, os de porta de bar, os faróes de clube de jogo, os gigolôs de lupanar...

Perdigoto — Todos pertencentes a excelentes familias...

Abelardo I — Como você!

Perdigoto — Tenho um projecto. Dar-lhes occupação. Aproveital-os.

Abelardo I — Que occupação pode ter essa ralé?

Perdigoto — Uma camisa de côr basta! Armas, munições e...

Abelardo I — Dinheiro!

Perdigoto — Fóra de brincadeira. A situação obriga a isso. Organizemos uma milicia patriótica. Que acha? Nos instalaremos provisoriamente na Casa central. Combinaremos com os outros fazendeiros. Arrolaremos gente, a capangada está sempre pronta... Será o nosso quartel general. E se a colonia der um pio...

Abelardo I — Será o massacre... Processos conhecidos!

Perdigoto — Claro. Os corvos engordarão! E a paz voltará de novo sobre a fazenda antiga!

Abelardo I (*depois de um silencio*) — Quanto quer?

Perdigoto — Dez contos!

Abelardo — Sei que vae jogar esse dinheiro. Tentar uma ultima parada. Parasita! (*reflete*) Mas sua idea não é má. Não deve ser sua. Aliás é uma copia do que está se fazendo nos paizes capitalistas em desespero! (*Prepara um cheque*) Pronto! Se dentro de uma semana não estiver organizada a milicia, ponho-o na cadeia!

Perdigoto — Por ter sido seu amigo?

Abelardo I — Não, porque falsificou minha assignatura numa letra de treze contos que foi descontada por Pereira & Irmão. Desmoralizando-me com essa quantia ridicula! Mas já tomei providencias.

Perdigoto — Sabia isso tambem?

Abelardo I — Quer que lhe dê mais detalhes de sua vida?

Perdigoto (*fazendo alusão ao cheque que mostra ao sair*) — Não! Por hoje basta.

MENOS PERDIGOTO

Abelardo I — Crapulas! Sujos! Um é o Totó Fruta do Conde! O outro, este bebedo perigoso. Virou fascista agora. Minha cunhada veio sentar de mailot no meu colo para eu coçar-lhe as nadegas... com cheques naturalmente. A sogra caida... A outra velha... E eu é que devo me sentir honradíssimo... por entrar numa família digna, uma família única.

MAIS HELOISA

Heloisa — (*Entra em mailot*) Você não vae ao banho? Então todos promptos.

Abelardo I — Não vou! Estou com um pouco de dor de cabeça. Prefiro repousar. Leve esse americano dum figa... Minha cara, eu estou vendo que peguei no duro, no batente, durante dez anos, para fazer uma porção de piratas jogarem yô-yô!

Heloisa — Estás arrependido? Não te trago vantagens sociaes? fisicas? Politicas... bancarias...

Abelardo I — Mas é que as vezes, de repente perco a confiança. E' como se o chão me faltasse. Sei que as tuas relações são boas. Amanhã teremos um jantar de congraçamento sob as estrellas do pavilhão yankee. Até o mais degenerado dos teus irmãos me será util.

Heloisa — O Frutinha?

Abelardo I — Por enquanto o outro. O ebrio. Vae fundar a primeira milicia fascista rural de São Paulo. Quem vae se regalar é o tal Cristiano de Bensaude... o escritor... voce sabe. Ele vem amanhã...

Heloisa — O tal que você chamava de sociologo angelico, ia mandar fazer um samba para ele "O pirata jejuador"?

Abelardo I — (*rindo*) E'. A gente nos momentos dificeis é obrigado a fazer concessões. Depois o americano quer união, das confissões religiosas, dos partidos... E' preciso justificar perante o olhar desconfiado do povo, os ocios de uma classe. Para isso nada como a doutrina cristan...

Heloisa — Hein? Você já está assim?

Abelardo I — O catolicismo declara que esta vida é um simples transito. De modo que os que passaram mal, trabalhando para os outros, devem se resignar. Comerão no céu...

Heloisa — E os outros?

Abelardo I — Os outros não precisam nem acreditar. Podem até adoptar o scepticismo yô-yô. A vida é um eterno ir e vir... yô-yô...

Heloisa — E quando enrosca?

Abelardo I — Ahi apela-se para Schopenhauer. E imediatamente adota-se a filosofia do tiro no ouvido... Deve doer, não? O mundo então é uma miseria.

Como Deus não existe mais. Só ha um remedio.
O salto no nirvana.

Heloisa — Por isso é que você se aniquilou em mim...

Abelardo I — De facto a minha vida enroscou na sua, Heloisa. Num momento grave, em que é preciso lutar e vencer. Sem piedade. De uma maneira fascista mesmo. Vou me aliar ao Perdigoto e ao Bensaude. Eles tem utilidade.

Heloisa — Você disse que aqui isso não seria possivel.

Abelardo I — Tenho estudado melhor. Somos parte de um todo ameaçado — o mundo capitalista. Se os banqueiros imperialistas quiserem... Você sabe ha um momento em que a burguezia abandona a sua velha mascara liberal. Declara-se cansada de carregar nos hombros os ideaes de justiça da humanidade, as conquistas da civilização e outras besteiras! Organiza-se como classe. Policialmente. Esse momento já soou na Italia e implanta-se pouco a pouco nos paises onde o proletariado é fraco ou dividido...

Heloisa — Então vou já brincar de jacaré com o Americano.

Abelardo I — Vae! Ele é Deus Nosso Senhor do Arme... Brinca, meu bem. (*Heloisa sae pela esquerda. Atraz dela chamando-a, aparece, pela direita, em maillot centenário, que lhe cobre as canelas, Dona Poloca*)

MENOS HELOISA MAIS D. POLOCA

D. Poloca — Heloisa! Heloisa!

Abelardo I — (*barrando-lhe o caminho*) De novo a sós!

Sabe! Respeito-a porque a senhora é o passado puro! Que não relacha! O cerne! O cer-ne!

D. Poloca — (*lisongeada*) Chaleira!

Abelardo I — (*Depois de um silencio*) Diga, tia Coisa!

Diga-me seriamente se a senhora tivesse um milhão de dollars o que faria?

D. Poloca — Ora! Fabulista!

Abelardo I — Diga. Eu preciso saber. Eu quero saber!

Por exemplo, se eu estourasse os miolos e lhe deixasse tudo o que tenho...

D. Poloca — Quer me fazer de idiota? Não faz não!

Abelardo I — Não. Quero mesmo saber. Diga. Qual é o seu grande ideal? O que faria se recebesse um milhão?

D. Poloca — Iria á Petropolis.

Abelardo I — (*Ajoelhando-se*). Deixe-lhe beijar os pés!

Santinha! O mailot pelo menos! (*levanta-se*)

Pois olhe, ha de ser comigo. Eu lhe dou uma viagem a Petropolis! Tomaremos nós dois sozinhos a lancha. Sulcaremos a bahia. Jantaremos no Rio num grande restaurante. Mas a noite... A noite...

D. Poloca — Uma noite de amor! Nesta idade!

Abelardo I — A primeira!... Diga que aceita...

D. Poloca — Olhe que eu não sou de ferro!

Abelardo — Vou mandar preparar a lancha... E uns bolinhos.

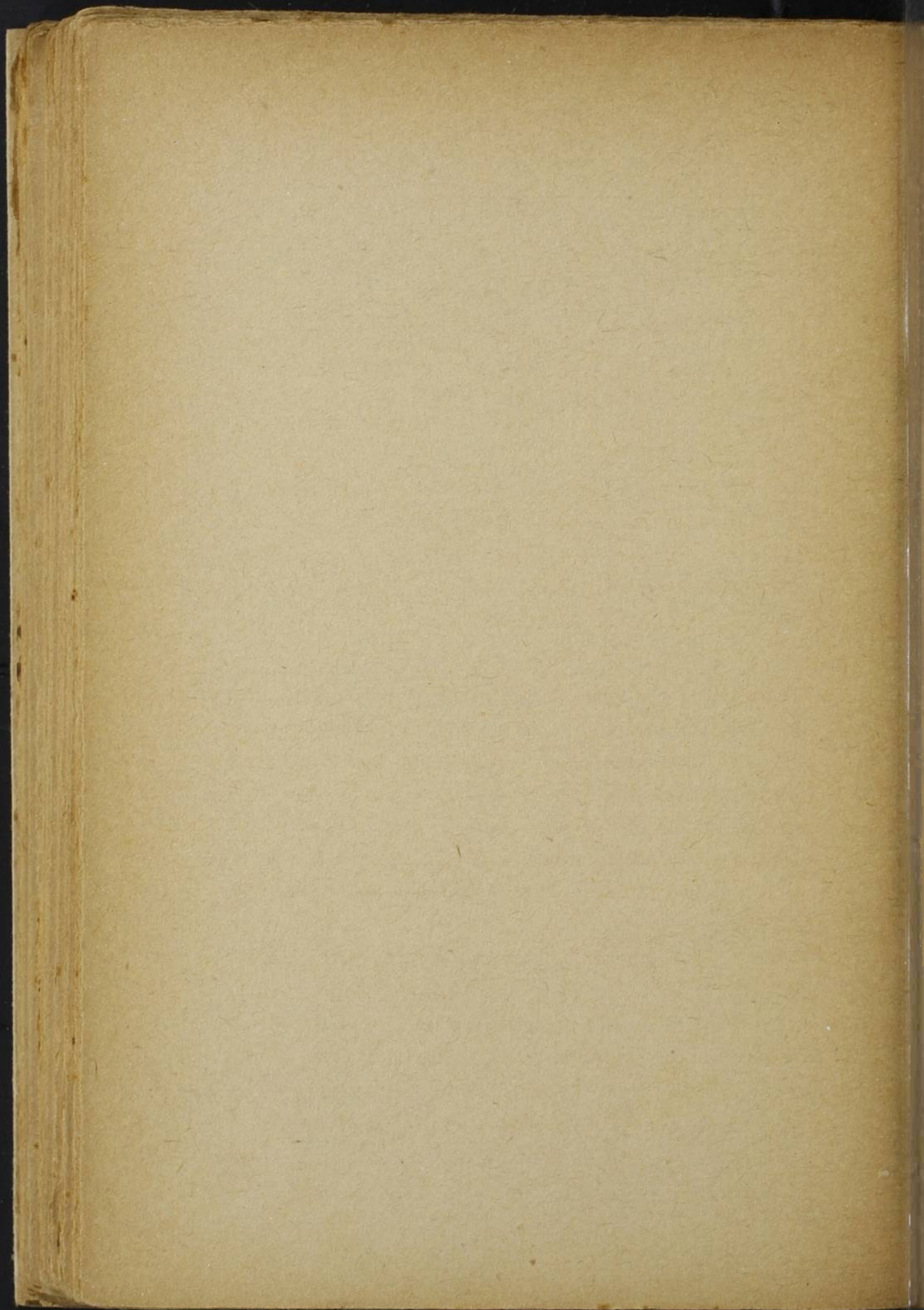
D. Poloca — Uns pés de moleque! Abá-fa!

Abelardo — Abáfa (*saindo pela direita. Atira um beijo... dois...*) Ao luar! Esta noite!

TELA

3.º ATO

O mesmo senario do 1.º ato á noite. A sena está atravancada de ferro velho penhorado a uma Casa de Saude. Uma maca no chão. Uma cadeira de rodas. Um radio sobre uma mesa pequena. A iluminação noturna vem de fóra, pela ampla janela. Heloisa se lastima prendendo com os braços as pernas de Abelardo I.



ABELARDO I — HELOISA

Heloisa — (*senta-se sobre a maca*) — Que desgraça, meu bem! Que pena! Que pena!

Abelardo I — Prefiro ser fraco... Heloisa. Você sabe porque nos iam casar. Não era decerto para fazer um menage de folinha...

Heloisa — Que pena! Meu Deus!

Abelardo I — Terás que procurar outro corretor... Você sabe... Nos casavamos para você pertencer mais á vontade ao Americano. Mas eu já não sirvo para essa operação imperialista. O teu corpo não vale nada nas mãos de um corretor arreventado que irá para a cadeia amanhã... Ou será assassinado pelos depositantes. Essa falencia imprevista vae me desmascarar...

Heloisa — Que horror! Eu não quero que você vá preso!

Abelardo I — Não ha perigo. Não irei. (*Tira um revolver dissimuladamente do bolso*)

Heloisa — E eu como é que fico? Na miseria outra vez. Eu não sei trabalhar, não sei fazer nada. E

a minha gente... Eu acabo dansando no Moulin Bleu...

Abelardo I — (*consolando-a*) — Não será preciso, meu amor. Você se casa com o ladrão...

Heloisa — (*continua a choramingar e mantém-se lastimosa e soluçante durante todo o acto*) — Qual deles? Eu já perguntei!

Abelardo I — O ultimo, o que deu a tacada final nesta partida negra em que fui vencido...

Heloisa — O americano não quer casar...

Abelardo I — Mas o outro casa. E' um ladrão de comedia antiga... Com todos os residuos do velho teatro. Quando te digo que estamos num país atrasado! Olhe, ele roubou os cheques assinados ao portador. Operou magnificamente. Mas veja, rebentou a lampada... arrombou a secretária... Deixou todos os signaes dos dedos. Para que? Se tinha furtado a chave do cofre. E' um ladrão antigo. Topa um casamento com uma nobre arruinada. Na certa!

Heloisa — Já sei! E' o seu domador! Que homenzinho horrivel, meu Deus! Eu não quero...

Abelardo I — Não sei. Quem sabe se é Rafles... Arsène Lupin, um desses que você gosta, que amava na adolescencia... Saido de Edgard Wallace, hein?...

Heloisa — Mas eu gosto de você... Você vai embora...

Para onde você quer ir... Eu também vou...
com você...

Abelardo I — Não vou não. Fico.

Heloisa — (*divisa o revolver e dá um grito*) — Largue isso, Abelardo!

Abelardo — (*defendendo a arma*) — Porque Heloisa? O ladrão que á noite passada levou o dinheiro, deixou esta arma no lugar... Fez-me um presente... O melhor que podia fazer... Viu que eu não tinha outra sahida...

Heloisa — Mas meu amor! (*levanta-se e agarra-se a ele*) Mesmo que você esteja arruinado. Mesmo que seja verdade... Você pôde ganhar ainda, recuperar... Você tão inteligente, tão ativo...

Abelardo I — Tão esperto! Olhe menina. Eu fui um porcalhão! Sabe você a quem a burguezia devia erguer estatuas? Aos caixas dos bancos! Esses sim é que são colossaes! Firmes como a rocha. Os homens que resistem á tentação da nota. Sabendo para onde ela vai, para que ela serve, donde vem, que infamias pode tecer... Os que recusam o chamado da nota! Antigamente, quando a burguezia ainda era inocente... A burguezia já foi inocente, foi até revolucionaria... Nos bons tempos do romantismo, antes do cinema devassar o mundo, acreditava-se no chamado do Oriente, esse apelo insondavel dos paises mysteriosos e tardos, onde,

no fundo — o cinema depois divulgou — só havia exploração imperialista e palmeiras, mais nada. Na época moderna, para nós, classe dirigente, minha amiga, só ha um chamado — o chamado da nota! Eu não soube resistir ao chamado da nota! Sendo Rei da Vela, banquei o Rei do Phosphoro. Também me apossei do que pude! Joguei numa terrivel aventura, todas as minhas possibilidades! Puz as mãos no que não era meu. Blefei quanto pude! Mas fui vergonhosamente batido por um coringa... Pois bem! O Rei da Vela não será indigno do Rei do Phosphoro!... (*agita o revolver*).

Heloisa — Abelardo— Não faça essa loucura. Vamos recomeçar. Fugiremos daqui para bem longe! Vamos...

Abelardo I — Recomeçar... uma choupana lirica. Como no tempo do romantismo! As soluções fóra da vida. As soluções no teatro. Para tapear. Nunca! Só tenho uma solução. Sou um personagem do meu tempo, vulgar, mas logico. Vou até o fim. O meu fim! A morte no terceiro acto. Schopenhauer! Que é a vida? Filosofia de classe rica desesperada! Um trampolim sobre o Nirvana! (*grita para dentro*) Ola! Maquinista! Feche o pano. Por um instante só. Não foi atôa que penhorei uma Casa de Saude. Mandei que trouxessem tudo para cá. A padiola que vae me levar... (*fita em*

silencio os espectadores) Estão ahi? Se quiserem assistir a uma agonia alinhada esperem! (*grita*) Vou atear fogo ás vestes! Suicidio nacional! Solução do Manguê! (*Longa hesitação. Oferece o revolver ao Ponto e fala com ele*) Por favor, seu Cireneu... (*Silencio. Fica interdito*). Vê se afasta de mim esse fosforo...

O ponto — Não é mais possível!

Abelardo I — Como? Não é possível? O autor não ligaria... Então?

O ponto — Mas a crise... A situação mundial... O imperialismo. Com o capital estrangeiro não se brinca!

Abelardo I — Está bem. (*para Heloisa*) Tu, meu cravo de defunto, dá-me o ultimo beijo! (*enlaçam-se*).

O pano encobre a sena. Ouve-se um grito terrível de mulher e uma salva de sete tiros de canhão. Quando reabre, Heloisa soluça jogada sobre a maca. Abelardo está caído na cadeira de rodas que centraliza a sena. O telefone resoa. Ela soluça. Silencio prolongado. O telefone insiste.

Abelardo I — Não atenda... E' o ladrão. Está telefonando para ver se eu já morri. Truque de cinema. Mas como no teatro não se conhece outro, ele usa o mesmo. Virá até aqui. Para nós o identificarmos! Olhem! (*Ouve-se um ruido á direita*) E' ele! Pssit! Heloisa! Pára de chorar! (*Silencio absoluto*)

o ruido cresce, persiste. Abelardo arqueja e acompanha com enorme interesse. Sorri) Barulho de gazua! E' ele! (a porta estala. Abelardo II surge, embuçado, de casquete, exageradamente vestido de ladrão. Tirou os bigodes de domador. Traz nas mãos uma lanterna surda. Deixou o monoculo. E' quasi um gentleman).

OS MESMOS E ABELARDO II

Abelardo I — Meu alter ego! Foi um suicidio autentico. Abelardo matou Abelardo.

Abelardo II — (*fingindo-se possesso de surpresa, deixa rolar a lanterna, enquanto Heloisa na mesma posição, recomeça os soluços interminos*) — Mas que houve? Que foi? O que é isso? Meu Deus. (*Aper-ta o botão da luz*). Curto circuito!

Abelardo I — Não. Foi você que quebrou. Ladrão de primeira viagem! Fez bem! Pouparemos a luz electrica. A conta do mez passado foi alta demais! Acenda todas as velas! Economia em regressão. As grandes emprezas estão voltando á tração animal! Estamos ficando um paiz modesto. De carroça e vela! Tambem já hipotecamos tudo ao estrangeiro, até a paisagem! Era o paiz mais lindo do mundo. Não tem agora uma nuvem desonerada... Mas não irá ao suicidio... Isso é para mim.

Abelardo II — Porque fez essa loucura?

Abelardo I — Um homem não tem importancia... A classe fica. Resiste. O poder do espiritualismo. Metempsicose social...

Abelardo II — Quer que chame um medico?

Abelardo I — Para que? Para constatar que eu revivo em você? E portanto que Abelardo rico não pagará a conta de Abelardo suicida?

Abelardo II — Póde salvar-se ainda. Como fica essa pobre moça... No desamparo (*Heloisa soluça fortissimo*) Quer um padre? Póde ainda realizar o casamento...

Abelardo I — Que necessidade tem você de casar com a minha viuva... Vae tel-a virgem! e de branco...

Abelardo II — Virgem! Heloisa virgem! (*Heloisa diminue os soluços*)

Abelardo I — Se o americano desistir do direito de pernada...

Abelardo II — De pernada?

Abelardo I — Sim, o direito á primeira noite. E' a tradição! Não se afobe, pequeno burguez sexual e imaginoso! Não se esqueça que estamos num paiz semi-colonial. Que depende do capital estrangeiro. E que você me substitue, nessa copa nacional! Diga, onde escondeu o dinheiro que abafou?...

Abelardo II — Que dinheiro?

Abelardo I — O nosso. O que sacou ás dez horas precisas da manhã. O dinheiro de Abelardo. O que

troca de dono individual mas não sae da classe. O que atravez da herança e do roubo, se conserva nas mãos fechadas dos ricos... Eu te conheço e identifico, homem recalçado do Brazil! Producto do clima, da economia escrava e da moral deshumana que faz milhões de onanistas desesperados e de pederastas... Com esse sol e essas mulheres!... Para manter o imperialismo e a familia reacionaria. Conheço-te, féra solta, capaz dos peores propositos. Febronio dissimulado das ruas do Brasil! Amanhã, quando entrares na posse da tua fortuna, defenderás tambem a sagrada instituição da familia, a virgindade e o pudor, para que o dinheiro permaneça atravez dos filhos legitimos, numa classe só...

Abelardo II — Eu sempre defendi a tradição... e a moral...

Abelardo I — E defende tambem a casa feudal!... Se salvares a fazenda das unhas militarizadas do Perdigoto, conserva a Casa da familia. Não reformes nada! A casa feita para ter muitos creados, um resto de mucamas e negras velhas, lembrando o tronco! E um grande quarto frio para dois seres que se traem e se detestam dormindo na mesma cama e orando no mesmo oratorio. A casa antiga, colonial, um mundo que resiste! Mais que eu... Foi a bala do cano que penetrou profundamente, a primeira... As outras rodearam o coração! Que dôr... Decerto é porque o coração

ficou intacto... O coração, esse utero do homem, onde a gente gera os filhos mais caros... a ambição, o amor, o desespero, a vontade de viver... a literatura... Escuta, Abelardo! Abandonaste o socialismo?

Abelardo II — Faça-lhe presente dele!

Abelardo I — Mas eu não aceito. Neste momento eu quero a destruição universal... O socialismo conserva...

Abelardo II — Virou bolshevista! São todos assim... Quando era o grande milionario e emprestava a 15% ao mez e eu lhe falava dos ideaes humanitarios e moderados do socialismo, caçoava. Conhecia tudo, lia tudo, mas se ria... Agora...

Abelardo I — Sempre soube que só a violencia é fecunda... Por isso despresei essa contrafação. Cheguei a preferir o fascismo do Perdigoto. Mas agora eu queria outra coisa...

Abelardo II — O comunismo...

Abelardo I — Para te deixar um veneno pelo menos misturado com Heloisa e os meus cheques. Deixo vocês ao americano... E o americano aos comunistas. Que tal o meu testamento?

Abelardo II — São todos assim como você, passam para o outro lado quando estão arruinados!

Abelardo I — E' um erro teu! Se todos fossem como o oportunista cinico que sou eu, a revolução social nunca se faria! Mas existe a fidelidade á miseria!

Eu estou saindo da luta de classes... já está ahi a maca onde o meu corpo vestido e inerte substituirá o corpo voluptuoso de Heloisa... Mas se sarrasse... regressava á arena na posição que ocupei. Não adheria... Talvez mudasse de dono. Voltava a trabalhar para o imperialismo inglez..

Abelardo II — Pão duro...

Abelardo I — Pão amanhecido!

Abelardo II — Eu fui o teu obstaculo!

Abelardo I — Mas a tua vida não irá muito além desta peça...

Abelardo II — Me matas?

Abelardo I — Para que? Outro abafaria a banca. Somos uma barricada de Abelardos! Um cae, outro o substitue, enquanto houver imperialismo e diferenca de classes...

Abelardo II — Ora, que sujeito! Fazendo visage na hora da morte!

Abelardo I — Não sou nem sequer um demagogo. Esta sena é ainda um episodio da concorrência. Uma briga burgueza. Eu quero mesmo depois da morte, te suplantar na memoria dela que vai ser tua mulher.

Abelardo II — Minha mulher?

Abelardo I — Como meu irmão será o teu advogado!

(Silencio)

Abelardo II — (*calculando*) Ele conhece o sistema da casa...

Abelardo I — Somos uma historia de vanguarda. Um caso de burguezia avançada...

Abelardo II — Num paiz medieval!

Abelardo I — O calculo frio é a nossa honra. O systema da casa! Não morro como um convertido. Se sarasse ia de novo lutar pela nota. Ia ser peor do que fui. E mais precavido. A nevrose do lucro! Quem a conhece não a larga mais. E' a mais bela posição do homem sobre a terra! Nenhuma militancia a ella se compara. Nenhuma religião. Se vejo com simpatia neste minuto da minha vida que se exgota, a massa que sairá um dia das catacumbas das fabricas... é porque ela me vingará... de você... Que horas são? Moscou irradia a estas horas. Você sabe! Abra o radio. Abra. Obedeça! E' a ultima vontade de um agonizante de classe!

Abelardo II — (*obedecendo*) — Ondas curtas. 25, onda de má reputação. Quantas vezes escutei isso...

Abelardo I — E' o vasio debaixo dos pés, o abismo aberto... a catastrophe! (*Silencio. Ouvem-se os sons da Internacional*) o hino dos trabalhadores...

Abelardo II — A Internacional...
(*A musica termina*).

Uma voz no radio — Proletarios de todo o mundo univos! Aqui fala Moscou. Mos... (*Abelardo II com um pé vira o aparelho que se cala*).

Abelardo I — Ah! Ah! Moscou irradia no coração dos oprimidos de toda a terra!

Abelardo II — Sujo! Demagogo!

Abelardo I — Calma! Não és parecido com o Jujuba, sinão no físico. Vou te contar a historia do Jujuba! Era um simples cachorro! Um cachorro de rua... Mas um cachorro idealista! Os soldados de um quartel adoptaram-no. Ficou sendo a mascote do batalhão. Mas o Jujuba era amigo dos seus companheiros de rua! Na hora da boia, aparecia trazendo dois, tres. Em pouco tempo, a cachorrada magra, suja e miseravel enchia o pateo do quartel. Um dia, o major deu o estrilo. Os soldados se opuzeram á saída da sua mascote! Tomaram o Jujuba nos braços e espingardearam os outros... A cachorrada vadia voltou para a rua. Mas quando o Jujuba se viu solto, recusou-se a gozar o privilegio que lhe queriam dar. Foi com os outros!

Abelardo II — Demagogia!

Abelardo I — Não. Ele provou que não! Nunca mais voltou para o quartel. Morreu batido e esfomeado como os outros, na rua, solidario com a sua classe! Solidario com a sua fome! Os soldados ergueram um monumento ao Jujuba no pateo do quartel. Comprehenderam o que não trae. Eram seus irmãos. Os soldados são da classe do Jujuba. Um dia tambem deixarão atropeladamente os quarteis. Será a revolução social... Os que dormem nas soleiras das portas se levantarão e virão aqui procurar o usurario Abelardo! E hão de encontral-o, . . .

Abelardo II — Os soldados são patriotas! Os soldados amam o Brasil. Viva o Brasil!

Abelardo I — Mas o Brasil não ama os seus soldados! Eles ganham o que por mez? Para defender os que ganham vinte contos por semana como o americano! E eu e você, os lacaios dele! Antes de Christo, Tiberio Gracco já dizia dos soldados romanos: — Chamam-os de senhores do mundo, mas eles não têm sequer uma pedra onde encostar a cabeça! E' verdade! Eu tambem não tenho mais nada. Castiguei a traição que fiz á minha classe. Era pobre como o Jujuba! Mas não fiz como ele... Acreditei que isso que chamam de sociedade era uma cidadela que só podia ser tomada por dentro, por alguem que penetrasse como você pennetrou na minha vida... Eu tambem fiz isso. Trahi a minha fome... (*Silencio. Ouve-se a respiração do agonizante*)

Abelardo II — Sente-se melhor?

Abelardo I — Não tenha receio. Sinto como se sonhasse que estava tendo uma congestão cerebral... Um poeta disse: — Se alguma coisa já exaltou o homem foi a palavra — liberdade! A luta pela liberdade... A luta pelo dinheiro... Só o dinheiro dá a liberdade. A liberdade de amar, de matar, de mentir, de estuprar... (*ouve-se um barulho de automovel estertorar lá fóra passando*) Feche a janela! Não quero ouvir esses sinos! Quero pagar tudo! A' vista!

Abelardo II — Mas que sinos?

Abelardo I — Não quero ouvir. Feche! Não quero nada de graça... Não admito. Sino é de graça...

Abelardo II — Está delirando... (*Heloisa soluça alto de novo*)

Abelardo I — Pago tudo! Sino é a unica coisa que a Igreja dá gratis! Não quero! Pago tudo! Adeantado! Missa de corpo presente! Sinos não quero! Abelardo! Abra a jaula... Chicoteie!... Páre essas vozes!... Abra a jaula!... Abra!

Abelardo II (*faz correr a porta de ferro*) — Pronto! (*Silencio. Soluços.*).

Abelardo I — Não deixe eles falarem mais (*escuta*) o que? Que vou ser protestado! Virei um papagaio protestado? Sem reforma? Cães! Rua! Chicoteie, Abelardo!

Uma voz — (*grossa, terrificante, da porta escancarada que mostra a jaula vazia*) — Eu sou o corifeu dos devedores relapsos! Dos maus pagadores! Dos deshonrados da sociedade capitalista! Os que têm o nome tingido para sempre pela má tinta dos protestos! Os que mandam dizer que não estão em casa aos officiaes de justiça! Os que pedem envergoadamente tostões para dar de comer aos filhos! Os desocupados que esperam sem esperança! Os aflitos que não dormem, pensando nas penhoras (*grita*) A Amé-ri-ca - é - um - ble - fe!!! Nós todos mudamos de continente para enrique-

cer. Só encontramos aqui escravidão e trabalho! Sob as garras do imperialismo! Hoje morremos de miseria e de vergonha! Somos os recrutados da pobreza! Milhões de falidos transatlânticos! Para as nossas famílias, educadas na ilusão da América, só ha a escolher a cadeia ou o rendez-vous! Ha o sui-cídio também! O sui-cídio...

Abelardo I — E' a revolução... Fogo! Façam fogo...
(*Silencio pesado. Os soluços de Heloisa augmentam*).

Abelardo II — Está morrendo. A minha vida começa!

Abelardo I — A val... a... (*Heloisa soluça de novo forte*)

Abelardo II — Compreendo. A vala comum... Não ficou nada. Nem para o enterro nem para a sepultura. A casa ia mal ha muito tempo. Coitado! Negocios com estrangeiros... Ele que tinha mandado fazer aquele projeto de tumulo fantasmagorico... Com anjos nus de tres metros...

Abelardo I — A val... a! (*gesticula impotentemente*)

Abelardo II — O que! Quer alguma coisa? Que dê o signal de crime? Não! E' cedo ainda. Vae querendo!

Abelardo I — Não... (*Mostra com signaes alguma coisa que deseja*)

Abelardo II — O telefone! Não. Um copo d'agua?

Abelardo I — (*num esforço enorme*) A vela!

Abelardo II — Ahn! Quer morrer de véla na mão?
O Rei da Vela. Tem razão! (*Abre o mostruario. Tira uma velinha de sêbo, a menor de todas. Acende-a*) Não quer perder a magestade. Vou pôr na-
quele castiçal de ouro! (*Silencio. Soluços. A se-
na emerge da luz frouxa da vela que Abelardo II
colocou no castiçal de latão. Num ultimo arranco o
moribundo deixa cahir a cabeça para traz e a vela
ao chão onde tomba tambem e permanece de
borco*).

Heloisa (*levantando-se entre soluços enormes*) — Abe-
lardo! Abelardo!

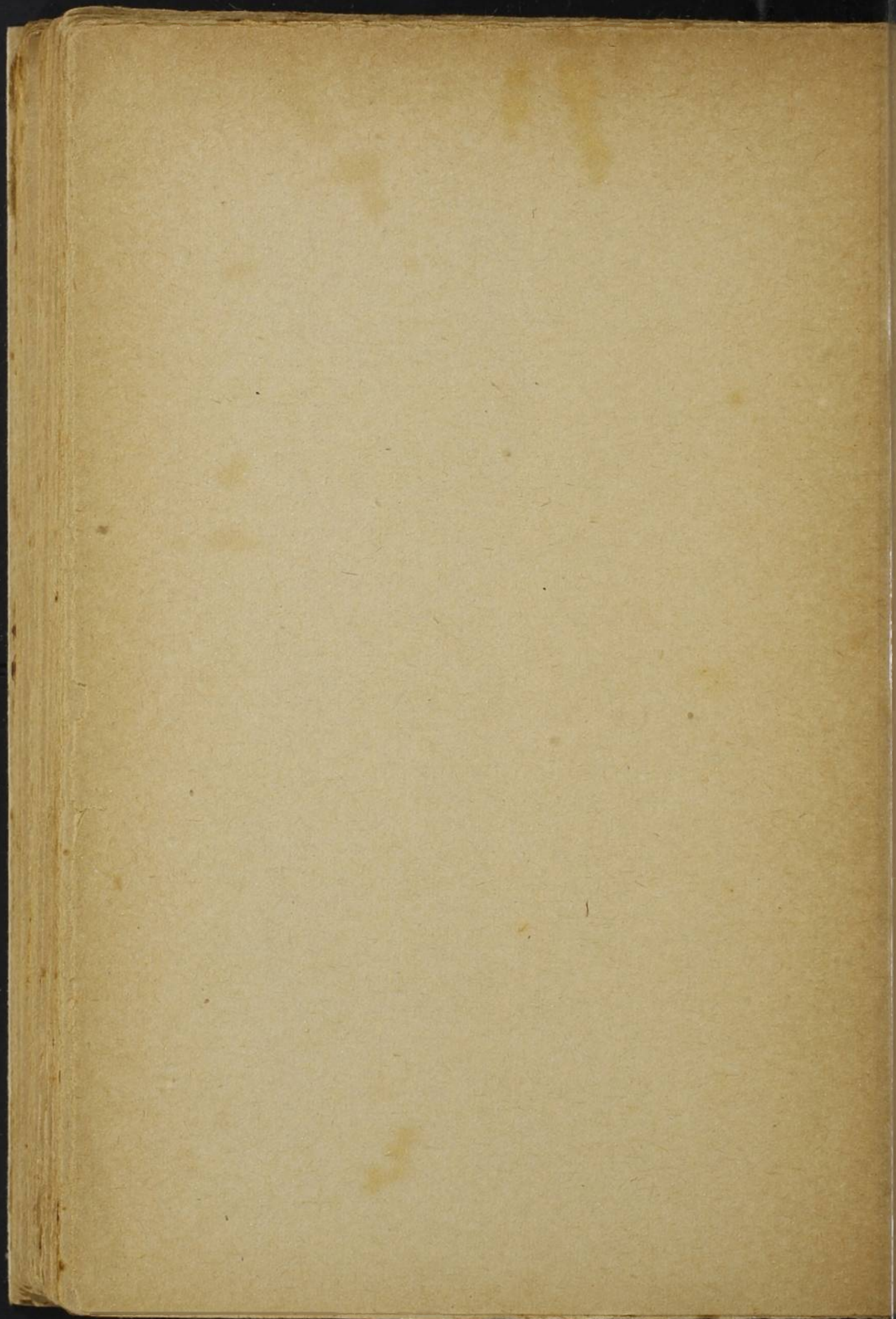
Abelardo II — Heloisa será sempre de Abelardo. E'
classico!

Heloisa hesita um instante perto do morto, depois ampara-se sobre o hombro de Abelardo II que a mantem estreitamente no centro da sena. Ouvem-se os acordes da «Marcha Nupcial» e uma luz doce focaliza o par. Aparecem então em fila, vestidos a rigor, os personagens do 2.º ato que, sem dar atenção ao cadaver, cumprimentam o casal enluarado, atravessando ritmadamente a sena e se colocando por detraz dele, ao som da musica. O fascista sauda á romana. O americano é o ultimo que aparece e o unico que fala.

O americano — *Oh! good business!*

TELA

★ Este livro foi composto e impresso na Empresa Gráfica da “Revista dos Tribunais”, á rua Xavier de Toledo, 72, S. Paulo, para a Livraria JOSÉ OLYMPIO Editora — Rio de Janeiro, em Julho de 1937.



23990

USINA

de José Lins do Rego

E vista destas alturas, a obra de José Lins do Rego assume uma importância como talvez não tenha nenhuma outra de ficção em nossas letras.

MANOEL BANDEIRA

Usina, que encerra o ciclo dos romances de José Lins do Rego, é o mais realizado, mais substancial romance da série. Seria, só por si, um livro de envergadura.

TASSO DA SILVEIRA

Usina, fecha admiravelmente o ciclo da cana de açúcar e atinge a mesma intensidade dramática, o mesmo vigor descritivo, a mesma força poética de Banguê. Com êle o sr. José Lins do Rego coloca-se entre os maiores escritores brasileiros.

OCTAVIO TARQUINIO DE SOUZA

José Lins do Rego é, sem favor, um dos expoentes da geração contemporânea no mundo das letras. Com justa razão pode o Nordeste orgulhar-se d'êle.

ANTENOR NASCENTES

O novo romance, Usina, de José Lins do Rego, destaca-se entre todos os que já escreveu por lhes ser superior sob varios aspêtos: na técnica da construção, na variedade de planos, na fixação mais segura dos traços característicos dos inúmeros personagens, na apresentação mais viva e mais pungente de conflitos morais, economicos e sociais.

RODRIGO M. F. DE ANDRADE

O sr. José Lins do Rego completou com Usina de maneira magistral o ciclo dos seus romances sobre a cana de açúcar.

JAYME DE BARROS

Os romances de José Lins do Rego são portanto da maxima atualidade. Revelam as necessidades sociais de parte do Brasil. O seu conjunto é um hino sincero de nacionalismo.

RENATO MENDONÇA

Tudo, neste romance, sente-se bem, é real, tudo é vivido.

PLINIO BARRETO

O romance Usina que o sr. José Lins do Rego acaba de publicar é talvez o mais intenso de todos os seus livros; pelo menos o de uma imaginação mais audaciosa — o seu livro de mais arrojo dramático.

OLIVIO MONTENEGRO

Algumas opiniões sobre **OSWALD DE ANDRADE**

"Teu espirito é uma chama purificadora, um generoso incendio em marcha. Tens o dedo agil dos creadores, dos homens tumultuosos que estão ácima do bem e do mal".

RONALD DE CARVALHO

"Para mim não deve haver modelos. Mas querendo seguir um, a meninada deve seguir Oswald de preferencia a qualquer outro".

ANTONIO DE ALCANTARA MACHADO

"...você tem o tumulo de Tutan-Kamen sob as areias de um aparente amadorismo".

RIBEIRO COUTO

"Oswald de Andrade com o "Pau Brasil", marcou definitivamente uma época na poesia nacional".

JOÃO RIBEIRO

"Oswald de Andrade é o verdadeiro filete da corrente nova".

CARLOS DE LAET

"...dos que mais hão de marcar nas nossas letras."

TRISTÃO DE ATAYDE

Oswald na sua vibração continua, na sua intelligencia trepidante, na sua intelligencia electrica, no tumulto das suas imagens, das suas palavras que atropelam como automoveis, é uma cidade, uma capital, um paiz. Oswald ó o Brasil, o Brasil que se multiplica, o Brasil enorme, o Brasil que chega até Paris.

ANTONIO FERRO

São Paulo é um meio muito rico de vitamina mentaes e só lá era possível que o gesto de Oswald creasse escola. Assim é que brotou do Bom Retiro, Braz Bexiga e adjacencias uma legião de asseclas. Como sempre acontece, poucos dos legionarios comprehenderam o alcance da "batalha de Ernani" oswaldina, puro "meio" para a consecução de um "fim". Atrapalhar para Oswald, era o meio de conseguir descrytallizar a mentalidade. Só. Mais nada. Ella depois que creasse o que lhe apossesse, livremente, sem nenhum dogma, nenhum quadro, nenhuma autoridade que a constrangesse.

MONTEIRO LOBATO